



UNIVERSIDADE D
COIMBRA

Rui Trindade e Silva Alvim Cardoso

OUTRAS FORMAS DE SER ARQUITETO NO SÉCULO XXI

UMA REFLEXÃO ÀS ALTERNATIVAS DO CAPITALISMO E AOS SEUS MEIOS DE PRODUÇÃO NA ARQUITECTURA

Dissertação no âmbito do Mestrado Integrado em Arquitectura,
orientada pelo Professor Doutor Armando Rabaça
e apresentada ao Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia
da Universidade de Coimbra.

Julho de 2019

Outras formas de ser Arquiteto no século XXI

Uma reflexão às alternativas do capitalismo e aos seus meios de produção na Arquitectura.

A ti mãe, pela correção;
A ti João, pelas referências;
A ti Giova, pelo espaço;
A ti lina, por tudo;
A ti alREvés, pela aprendizagem;
A você professor, pela orientação.

Nota à edição:

A presente dissertação segue o novo Acordo Ortográfico.

As citações apresentadas são as originais. Em nota de rodapé é possível consultar a versão em português, traduzida livremente pelo autor.

Resumo

O presente exercício tem como principal objetivo aprofundar uma aprendizagem pessoal, dando a conhecer algumas das formas não convencionais do mundo da arquitetura predominante. Abrindo-te a ti, estudante de arquitetura, o olhar à nossa disciplina e às alternativas que resistem ao ofício mercantilizado.

A escola, como estrutura reprodutora de futuros profissionais que servem ao mercado que impera, tende a estereotipar a disciplina, o seu uso, métodos e formas. Sendo parte da grande máquina económica e dos seus modelos de desenvolvimento, a disciplina e o papel do arquiteto vêem-se influenciados e determinados por métodos académicos e de interesses económicos.

Para compreender, ao longo desta dissertação, evidenciar-se-á que existem outras formas de nos podermos situar como arquitetos, através de análises objectivas e referências bibliográficas complementares. Primeiro, abordar-se-á a “evolução da economia” mundial e a sua relação com a indústria e com a educação. Desta maneira, tentar-se-á compreender o porquê da situação actual tanto no ensino em geral, como nas escolas de arquitetura em particular, e como estas se vêem determinadas por condições e contextos económicos, afastando-se totalmente das realidades e necessidades sociais.

Com o objectivo de criar um constante diálogo entre crítica, análise construtiva e fundamentos sólidos, procurar-se-á desenvolver exemplos posteriores ao contexto académico, sobre práticas pouco convencionais e que oferecem soluções alternativas ao sistema económico presente na nossa disciplina.

Viajaremos pelo mundo à procura destas outras práticas escolares, como é o caso de Ha Baixa da Escola de Coimbra em Portugal, Rural Studio da Escola de Alabama nos EUA e Arquitectos de Cabecera da Escola de Barcelona em Espanha, assim como exemplos de um outro posicionamento de ser arquiteto. Na esfera privada estudaremos Santiago Cirujeda em Espanha e Patrick Bouchain em França; no cooperativismo a Cooperativa Lacol de Barcelona e as Cooperativas de Vivienda de Uruguay. Já na esfera pública estudaremos o caso de Marinaleda, a aldeia comunista de Andaluzia, em Espanha.

Com isto, espero que te aproximes a uma conclusão que pretende desenvolver uma crítica à nossa disciplina: a arquitetura. Definida, desde o meu ponto de vista, como um possível conceito aberto de “escola ideal” e de uma posição coerente, no tão aclamado “papel de Arquitecto”.

Abstract

The main objective of this exercise is to deepen personal learning, making known some of the unconventional forms of the predominant world of architecture. Opening to you, architecture student, a look at our discipline and the alternatives that resist the commercialized trade.

The school, as the reproductive structure of future professionals subservient to the prevailing market, tends to stereotype the discipline: its use, methods and forms. Being part of the great economic machine and its development models, the discipline and role of the architect will be disrupted and determined by academic methods and economic interests.

Throughout this paper, I will give evidence that there are other ways to position ourselves as architects, through objective analysis and complementary bibliographical references. First, we will address the "revolution of the world economy" and its relationship with industry and education. In this way we will try to understand the current situation, both in education in general and in schools of architecture in particular, and how they are determined by economic conditions and contexts, distancing themselves totally from social realities and needs.

With the aim of creating a constant dialogue between sarcastic criticism, constructive analysis and solid foundations, we will seek to develop examples after the academic context, about unconventional practices that provide alternative solutions to the economic system present in our discipline.

We will travel around the world in search of these other academic practices, as is the case of Ha Baixa of the School of Coimbra PT, Rural Studio of the School of Alabama USA, and Arquitectos de Cabecera of the School of Barcelona ES, as examples of another way of being an architect. In the private sphere we will study Santiago Cirujeda ES and Patrick Bouchain FR, in the cooperative we will study the Cooperativa Lacol of Barcelona and the Cooperatives of Housing of Uruguay. In the public sphere we will study the case of Marinaleda, the communist town of Andalusia, Spain.

With this, I hope that you approach a conclusion that attempts to develop a critique of our discipline: architecture. Defined, from my point of view, as the concept of "ideal school" and a coherent positioning in the so-called "role of the Architect".

Sumário

Contextualização Pessoal	13
Estrutura	17
Introdução	21

PARTE I

Exposição: Num assumido mundo capitalista e neoliberal	21
1.1 Liberalismo económico clássico e educação	23
1.2 O Keynesianismo e a educação	25
1.3 A época de ouro da economia da educação	25
1.4 Neoliberalismo e educação	27

PARTE II

Análise:

A. as escolas de arquitetura criam um estereótipo de arquiteto não flexível o suficiente para se adaptar a todas as necessidades e realidades existentes	29
2.1 A disciplina incompreendida	33
2.2 Arquitetura, um bem de consumo	37
2.3 Arquitetura, economia e indústria	43
2.4 Economia do ensino da arquitetura	49
2.5 Que é então este arquiteto estereotipado?	51
B. aceitando exceções.	53
2.6 O caso de Há Baixa (PT)	57
2.7 O caso de Rural Studio (USA)	67
2.8 O caso de Arquitetos de Cabeceira (ES)	85
2.9 Conclusão	101

PARTE III

Desenvolvimento: **No entanto, existem outras formas de ser arquiteto, formas que a escola por vezes esquece e que nesta tese serão desenvolvidas.** 105

A. Desde o privado 109

3.1 O caso de Patrick Bouchain (FR) 113

3.2 O caso de Santiago Cirugeda (ES) 127

B. Desde o cooperativo 143

3.3 O caso do Uruguai (UY) 159

3.4 O caso da Cooperativa Lacol (ES) 171

C. Desde o público 191

3.5 O caso de Marinaleda (ES) 195

PARTE IV

Conclusão 205

Referências Bibliográficas 209

Referências Fotográficas 215

Acendalha

“La educación es el motor que promueve la competitividad de la economía y el nivel de prosperidad de un país. El nivel educativo determina su capacidad de competir con éxito en el juego internacional y de afrontar los desafíos que se planteen en el futuro. Mejorar el nivel educativo de los ciudadanos supone abrirles las puertas a puestos de trabajo de alta calificación lo que representa una apuesta por el crecimiento económico y por conseguir ventajas competitivas en el mercado global”¹.

¹ Primeiro Parágrafo do Anteprojeto Lei LOMCE (lei orgânica para a melhoria da qualidade educativa). Espanha, 2012:

"A educação é o motor que promove a competitividade da economia e o nível de prosperidade de um país. O nível educativo determina a sua capacidade de competir com êxito no jogo internacional e de enfrentar os desafios que se proponham no futuro. Melhorar o nível educativo dos cidadãos supõe abrir-lhes as portas a postos de trabalho de alta qualificação o que representa uma aposta no crescimento económico e por conseguir vantagens competitivas no mercado global."

Contextualização Pessoal

Antes de começar a contextualização pessoal gostava de explicar-te o porquê de que esta existe. Os trabalhos académicos estão carregados de dados impessoais que sempre se distanciam dos valores e sentimentos do autor. Parece-me que deveríamos tentar algo diferente, começar por compreender a minha situação pessoal e a relação com o porquê desta tese. Começemos.

A tarefa de escrever uma tese é um tanto desmotivadora só pelo facto de que terminará ao lado de tantas outras, na prateleira já dobrada da biblioteca da escola. No entanto, motivei-me pensando que te poderia interessar, visto que abordarei temas que (talvez) nunca ouviste no teu percurso académico. Criando uma pequena generalização; eu, tal como o tu, entrei nesta carreira sem compreender muito bem o que é ser um arquiteto. E pergunto-me, o que é a arquitetura a final?

Rapidamente no primeiro ano, entendi que realmente gostava de jogar com volumes, cortar cartão prensado e projetar casas para clientes fictícios que aceitariam todos os meus desejos. Parecia um exercício sedutor e bastante interessante. O meu percurso foi um pouco peculiar, fiz talvez o oposto do que o sistema espera de um estudante. Ao contrário de ir melhorando o meu desempenho e produtividade, fui piorando. Desde o primeiro dia que quis dar o máximo de mim, um esforço constante inumano para alcançar os melhores resultados, mesmo que isso pudesse custar três noites sem dormir por semana. Tudo para ter a nota mais alta possível, o 18.

O terceiro ano, que dizem ser o primeiro ano real de arquitetura, onde as paredes negras aparecem com estereotomias bonitas e quase impossíveis de construir, onde a escala 1/10 aparece como o nosso maior inimigo, onde afinal a estrutura sim é necessária. Foi, para mim, o ano de viragem: quando entendi que a arquitetura deveria ser mais consciente e coerente, muito mais do que eu poderia absorver e observar (nota que estas duas palavras são escritas com as mesmas letras) dentro das paredes 'darquianas' . Com esta inconformidade que crescia consideravelmente por mês e com a compreensão de um número mínimo de companheiros, nasce a Há Baixa.

No ano seguinte comecei a tentar compreender a melhor estratégia para fazer o mínimo dentro da escola e dedicar-me realmente ao que me fazia crescer como arquiteto e como pessoa: o Há Baixa. Este projecto aparece como uma tentativa de abrir a sala de aula para a cidade, uma tentativa de arrancar o aluno do livro, do powerpoint e realmente observar e absorver o mundo. Não quero que me interpretes mal, a teoria e o exercício de projectar são fundamentais para a nossa aprendizagem como arquitetos. No entanto são as formas fechadas de ensino que a escola adopta que podemos questionar. O que a equipa do HAB defende é que, para ter uma compreensão total da disciplina é estritamente necessário sair da escola e conhecer a parte prática da nossa disciplina. Prática não significa neste caso fazer cimento ou instalar uma sanita, na nossa visão, a componente prática significa entender inúmeras questões que dentro da escola tornam-se difíceis de entender: será importante para a disciplina de arquitetura entender o que significa a relação entre arquiteto e cliente? Como são as burocracias municipais para normalizar uma construção? Já te explicaram os processos da indústria? E os tempos, dificuldades, metodologias ou formas de construção? Para tudo isto, o HAB queria chamar a atenção. Mas não acho que o objectivo tenha sido alcançado.

Não muito satisfeito e aproveitando o incrível programa erasmus, terminei no Chile. Cheguei a este país como cheguei à arquitetura, sem saber porquê. A Escola de Desenho e Arquitetura da Pontifícia Universidade Católica de Valparaíso é conhecida pela relação da arquitetura com a poesia e pela existência de uma componente prática muito forte (desculpa, construção). Rapidamente entendi que não me identificava com esta pobre metodologia.

A possibilidade de pertencer a um programa de erasmus é uma ferramenta do sistema educativo que permite a abertura de infinitas oportunidades, e foi exatamente isso que quis aproveitar ao máximo. Com amigos, tivemos a sorte de poder intervencionar num terreno abandonado, no coração de um dos bairros residenciais mais antigos da cidade de Valparaíso. Desta divertida experiência nasceu a associação cultural à qual hoje me dedico. Associação cultural RE de nome e cooperativista de estrutura, somos um coletivo, uma família que se dedica à produção colaborativa, processos participativos, transformação social, experimentação e reutilização.

Com este estranho percurso académico, associado a um gigante interesse em descobrir outras formas de arquitetura, posso, com um pouco mais de clareza, fazer uma análise (um pouco crítica, como não) ao ensino da arquitetura, transmitindo-te que existem outras formas, outros métodos, outras estruturas que permitem aos arquitetos posicionarem-se de outras maneiras.

Estás interessado?

Estrutura

Esta dissertação, sem nenhuma ambição por criar um diálogo fechado, procura gerar um momento reflexivo e pragmático. É um exercício que, embora abranja conteúdo limitado, aceita a existência de muitas outras variáveis e realidades. Um exercício com vontade de abrir portas e desafiar o nosso pensamento sobre a arquitetura.

A procura e selecção da informação reflete um interesse pessoal que se vem desenvolvendo nos últimos anos. Esta procura baseia-se principalmente em leituras online e físicas que possam fundamentar a opinião crítica que pretendo realizar.

Este complexo exercício de fácil leitura, apresentado neste número limitado de páginas, inclusivo e acessível. Seguirá uma estrutura centrada numa HIPÓTESE. Esta estrutura foi definida com o objetivo de proporcionar um desenvolvimento efetivo do tema, bem como facilitar um entendimento abrangente. A HIPÓTESE é a expressão mínima que resume a tese e será a análise detalhada da mesma que dará forma à organização de todo este exercício.

Hipótese

Num assumido mundo capitalista e neoliberal (I), as escolas de arquitetura criam um estereótipo de arquiteto não flexível o suficiente para se adaptar a todas as necessidades e realidades existentes (IIA), aceitando exceções (IIB). No entanto, existem outras formas de ser arquiteto, formas que a escola por vezes esquece e que nesta tese serão desenvolvidas (III).

PARTE I

Exposição: **“Num assumido mundo capitalista e neoliberal”**

- 1.1 Liberalismo económico clássico e educação
- 1.2 O Keynesianismo e a educação
- 1.3 A época de ouro da economia da educação
- 1.4 Neoliberalismo e educação

PARTE II

Análise:

A. **“as escolas de arquitetura criam um estereótipo de arquiteto não flexível o suficiente para se adaptar a todas as necessidades e realidades existentes”**

- 2.1 A disciplina incompreendida
- 2.2 Arquitetura, economia e indústria
- 2.3 Economia do ensino da arquitetura
- 2.4 Que é então este arquiteto estereotipado?

B. **“Aceitando exceções”**

- 2.5 O caso de Há Baixa (PT)
- 2.6 O caso de Rural Studio (USA)
- 2.7 O caso de Arquitetos de Cabeceira (ES)

PARTE III

Desenvolvimento: **“No entanto, existem outras formas de ser arquiteto, formas que a escola por vezes esquece e que nesta tese serão desenvolvidas”**

A. Desde o privado

- 3.1 O caso de Patrick Bouchain (FR)
- 3.2 O caso de Santiago Cirujeda (ES)

B. Desde o cooperativo

- 3.3 O caso do Uruguai (UY)
- 3.4 O caso da Cooperativa Lacol (ES)

C. Desde o público

- 3.5 O caso de Marinaleda (ES)

Num assumido mundo capitalista e neoliberal, as escolas de arquitetura criam um estereótipo de arquiteto não flexível o suficiente para se adaptar a todas as necessidades e realidades existentes, aceitando exceções. No entanto, existem outras formas de ser arquiteto, formas que a escola por vezes esquece e que nesta tese serão desenvolvidas.

Introdução

É quase impossível refletir sobre os estereótipos que a escola reproduz e de qual é verdadeiramente o nosso papel dentro das construções sociais, sem antes dar uma olhada na evolução da economia e do capitalismo.

Já te perguntaste como as nossas decisões e atos acrílicos, aprofundam a precarização, a desigualdade e contribuem diretamente ao desenvolvimento e enriquecimento dos poderosos monopólios? Acreditas que a arquitetura e o desenho devem ser um serviço que está ao dispor somente das classes que o podem pagar?

Nas páginas seguintes encontrarás um pouco sobre economia, educação e comércio; um resumo para nos situar e aproximar à tão querida e desejada arquitetura do século XXI.

Liberalismo Económico² Clássico e Educação

A primeira corrente de liberalismo económico atribuiu, de modo geral, pouca importância à educação como investimento estritamente económico, à exceção daquela que pudesse contribuir indiretamente através dos seus efeitos na população. Até antes do século XVIII, o ênfase centrou-se em vantagens sociais mais que económicas da instrução escolar, e o próprio conceito de educação era escasso na literatura pré smithiana. O que se encontrava era a ideia de Arte (Skill) como sinónimo de habilidade e adoutrinamento técnico.

Mas já os clássicos (Smith e Ricardo) adiantam, sem sistematizar, as proposições fundamentais que, num século depois, seriam as predominantes na disciplina da economia da educação, tanto das políticas contemporâneas de planeamento e administração estatal da educação, como das propostas conhecidas como neoliberais, as quais pautam, por deixar a educação às forças competitivas do livre mercado (oferta e procura).

Em 1776, A. Smith atribuiu ao trabalho humano a importância básica para a criação da riqueza, concebida esta, não como quantidades monetárias, senão como correntes de mercadorias ou rendimento real. Ele faz uma comparação entre rendimento do investimento em capital físico e humano. Quando se constrói uma máquina muito cara, espera-se que opere até a sua total amortização³, responda ao capital investido e tente, pelo menos o benefício corrente⁴. Um homem educado a custo de muito trabalho e tempo pode-se comparar com uma destas máquinas caras. Ao aumentar a capacidade produtiva da mão de obra estamos a acumular capital. Economistas e pedagogos ressaltam a importância da instrução pública laica⁵, literacia e atitudes racionais para impulsionar a superação do pensamento escolástico⁶, a inovação tecnológica e a intelectual.

² Ian Adams, *Political Ideology Today* (Manchester: Manchester University Press, 2001), p. 20.

³ David W. Pearce, *Macmillan Dictionary of Modern Economics*. 1ª ed. (Madrid, España: Akal Ediciones, 1999), p.20.

⁴ David W. Pearce, *Macmillan Dictionary of Modern Economics*. 1ª ed. (Madrid, España: Akal Ediciones, 1999), p.40.

⁵ Gabriel de la Paz, *La Instrucción Laica*. 1ª ed. (Santiago, Chile: Imprenta Cervantes, 1919).

⁶ M. Ortuño Arregui, "La escolástica", *Artyhum*, nº.10 (2015): 115-124.

Keynesianismo⁷ e Educação

O modelo neoclássico⁸ exerceu a sua influência entre 1870 e 1930. Após a mais grave crise económica mundial do século XX, conhecida como "a Grande Depressão dos anos trinta", o interesse teórico deste modelo, que se preocupava com pobreza, fome, desemprego, etc, fez com que o pensamento social evoluísse em novas direções.

Keynes, com outras preocupações, queria descobrir as causas que impossibilitaram o equilíbrio económico natural, defendendo o individualismo filosófico e a liberdade natural das atividades económicas. A principal conclusão de Keynes, passa por uma aposta pela intervenção pública directa em matéria de gasto público o que permite de certa forma resolver o déficit da procura agregada⁹ de um país. O contexto da época deixou claro para os economistas a necessidade de formular políticas económicas e sociais contra o individualismo e contra o socialismo científico¹⁰. Abria-se uma longa época de intervenção estatal global na economia. Desta maneira, o progresso teórico neoclássico traduzido pelo conceito micro do capital humano foi incorporado à análise macroeconómica da educação.

Os investimentos educativos, ao repercutir no desenvolvimento social, ficaram incluídos no programa financeiro da despesa social estatal, justificadas na sua orientação, fins e papéis para o desenvolvimento da nova economia do bem-estar¹¹. Como a magnitude do investimento depende da taxa de rendimento e da taxa de interesse (custo), então, ao baixar a taxa de interesse sobe o rendimento. Estes princípios foram aplicados ao investimento educativo mediante um vasto programa de obras públicas e despesa social financiado com empréstimos. Os investimentos e despesas educativas ficaram dentro das políticas de administração macro-económicas, convertidas numa despesa privilegiada do setor governamental.

A época de ouro da Economia da Educação

Nos fins dos anos cinquenta e princípios dos anos sessenta, a corrente macro-social keynesiana e o individualismo liberal neoclássico convergem para transmitir que o crescimento do PNB¹² (Produto Nacional Bruto) dos países depende também do investimento em capital humano, não só do físico.

Na anterior combinação keynesiana e neoclássica, a economia da educação teve a sua "época de ouro" com nomes como: Solow, Denison, Griliches, Jorgenson, Schultiz, Harbison e Myier, que fechavam uma primeira corrente da teoria do capital humano¹³ (1950-1964), e centraram a sua atenção na educação como ferramenta do crescimento económico e o "fator residual"¹⁴.

⁷ John Maynard Keynes, *The General Theory Of Employment, Interest, And Money* (Macmillan Cambridge University Press, for Royal Economic Society in 1936, 1936).

⁸ Paul A. Samuelson y William D. Nordhaus, *Macroeconomía*. 16ª ed. (Espanña: Madrid, McGraw Hill, 2001), p.517.

⁹ Fischer, Dornbusch y Schmalensee, *Economía*. 2ª ed. (México, McGraw Hill, 1990), p.523.

¹⁰ Friedrich Engels, *Del socialismo utópico al socialismo científico*. (1880)

¹¹ Javier Casares Ripol, *El pensamiento en la política económica*. (Espanña, ESIC Editorial, 2002).

¹² Paul A. Samuelson y William D. Nordhaus, *Macroeconomía*. 16ª ed. (Espanña: Madrid, McGraw Hill, 2001).

¹³ Guadalupe Villalobos Monroy y René Pedroza Flores, "Perspectiva de la teoría del capital humano acerca de la relación entre educación y desarrollo económico". *Tiempo de educar* 10, n.º 20 (2009): 273-306.

¹⁴ Anselmo H. Barcia, "El factor residual de crecimiento económico", enero de 1982, <http://www.derecho.uba.ar/publicaciones/lye/revistas/46-3/el-factor-residual-de-crecimiento-economico.pdf>.

Esta visão económica, com o passar dos anos e através de uma quarta geração de neoclássicos representada por Hansen, Becker, Hanoch, Blau, Gounder, Duncan, Maso, Hause, Carnoy, Blaug, Mincer, Eckhau e Chiswick (1964-1972), entra novamente em crise. Esta segunda corrente fez ênfase na relação educação-productividade, o que acaba por gerar uma posição mais emancipada e conservadora da economia da educação. Esta relação entre economia e educação encontra nesta época o seu período mais sólido e estável.

Neoliberalismo¹⁵ e Educação

A economia ortodoxa¹⁶, uma espécie de keynesianismo invertido, representada por M. Friedman e R. Friedman, F. Knight, H. Simons, E. West, F. Hayek, A. Burns, P. Vocker, A. Laffer, G. Gilder, J. Wannisky, entre outros, voltam aos argumentos da terceira geração e dos teóricos do capital humano dos anos cinquenta e sessenta, mas agora com propostas sólidas e adaptadas que reafirmam a função técnica da educação como formadora de habilidades e conhecimentos para o sistema produtivo e social. No entanto considera-se que a educação não consegue satisfazer plenamente os requisitos sociais, com a qualidade e especificidade que exigem, por culpa da intervenção crescente do Estado, que impede o funcionamento do livre mercado educativo: livre oferta e procura da educação. Parece-te que este seria o mecanismo ideal para que se resolverem as necessidades individuais educativas?

Com os seus critérios arbitrários e macro-sociais, o sistema de planificação educativa unicamente conseguiu gerar uma crescente burocracia educativa privilegiada e um conjunto de profissionais que terminaram por ser de baixa qualidade para o avanço educativo. M. Friedman y Rose Friedman propõem todas estas ideias no incrível livro “Liberdade para Escolher”. E acrescentam que o domínio da burocracia educativa favorece a imposição de um capitalismo de estado. Uma burocracia que inteligentemente consegue identificar as necessidades da estrutura produtiva e social, refletindo-se em conteúdos específicos de acordo os interesses de administradores, empresários e políticos.

As necessidades sociais são identificadas por técnicas e metodologias baseadas em dados macro-sociais e por especialistas estranhos à comunidade, o que leva a que o sistema opere de forma autónoma e seja avaliado e regulado generosamente, sem responsabilidade perante a sociedade. A proposta neoliberal consiste em limitar, tanto quanto possível, a intervenção do Estado e ampliar a participação privada na educação, criando um mercado educativo que, por meio da oferta e procura, adequa os recursos humanos qualificados às exigências sociais. Isso permitirá aumentar a qualidade e a eficácia educativa.

O sistema de rankings activa o mercado educativo estimulando a competição interinstitucional. Boas escolas terão uma grande procura, enquanto escolas menos boas terão que subir a sua qualidade ou desaparecer do sistema. Para o ensino superior, além dos planos de apoio, o sistema é complementado com empréstimos bancários a escolas e estudantes, para que sejam pagos uma vez que estes entrem no mercado de trabalho.

Que te parece esta realidade?

¹⁵ Milton Friedman, *Libertad de elegir*. (España, Editorial Planeta-Agostini, 1992).

¹⁶ J. S. Zapata Callejas y M. C. Chávez Pinzón “Las corrientes ortodoxa y heterodoxa del desarrollo: Algunas nociones conceptuales”, *Opera*, n.º. 22 (2018): 163-183.

Num assumido mundo capitalista e neoliberal, **as escolas de arquitetura criam um estereótipo de arquiteto não flexível o suficiente para se adaptar a todas as necessidades e realidades existentes**, aceitando exceções. No entanto, existem outras formas de ser arquiteto, formas que a escola por vezes esquece e que nesta tese serão desenvolvidas.

Introdução

Com o curto capítulo anterior, entendemos que falar hoje de educação é falar de economia, é entender que somos dóceis números treinados e educados para responder a uma economia nacional e, por consequência, mundial. Com estas circunstâncias macrosociais, é fácil criar argumentos que generalizam o estado atual da educação. Lembras-te da acendalha que introduz este trabalho?

A nossa disciplina, a arquitetura, não fica de fora deste jogo económico. Como arquitetos, pertencemos a estes sistemas pré-estabelecidos da economia mundial, pertencemos a uma generalização do pensar/fazer, um estereótipo egocêntrico com vergonha de si mesmo e que responde a um conjunto de impulsos dominantes difíceis de romper.

Sob esta lógica, nas páginas a seguir, poderás encontrar uma revisão do estado actual da nossa disciplina, com o apoio e visão de arquitetos que a escola às vezes se esquece que existem e na minha perspectiva criam uma visão importante da arquitetura e do papel do arquiteto, entre eles: Zaida Muxi, Hassan Fathy, Sérgio Ferro, Santiago Cirujeda, Victor Pelli e Freddy Massad.¹⁷

¹⁷ Principais referenciais bibliográficos de este capítulo

A Disciplina Incompreendida

Qual é a função do arquiteto?

O que fazem realmente os arquitetos?

(Não esperes uma resposta)

A percepção geral da sociedade é que nos dedicamos a fazer casas, edifícios e assinar as plantas, pouco mais. Nós, como arquitetos, sabemos que não é algo tão simples. Gerar um projeto de arquitetura envolve muito mais do que isso. Devemos considerar variáveis económicas, climáticas, geográficas, espaciais, psicológicas, orçamentárias e sociais, entre outras. Não esquecer também as responsabilidades legais que implica a execução de um projeto sob as leis gerais da construção, que caso a escola não te tenha transmitido, resumidamente, são os condições e regulamentos mínimos com que devemos projetar e construir os nossos incríveis projectos.

Desconhece-se de maneira geral a nossa realidade como profissionais, e por consequência, quando nos relacionamos com a sociedade ou futuros clientes, abre-se um vazio que cria uma preocupante diferença de realidades. Esta falta de conhecimento sobre o papel do arquiteto deve-se a que as escolas não têm qualquer tipo de relação entre a disciplina da arquitetura e a sociedade.

“el problema radica en la desconexión entre las escuelas y la sociedad, asegurando que existen algunas universidades que tienen un cierto aire aristocrático del oficio, donde la obra de arquitectura se entrega a la sociedad como un bien precioso que no interactúa con la comunidad a la que está destinada.”¹⁸

O processo educativo é essencial, as entidades formadoras deveriam cativar os seus alunos, através de métodos e processos dinâmicos, a criar relações com a sociedade e futuros clientes. Parece-me que estamos a esquecer-nos que o centro desta discussão deveria ser o habitante/ utilizador e como o nosso trabalho se deveria adaptar às suas necessidades, nunca ao contrário, certo? Ou já estamos tão habituados a esta grave falta de compreensão da nossa profissão que nos esquecemos disso?

Existe um duplo estereótipo da disciplina. O externo, definido no parágrafo anterior, que diz respeito à percepção da sociedade sobre a nossa disciplina, e o interno, o mundo dos arquitetos. Uma micro atmosfera inserida dentro da nunca entendida atmosfera da arte, ou seja: criamos um estereótipo desde dentro da disciplina que só os arquitetos entendem. Esta posição cómoda e elitista que não quer romper os seus limites, é, no meu ponto de vista, a arquitetura a assumir que vive dentro de uma bolha, dentro dela mesma e para ela mesma. Posto isto, pergunto, como é possível que a sociedade tenha uma correcta percepção da arquitetura se nós, arquitetos, não sabemos nem queremos transmitir o que somos?

¹⁸ "O problema está na desconexão entre as escolas e a sociedade, garantindo que existam algumas universidades que tenham um certo ar aristocrático do ofício, onde o trabalho de arquitetura é entregue à sociedade como um bem precioso que não interage com a comunidade à que está destinada." **Autor Desconocido**, "V́ctor Pelli y su visión social de la arquitectura", MANDU'A n130 (2015)

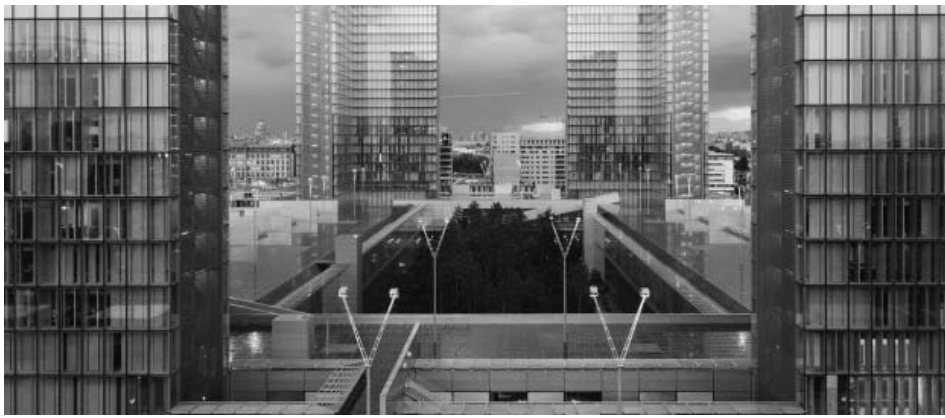


Figura 1: Biblioteca Nacional de França

“Uno de los problemas más graves de la arquitectura actual es la evidente crisis del concepto de «ética» de muchos de sus protagonistas. Una crisis que ya no sólo ha llevado a muchos a anteponer su egolatría sobre cualquier parámetro de sentido común y rigor profesional, sino que también ha dotado a muchos otros de una ductilidad ideológica que nos ha permitido verles coqueteando con regímenes autoritarios o de muy dudosa catadura mientras proclamaban que su arquitectura era portadora de “aires de democracia y apertura”; colaborando con tramas de corrupción política, a gran escala o a nivel de patético chanchullo; o manteniendo una postura ciertamente ambigua ante las lamentables condiciones de los trabajadores que construyen sus edificios en determinados países.”¹⁹

É triste que fora de um atelier ou de uma escola de arquitetura, a nossa disciplina não é compreendida, ainda mais triste é que os próprios arquitetos defendem esta cómoda posição, defendem uma arquitetura para arquitetos. Para compreender este argumento podemos refletir sobre alguns aspectos: parece-te normal que o arquiteto seja visto como uma das elites da sociedade? parece-te normal que exista uma linguagem que só é compreendida entre arquitetos? parece-te normal que existam detalhes construtivos que são assumidamente feitos para agradar a outros arquitetos? parece-te normal que o nosso trabalho seja uma disputa de egos? Parece-te normal que o nosso trabalho seja explicado e transmitido através de uma linguagem que só outros arquitetos vão compreender?

Para ser arquiteto hoje em dia existe um comportamento que de certeza já te deste conta, desde a estética, às formas, ao vocabulário. Este último é bastante interessante. No mundo dos arquitetos existe uma forma específica de dialogar que compreende um conjunto de palavras estranhas que para nós fazem todo o sentido, mas só para nós. Uma forma bela, intelectual e poética que esconde todas as imperfeições e detalhes que não se queira transmitir. Entramos numa estratégia linguística que quer ser cega às realidades e só se preocupa com o objectivo principal da arquitetura, vender.

Quão normal é ouvir frases deste género dentro do nosso mundo?

“Um jogo de volumes que cria a ilusão de um extenso horizonte mais próximo do habitante”;

“É um elemento que marca a abertura de um novo espaço no percurso interior”;

“Luz que contrasta com o perímetro do espaço e que interrompe o silêncio”.

Somos especialistas em vender, em criar um discurso manipulador que esconde realidades gravíssimas que na minha opinião, nem todos os arquitetos o sabem. Citando Sérgio Ferro na sua fantástica obra *O Desenho e o Canteiro*: *“hay cosas que no pasan por el discurso, como la opresión operaria o la precarización del trabajador.”²⁰*

Porque pertencemos então a uma disciplina incompreendida fora da escola? Porque a sociedade não nos percebe, atuamos de uma maneira que só outros arquitetos percebem e porque não temos (nem a escola) a consciência da consequência do nosso trabalho.

¹⁹ “Um dos problemas mais sérios da arquitetura atual é a evidente crise do conceito de “ética” de muitos de seus protagonistas. Uma crise que não só levou muitos a colocar a sua egomania sobre qualquer parâmetro de bom senso e rigor profissional, mas também dotou muitos outros de uma ductilidade ideológica que nos permitiu vê-los seduzir com regimes autoritários ou muito duvidosos enquanto proclamam que a sua arquitetura tem uns “ares de democracia e abertura”; colaborando com tramas de corrupção política, de larga escala ou a nível de fraude patética; ou manter uma posição que certamente é ambígua em face das condições lamentáveis dos trabalhadores que constroem os seus edifícios em determinados países”. **Fredy Massad, “Se Buscan Esclavos”, La viga en el ojo, 7 de Junho de 2013**

²⁰ “Há coisas que não passam pelo discurso, como a opressão ou a precarização dos trabalhadores”. **Ferro, Sérgio. O canteiro e o desenho, 3a ed. (São Paulo, PRO EDITORES, 2005)**

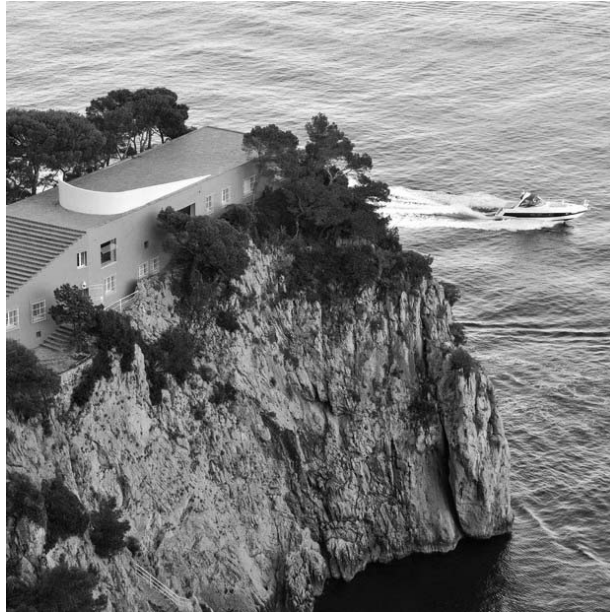


Figura 2: Casa Malaparte, Capri

Arquitectura, um bem de Consumo

Como afirma Pablo Soto no Seminário “Valparaíso, entre plan y cerros” a *“Arquitectura significa la intervención del hombre sobre el medio ambiente natural para la satisfacción de sus necesidades de espacio que permitan la protección de su medio interno y el control del medio que lo rodea. De aquí nace lo que comúnmente llamamos cultura, que no es otra cosa que la transmisión de la costumbre del hombre de intervenir en el medio natural.”*²¹.

Em suma, a arquitetura nasce por uma necessidade, pela necessidade do homem em sair da caverna e construir um abrigo. No entanto, hoje é-nos apresentada uma disciplina carregada de influências. Um processo largo que passou de uma necessidade básica a um bem de consumo, assim como a arte. Zaida Muxi afirma justamente isso numa entrevista com a RTVE para o programa Escala Humana: “Arquitectura no es arte, tiene que estar al servicio de la gente!”²² Ou seja, não pode existir como privilégio de uma classe social média-alta ou alta, que participa de uma compra / venda de um serviço que nada tem a ver com a sua origem. Um bem de consumo, hoje, pode ser traduzido por um relógio, um telemóvel, um carro, uma casa ou um arquiteto, concordas?

*“La arquitectura de hoy le entrega productos y servicios sólo a aquel que los pueda pagar”*²³

Não só falamos da escala privada, mas na esfera pública entendemos o uso e abuso do arquiteto como estratégia política. A nossa profissão vê-se altamente influenciada e relacionada com a política, não só porque tudo o que podemos e queremos construir deveria estar sob a lei em vigor, mas também porque a arquitetura apresenta-se com uma ferramenta capaz de provocar e agitar outros temas mais complexos, como a gentrificação, a vivenda social ou a especulação imobiliária. Por exemplo, todos estamos habituados a aceitar a existência de ícones centrais nas cidades actuais, projetados por arquitetos de renome, falo por exemplo da Torre Agbar em Barcelona de Jean Nouvel ou de The Shard em Londres de Renzo Piano. No entanto, não sei se estamos tão habituados a ter conhecimento sobre os mega processos envolvidos nesses projectos, onde muitas vezes os arquitetos aparecem como figuras instrumentalizadas por jogadas políticas, perfeitas para potenciar a competência dos seus egos.

²¹ “Arquitectura significa a intervenção do homem no ambiente natural para a satisfação de suas necessidades espaciais que permitem a proteção do seu ambiente interno e o controle do ambiente que o rodeia. Daí vem o que comumente chamamos de cultura, que nada mais é do que a transmissão do hábito do homem de intervir no ambiente natural.” **Soto, Pablo. Seminario “Valparaíso, entre plan y cerros”, (Valparaiso, Abril 2001)**

²² “A arquitetura não é arte, tem que estar a serviço do povo!” **Muxi, Zaida. Programa “Escala Humana”, (RTVE, 2019)**

²³ “A arquitetura de hoje oferece produtos e serviços apenas para aqueles que podem pagar por eles” **Autor Desconocido, “Víctor Pelli y su visión social de la arquitectura”, MANDU’A n130 (2015)**



Figura 3: Torre Agbar, Barcelona

“Esa utilización del edificio como producto ornamental y del arquitecto como celebrity de la era icónica ha tenido consecuencias lamentables que han dejado seriamente tocada la autoestima de la arquitectura. Esa negativa a una catarsis crítica ha sido y sigue siendo una de las causas esenciales de la dificultad para salir de este atolladero y continuar en una incierta deriva que, de momento, no apunta ni a recuperación ni a renovación.”²⁴

Somos um bem de consumo que compete num mercado quase inexistente, potenciado por competições e prémios nacionais ou internacionais, como o Archiprix ou o Pritzker²⁵, páginas que criam o padrão da disciplina, como Archdaily, Dezeen, Architizer, Divisare²⁶. Isto é, um bem de consumo que responde a padrões pré-estabelecidos por impulsos vários. Já desde a etapa formadora, a arquitetura funciona sob um sistema de referências promovidas por todo esse equipamento virtual e teórico, que termina por criar estudantes excelentes num constante idolatrar personagens, estranhos ao contexto de tempo e lugar.

“Lo he dicho muchas veces: no doy valor alguno al premio Pritzker como reconocimiento. «Honorar la trayectoria de un arquitecto o arquitectos vivos, cuya obra construida sea una combinación de talento, visión y compromiso, y que haya contribuido de manera consistente y significativa a la humanidad y al entorno construido a través del arte de la arquitectura» es una declaración de intenciones tan pomposa como ambigua y que nada me aclara sobre cuáles son los criterios con los que escoge a sus laureados. (...)

No obstante, sí le otorgó valor, y mucho, como síntoma. Porque entiendo (y esa impresión se ha reforzado comprobando cuáles han sido la mayor parte de los laureados en últimos años) que el Pritzker es el gesto que marca la dirección ideológica legítima que debe adoptar el sistema.”²⁷

²⁴ "Essa utilização do edifício como um produto ornamental e do arquiteto como celebridade da era icônica teve consequências infelizes que afetaram seriamente a auto-estima da arquitetura. Essa recusa a uma catarse crítica tem sido e continua a ser uma das causas essenciais da dificuldade de sair desta crise e continuar numa incerta deriva que, por enquanto, não aponta para recuperação ou renovação." **Fredy Massad, "Aquellos objetos de aseo", La viga en el ojo, 21 de Diciembre de 2018**

²⁵ Prémios de arquitectura a nível mundial

²⁶ Principais páginas web para divulgação da arquitetura

²⁷ "Eu já o disse várias vezes: não dou valor ao prêmio Pritzker como reconhecimento. "Honrar a carreira de um arquiteto ou arquitetos vivos, cujo trabalho construído é uma combinação de talento, visão e compromisso, e que consistentemente e significativamente contribuiu para a humanidade e o ambiente construído através da arte da arquitetura" é uma declaração de intenções tão pomposas quanto ambíguas e que nada me esclarece sobre quais são os critérios com os quais selecionam os premiados. (...) No entanto, deu-lhe valor e muito, como um sintoma. Porque eu entendo (e essa impressão foi reforçada verificando quais têm sido a maioria dos premiados nos últimos anos) que o Pritzker é o gesto que marca a direção ideológica legítima que o sistema deve adotar." **Fredy Massad, "Aravena, la autoconstrucción de una infamia", La viga en el ojo, 4 de Fevereiro de 2016**



Figura 4: Conjunto Habitacional Social, EUA

Que normal é ver um estudante da escola de Coimbra, por exemplo, a ter a Alvar Aalto ou Peter Zumthor como referência para um exercício de habitação social num bairro periférico de uma cidade Portuguesa. A agravante desta realidade é que este sistema de copiar / colar, ou referenciamento geo-desorientado, supera a academia, refletindo-se no mundo real da arquitetura. Se queremos ser extremos, mas não tão errados, podemos até relacionar a arquitetura actual com o Pinterest²⁸. Citando Santiago Cirujeda, 'Bienvenidos al capitalismo salvaje, donde el capital está sobre el contexto y la persona'²⁹.

Em resumo, o relativismo predominante leva-nos a situar no papel as conquistas elegantes e inovadoras dos nossos ídolos, como Álvaro Siza ou Le Corbusier ou aceitar as habitações estereotipadas e insignificantes dos grandes promotores imobiliários que desprezam o arquiteto. É para ti isto a arquitetura ideal ?

*"creo que es parte del proceso de formación: ir formando otro criterio de misión profesional, otra noción de éxito."*³⁰

²⁸ Página web con coleções de imagens de referência em todos os âmbitos.

²⁹ Cirujeda, Santiago. Colóquio Reflexões para a cidade, Coimbra, 2017

³⁰ "Acho que é parte do processo de formação: formar outro critério de missão profissional, outra noção de sucesso". Tomás Franco, José. "V́ctor, hermano de César Pelli, y su visi3n social de la Arquitectura", **Plataforma de Arquitectura**, 26 Dezembro, 2013



Figura 5: Arquitectura de Hassan Fathy, Egipto

Arquitectura, Economia e Indústria

*"Supe que estaba mirando la arquitectura viva, sobreviviente de las tradiciones egipcias, un modo de construir que surgía naturalmente del paisaje, parte integral de él, tanto como las palmeras nativas de la región. Era una visión de la arquitectura antes de la caída del hombre, antes de que el dinero, la industria, la avaricia y las falsas pretensiones apartaran a la arquitectura de sus verdaderas raíces en la naturaleza"*³¹

Há quase 100 anos, Hassan Fathy³² já dizia que as escolas de arquitetura pertencem a um dos setores económicos mais importantes para a economia mundial. Certamente já ouviste a expressão "se a construção pára, tudo pára"³³. Não está longe da realidade. A indústria da construção civil engloba todas as empresas cujo produto corresponde à totalidade ou parte da construção de edifícios, obras industriais e / ou obras civis. No entanto, existe um esquema lógico de integrantes que não é tão perceptível à primeira vista: instituições financeiras, distribuidores, fabricantes, fornecedores, força de trabalho, empresas de design, empresas de construção, empresas especializadas, clientes, usuários finais, técnicos de inspeção e certificação.

Resumindo de forma mais simples, projectar um edifício em betão armado, por exemplo, significa impulsionar toda uma economia. Começando na mina onde o material para obter cimento é extraído, na empresa que fabrica os sacos, na transportadora, no armazém, no lugar de venda e, finalmente, na obra em questão. Sem esquecer que associado a cada material existe uma infinidade de produtos e processos associados.

Entender a arquitetura como uma economia fundamental para fazer girar esta roda global, é entender que o seu ensino seguirá padrões pré-estabelecidos pela indústria, que conseqüentemente se refletem numa generalização e estereótipo.

Somos educados (formatados?) para adaptar e responder a uma indústria instável que impõem a sua metodologia na grande maioria dos processos de construção actuais. O concurso Pladur é um ótimo exemplo em como a indústria entra na escola e simpaticamente põe o estudante a pensar e criar soluções construtivas para uma só marca.

³¹ "sabia que estava olhando para a arquitetura viva, uma sobrevivente das tradições egípcias, uma forma de construção que surgiu naturalmente da paisagem, uma parte integral dela, bem como as palmeiras nativas da região. Era uma visão da arquitetura antes de que a queda do homem, antes do dinheiro, da indústria, da avareza e das falsas pretensões afasta-se a arquitetura das suas verdadeiras raízes na natureza" **Fathy, Hassan. "Arquitectura para los pobres" 2a ed. (México, Extemporáneos, 1982)**

³² Hassan Fathy foi um notável arquiteto egípcio, pioneiro na aplicação de novos métodos de construção, preocupação com as classes mais baixas e especialmente por recuperar o uso de tijolos de barro, seguindo as idéias de uma tecnologia adequada para a construção no Egito.

³³ Vulgar expressão Portuguesa



Figura 6: Tipología constructiva dominante, Peru

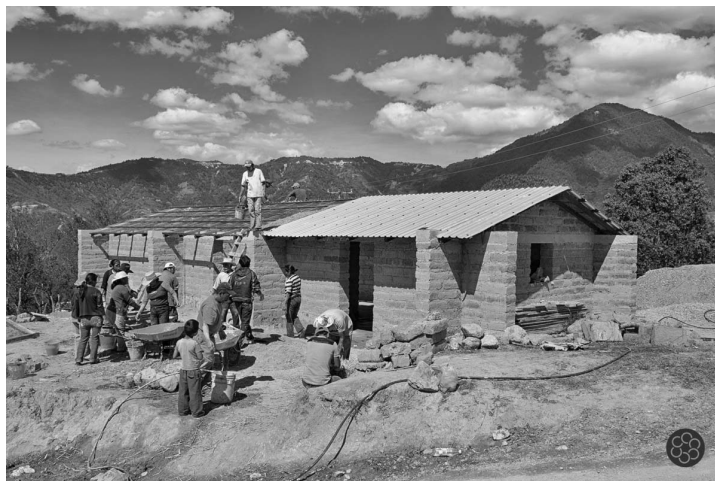


Figura 7: Tipología constructiva vernacular, Peru

Como exemplo, podemos analisar a realidade construtiva do Peru e da Bolívia. Países que nascem com uma importante carga cultural arquitetónica baseada em terra e madeira local. Hoje, com a pressão e domínio da indústria, todo o território apresenta-se com construções feitas com sistema pilar / viga em cimento e alvenaria de tijolo comum. Uma indústria que trouxe um conjunto complexo de soluções construtivas que nada têm a ver com a origem arquitetónica do território, que acabará por desaparecer. Estes processos dominantes da indústria, que podem justificar-se de várias maneiras, ocorrem actualmente na maioria dos países, aniquilando o saber secular e homogeneizando o habitar.

Consequentemente, vemos (vemos realmente?) as escolas seguindo estes esquemas rígidos, criando arquitetos, futuros projetistas de espaços feitos com os mesmos tijolos e cimento que a indústria se esforça para promover. A terra e a madeira, das técnicas seculares, são deixadas nas mãos dos restauradores e especialistas (e arquitetos não preparados para o trabalho). A escola transmitiu-te que o cimento é o segundo elemento mais consumido pelo ser humano depois da água e considerado o mais destrutivo do planeta? O The Guardian fez uma interessante análise sobre isto, recomendo!³⁴

Existem vários pontos que a meu ver faltam ser abrangidos pelos temas lecionados nas escolas de arquitetura. Não conheço todas, mas arrisco-me a dizer que, por culpa do sistema actual, são temas que não é conveniente abordar. Não me refiro somente à contaminação do cimento, refiro-me à consequência geral da nossa ação como arquitetos, por verdade seja dita, é uma ação suficientemente potente para tê-la em total consideração. Esta consideração ou consciência, se preferires, inclui um conhecimento mínimo da história e a responsabilidade desta nos processos e meios de produção actuais. Sobre isto, por exemplo, como Sérgio Ferro explica numa palestra na UFSC em 2010, que te recomendo bastante, foi durante a Revolução Industrial que ocorreu o maior processo de centralização da concepção, isto é, do fazer. Através da estratégia inteligente da indústria para introduzir tecnologia (ferro, vidro, cimento) que o operário desconhecia, esta consegue criar um estado de controlo sobre as técnicas, o que deixa o trabalhador fora do campo das decisões. É aqui que começa o domínio da indústria sobre o comércio.

"O campo da produção, que é essencial para o capital, é um campo da construção que produz montanhas de dinheiro. O que é absolutamente necessário para que o capital continue existindo. Isso não melhorou, só piorou, especialmente agora. Atualmente existe um desenvolvimento sem vergonha do capital financeiro que requer a dupla exploração do trabalhador. (...) Nada mais violento e estúpido que estes divertimentos formais, por exemplo, que se parecem com discos voadores, elaborações intelectuais, mas cujo resultado é uma separação violenta e total do trabalhador do que ele faz. a melhor caricatura que posso dar é o dubai".³⁵

Não deveria a escola assumir uma posição e enfrentar a indústria?
Acreditas que é plausível?

³⁴ Watts, Jonathan. "Concrete: The most destructive material on Earth", The Guardian, 25 de Fevereiro, 2019

³⁵ Ferro, Sérgio. "Arquitectura e trabalho livre", UFSC, 4 de Novembro de 2010



Figura 8: Construção vertical de ferro e vidro, após Revolução Industrial

Já entendemos o fator externo importante e interligado à arquitetura a que chamamos de INDÚSTRIA e seguramente concordamos que a arquitetura é uma ferramenta de impactos. Actualmente, pertencemos a uma disciplina com a dose suficiente de teoria autocrítica para interrogar todos estes processo, no entanto parece-me que esta assume uma posição acrítica e impotente que cai num aceitar cómodo e irresponsável

Não estou claro de que a escola possa enfrentar a indústria, porque isso significaria que a escola, como instituição fundamental na educação da sociedade pode assumir uma posição alternativa (não digo contra) a realidade atual. Custa-me aceitar que as escolas possam querer realmente interromper os processos actuais e propor novos caminhos. Digo isto porque a escola é a base da sociedade, é a formadora e criadora de toda a realidade que aqui critico. Desta forma, a escola aproxima-se muito mais a uma posição de aliada e responsável que uma posição crítica e contra-sistema. Que achas



Figura 9: Figuras Pritzker

Economía do Ensino da Arquitectura

A economia da educação deve então responder a essa macro economia global. É-nos proposto, quase de carácter obrigatório, um pensamento sob premissas gerais que apontam o caminho para o estudante-tipo de arquitetura. Muitas vezes esse aluno-tipo é flexível às ideologias da escola que pertence, porém existem parâmetros básicos que são intrínsecos na maioria das escolas que nos fazem facilmente reconhecer o estereótipo de arquiteto.

*“la sociedad como conjunto y su parte más crítica haciéndole a la universidad conocer la realidad, y la universidad haciéndole transferencia al resto de la sociedad de lo que por misión propia tiene acumulado y procesado”.*³⁶

A globalização (indústria?) da nossa profissão obrigou a escola a adaptar-se a uma indústria esmagadora, que conseqüentemente esquece pontos intrínsecos à disciplina. Não seria óbvio, dada a importância mencionada no mundo económico, que a escola transmitisse preocupações e consciência ambiental na escolha / uso dos recursos? Ou que deveria haver um pensamento e ação local? Enfrentar o patriarcado e assumir uma responsabilidade pela igualdade de gênero na arquitetura? Apresentar a estrutura cooperativista como uma opção? Explicar transparentemente o negócio das imobiliárias e esquemas políticos com habitação social? Criar um olhar atento sobre as classes sociais precarizadas e oprimidas? Nas escolas de arquitetura há uma manipulação do conteúdo que torna a arquitetura um negócio que esqueceu o ser humano.

*“La solución se encuentra entonces en hacer efectiva la “responsabilidad de la escuela de re direccionar, de proporcionarle (a los estudiantes) otras lentes para ver la otra parte de la realidad”.*³⁷

É perfeitamente normal que, com essa estrutura educacional, tenhamos periferias de cidades iguais em todo o planeta, projetadas por arquitetos inconscientes (por vezes estrangeiros) e construídos por uma classe precarizada. Realmente queremos continuar a ensinar arquitetura desta maneira? Ou procuramos uma visão mais próxima à de Zaida Muxi: *“una profesión que está atenta a lo que la sociedad necesita”* ³⁸

³⁶ "A sociedade como um todo e a sua parte mais crítica fazendo com que a universidade conheça a realidade, e a universidade fazendo transferência para o resto da sociedade do que, pela sua própria missão, tem acumulado e processado" **Autor Desconocido, “V́ctor Pelli y su visión social de la arquitectura”, MANDU’A n130 (2015)**

³⁷ "A solução é, então, tornar efetiva a responsabilidade da escola de redirecionar, fornecer (aos alunos) outras lentes para ver a outra parte da realidade." **Autor Desconocido, “V́ctor Pelli y su visión social de la arquitectura”, MANDU’A n130 (2015)**

³⁸ "Uma profissão que está atenta ao que a sociedade precisa". **Muxi, Zaida. Programa “Escala Humana”, (RTVE, 2019)**

Qual é então o estereótipo de arquiteto?

Que tarefa difícil esta de definir algo que o sistema consegue fazer perfeitamente. Numa entrevista à arq. Zaida Muxi, perguntando se os arquitetos famosos representam a disciplina da arquitetura, ela responde:

*'NO. Esa imagen de héroe, solitario, mesiánico no es la realidad, pero es lo que interesa que se vea. Porque estos arquitectos que son casi todos hombres potencian algunas inversiones, están directamente asociados y dentro del juego capitalista. Entonces hay todo un mecanismo que funciona. Estos son los únicos arquitectos visibles. Se ven como únicos creadores, como un Miguel Angelo'*³⁹

Este, sem dúvida, é o estereótipo que estamos a criar. Uma realidade criada para responder às necessidades políticas, económicas e industriais. Uma realidade que recebe a pressão suficiente para manter-se cega e obediente.

Para concluir, não percebo se a escola cede à indústria ou a indústria é gerada pela escola. Digo isto pensando claro nas escolas de economia, como a Escola de Chicago, líder no tema. A prova disso é o actual estado político da America do Sul e conseguir relacioná-lo com os famosos Chicago Boys⁴⁰. Não se trata de descobrir se o responsável é o ovo ou a galinha, trata-se sim de estar um passo mais próximo de uma consciência sobre a realidade e poder questionar se queremos participar e ser cúmplices de isso. A verdade é que o estereótipo que aqui se tenta identificar é algo que funciona perfeitamente para o mundo a que procura responder, no entanto, só quero perguntar-te, depois de tudo isto, se queres ser parte, ou não.

³⁹ "NÃO Essa imagem de herói, solitário, messiânico não é a realidade, mas é o que interessa que seja visto. Como esses arquitetos, quase todos homens, fomentam alguns investimentos, estão diretamente associados e dentro do jogo capitalista. Depois, há todo um mecanismo que funciona. Estes são os únicos arquitetos visíveis. Eles se vêem como os únicos criadores, como um Miguel Ângelo". **Muxi, Zaida. Programa "Escala Humana", (RTVE, 2019)**

⁴⁰ Chicago Boys é uma denominação que nasce nos anos 70 que tem como referência os economistas liberais educados na Universidade de Chicago, onde aprenderam os idéias económicos de Milton Friedman y Arnold Harberger.

Num mundo assumidamente capitalista e neoliberal, as escolas de arquitetura criam um estereótipo de arquiteto não flexível o suficiente para adaptar-se a todas as necessidades e realidades do nosso planeta, **aceitando exceções**. No entanto existem outras formas de ser arquiteto, formas que a escola esquece e que nesta dissertação desenvolver-se-ão.

Introdução

Generalizar é um ato perigoso e difícil que requer flexibilidade da tua parte em entender que existem múltiplas exceções. Essas exceções, que veremos nos próximos parágrafo, correspondem ao pequeno conjunto de casos que justificaram a crítica desenvolvida anteriormente. Casos que têm servido de guia no meu desenvolvimento como arquiteto e como pessoa.

É importante salientar que, no meu ponto de vista, o conceito de escola ideal é algo subjetivo que propicia interessantes e agradáveis discussões, no entanto, uma boa escola de arquitetura é, na minha opinião, aquela que se adapta à capacidade e personalidade de cada aluno, de maneira pessoal e íntima, potenciando as suas capacidades e interesses. Algo um pouco complexo nos dias de hoje, quando o sistema pede que sejamos número educados para responder a uma macro economia, assim como explica o parágrafo da lei espanhola que abre este trabalho.

Apesar de todo este panorama cinzento e pouco esperançador, existem escolas que colocam em prática exercícios que quebram o paradigma do sistema neoliberal do ensino de arquitetura. Exercícios que na minha perspectiva abordam um diferente uso da disciplina. Dado que, como afirma Zaida Muxi, o maior problema da arquitetura atual é a sua dissociação com a sociedade, esses exercícios académicos estão quase sempre associados a um departamento de extensão da mesma escola. Um departamento, muitas vezes, deixado de lado, não com importância suficiente para pertencer à estrutura educacional do estabelecimento em questão, porque afinal, a arquitetura sempre protege as suas fraquezas. Com isto refiro-me aos casos que veremos em seguida, de forma ligeira, o suficiente para compreender como e porque funcionam: Há Baixa da Escola de Coimbra PT, Rural Studio da Escola do Alabama EUA, Arquitectos de Cabecera da Escola de Barcelona ES.

Num mundo assumidamente capitalista e neoliberal, as escolas de arquitetura criam um estereótipo de arquiteto não flexível o suficiente para adaptar-se a todas as necessidades e realidades do nosso planeta, **aceitando exceções**. No entanto existem outras formas de ser arquiteto, formas que a escola esquece e que nesta dissertação desenvolver-se-ão.

O caso de Há Baixa



Figura 10: Oficina de electricidade, papelaria Sim-Sim, 2016

Há Baixa, atualmente, está no seu terceiro ano de atividade, um processo de muita autocrítica e questionamento interno, que proporciona uma constante adaptação e reinterpretação do projeto. Os próximos parágrafos são sobre a descrição oficial do projeto Há Baixa, resumo da primeira edição em 2016, à qual pertenci.

O Projeto Há Baixa é promovido por estudantes de diversos cursos da Universidade de Coimbra, cujo lema é: “experimentar e praticar ajudando”. As premissas deste projecto assentam em quatro pontos fundamentais: promover a actividade prática como complemento fundamental do ensino, trabalhar a partir do conceito de participação com a comunidade, trabalho em rede, e ter a cidade como caso de estudo e foco da actividade. Há Baixa nasce com esta forte visão crítica sobre o transmitido ao estudante na escola de arquitetura de Coimbra, um distanciamento entre Escola e Cidade, entre Arquitetura e Realidade, entre Aluno e Baixa. É com este sentimento de incompreensão da escola e da disciplina que se tenta aproximar os estudantes à cidade e debater os reais problemas que assolam os bairros da nossa cidade: despejos, especulação imobiliária, gentrificação, abandono, etc.

Há Baixa acredita que a universidade deve ter uma responsabilidade social perante a cidade, e trabalhando em conjunto com as autoridades competentes deve/devem assumir as problemáticas e necessidades sociais ao seu redor. Acredita também que a disciplina de arquitetura sofre um grave período de autoquestionamento, uma crise de autodefinição, onde ninguém sabe muito bem o que é e para que serve. Com uma tentativa de encontrar respostas, HAB criou a possibilidade de que futuros jovens arquitetos pudessem aproximar-se, pensar e actuar sobre as necessidades básicas e complexas que existem na nossa cidade.

Em 2016, a actividade do projecto Há Baixa pode ser dividido por três momentos principais: em primeiro aparece o Colóquio, que teve como tema “Reflexões para a Cidade: a questão da Baixa de Coimbra”⁴¹. Um momento que teve como objectivo a apresentação do projecto à cidade e a formalização da introdução das temáticas de acção do espaço público e privado que Há Baixa queria abordar, assim como lançar um debate e um espírito crítico na cidade (universidade, escola de arquitetura e câmara municipal) através da exposição e conversa com responsáveis de outros projectos similares que se levaram a cabo na península ibérica.

⁴¹ Colóquio realizado no Salão Brazil, Baixa de Coimbra a 24 de Maio de 2016



Figura 11: Projeções no Palco do Romal, 2016



Figura 12: Intervenção no patio da Cozinha Económica, 2016

O segundo momento diz respeito ao Palco do Romal, de carácter efémero, que foi construído em Junho, integrado no Evento Sons da Cidade 2016. Uma estrutura leve e amovível, construída no Largo do Romal, esteve integrada no roteiro do evento, pertencendo a um conjunto de palcos e espaços culturais espalhados pela cidade. O objectivo desta estrutura era actuar como um fomentador de momentos, capaz de activar o setor e chamar a atenção para as problemáticas do território, na baixa.

O terceiro e principal momento, foi a requalificação de espaços comerciais e habitacionais que asumidamente se encontravam em estado urgente de requalificação. Duas semanas intensas onde estudantes da universidade de Coimbra, principalmente da escola de arquitetura, podiam participar de um processo prático e construtivo real. Neste primeiro ano o Há Baixa permitiu que estudantes aprendessem e experimentassem intervindo em quatro espaços: Casa do Sr. Jorge, Papelaria Sim-Sim, Atelier de Costura da D. Glória e Pátio-Jardim da Associação das Cozinhas Económicas. Com uma visão crítica sobre a dependência de uma verba para materializar e concretizar projectos, o HAB procurou provar que era possível criar um interessante projecto através de apoios e doações materiais.

Há Baixa começa, num início, com uma forte posição crítica que procurava estabelecer a relação entre escola-cidade e teoria-prática. Digo 'num início' porque com o passar dos anos e pela sua constante mutação de equipas foi difícil manter os princípios fundamentais do projecto. Hoje, Há Baixa, passa por um período crítico de autodefinição, o que deixa difícil perceber o seu norte.

A escola de Coimbra, em conjunto com os edifícios do seu retorno, formam um dos mais antigos campus universitários da Europa, com mais de 700 anos. O seu edifício apresenta uma forma quadrangular que se abre introspectivamente. No interior possui um belo claustro que dificilmente terá autorização para ocupá-lo. Talvez devido á sua forma, ou talvez pelo corpo directivo, ou talvez devido a uma forte ideologia, este claustro não conhece a cidade e a cidade não conhece o claustro.

Estudamos arquitetura, disciplina do mundo real, numa escola que não estabelece nenhuma ligação com a cidade. Há baixa queria interromper essa desconexão e explorar o melhor caminho para que essas duas realidades pudessem dialogar, aprender e desenvolver-se juntas.

Posso dizer, pela minha experiência pessoal, que essa relação não atingiu os objetivos esperados. Uma relação com a cidade significa um diálogo harmonioso com várias esferas de ação. Por exemplo, não foi possível criar um sentido de responsabilidade dos órgãos municipais no apoio a uma iniciativa claramente urbana, que deveria ver se refletida num plano de acção, segundo acordos formais, co-desenvolvidos entre escola, Câmara Municipal e Há Baixa. Fazer cidade é uma expressão em eterna discussão, coimbra em específico, como milhares de cidades neoliberais, é uma cidade que cai no conformismo, que o espaço urbano é um serviço prestado ao habitante por um município sem diálogo. Provocando, assim, um ambiente sem diálogo entre a comunidade e os actores públicos, que deixa de parte qualquer estratégia de participação da comunidade e emancipação da sociedade. Nesse ambiente, Há baixa, que sempre teve uma opinião, nunca conseguiu entrar ou romper.



Figura 13: Intervenção no patio da Cozinha Económica, 2016



Figura 14: Intervenção na Papelaria Sim-Sim, 2016

Comprometer-se com o diálogo com a cidade deveria significar uma posição ativa de relacionamento constante com o território, através de múltiplas ferramentas e estratégias. Um acordo municipal, um acordo académico e uma generosa participação cidadã deveriam ser a realidade do projeto, porém HAB cai numa arquitetura quase cega e independente devido a fatores internos e externos. Há Baixa, com esse ato impotente e frustrado de tentar criar esse novo modelo de cidade-escola, acaba atuando inconscientemente como o ineficiente município, impondo ideias sobre um território. Não esquecer que às vezes um presente (arquitetura de caridade) também pode ser uma imposição, uma inconsciente e grave imposição. Tivemos então uma dificuldade complexa onde Há Baixa não conseguiu entrar nessa relação, porque a proatividade era inexistente entre os três atores referidos (município, comunidade e universidade).

O actuar do projeto desde dentro da escola é algo que também requer uma análise importante. O objetivo final da equipa seria integrar Há Baixa no plano de estudos do departamento de arquitetura, apresentando-se como a cadeira de extensão que traz a cidade à escola e leva a escola à cidade. A ambição seria permitir ao aluno projetar, com o acompanhamento de professores, da comunidade da Baixa, técnicos de empresas da área de construção, comerciantes, agentes municipais, entre outros, um caso real que pudesse ser levado a cabo. Com uma abertura limitada ao projeto, a escola não mostrou o interesse necessário para avançar e trabalhar nessa ideia, que a cada ano se torna mais distante.

Embora defenda ideologias sólidas, Há Baixa não consegue atingir os pontos pretendidos. O conceito de prática que se defendia, onde o estudante tem a possibilidade de viver uma experiência prática abrangente não excedeu as barreiras habituais e termina concentrando-se demasiado na parte construtiva.

Lembro-me de um debate na escola que o diretor Jorge Figueira⁴² diz algo parecido a que o arquiteto não deve instalar sanitas, referindo-se à componente prática do Há Baixa. Deste ponto podem surgir várias discussões interessantes, no entanto, a partir da perspectiva de HAB não seria esse o único objectivo. Sim, defendia a necessidade de aprender a instalar uma sanita para entender a materialidade, os tempos, as dificuldade e a relação do desenho com a realidade construtiva. Mas também defende que a experiência prática abrangente deve estar relacionado com muitos outros processos que a escola normalmente se esquece, tais como: relações com a comunidade, a participação dos cidadãos na arquitetura, estratégias comunitárias de compreensão do espaço público, esquemas do setor imobiliário e da construção civil, consciência meio-ambiental, e principalmente a consequência da ação da arquitetura. HAB infelizmente acaba caindo nas palavras de Jorge Figueira, em que o estudante sai da escola sim, mas para ser mão de obra de uma arquitetura de caridade. Esta deficiência do conceito de prática e a ausência da tal experiência prática abrangente é para mim o maior problema que HAB tem de procurar responder.

⁴² Director do Departamento de Arquitectura da Universidade de Coimbra, 2016



Figura 15: Oficina de desenho de mobiliário interior, 2016



Figura 16: Visita às instalações das indústrias que apoiam o projecto , 2016

Outro ponto interessante que quero fazer referência são as notáveis metas realizadas pela equipa no que toca a acordos com a indústria. Para que este projecto resultasse, de um primeiro momento, sem verbas, necessitou gerar relações de apoio com uma quantidade considerável de empresas, 47 em total. Para além do importante apoio da universidade como instituição acolhedora, Há Baixa, com um grande esforço, conseguiu uma credibilidade perante as empresas que abriu caminho para a materialização de todas as obras do primeiro ano. Com o apoio destas 47 empresas conseguimos receber todos os materiais e ferramentas necessárias a troco de publicidade e divulgação no meio estudantil. Percebemos, com esta realidade, que são muitas as empresas de materiais de construção que têm a necessidade e vontade de abrir-se às escolas, publicitando e demonstrando os seus produtos e soluções construtivas. Este aspecto desencadeou na equipa um desagradável sentimento de incompreensão. Esta relação entre interesse por parte da escola e interesse por parte da indústria gera uma contraposição quase incompreensível. Compreende-se que a entrada da indústria numa escola è sem dúvida uma proposta aliciante para a mesma, no entanto, acreditamos que o desinteresse da escola a esta proposta foi uma gigante oportunidade perdida para o desenvolvimento da comunidade escolar. Acreditamos que as instituições de ensino deveriam ter total interesse em permitir a entrada do mundo exterior, que não é nada menos que o nosso futuro mundo. Se a escola estivesse disposta a aceitar estas empresas, seguramente Há Baixa podia ter amadurecido significativamente. O mesmo posso dizer da câmara municipal, que nada soube dizer ao respeito.

Em conclusão, é importante destacar que a Há Baixa é uma iniciativa valiosa que nasce do corpo de estudantes, que procura constantemente uma resposta às preocupações comuns sobre o papel do arquiteto na sociedade e o papel da escola como responsável directo na formação do arquiteto. Embora os objetivos ainda não tenham sido alcançados, é valioso todo o esforço e dedicação para tentar estabelecer este difícil diálogo entre cidade e universidade, teoria e prática. Duas questões eternas e vazias da nossa disciplina que só uma minoria procura respostas. Também é importante entender que nem a escola nem as entidades responsáveis se posicionaram como fomentadoras e promotoras desta iniciativa, o que demonstra o carácter inflexível dos padrões hierárquicos em que vivemos.

Há Baixa é um projecto impulsionado por estudantes, que de maneira formal e burocrática sempre se mantiveram abandonados pela instituição a que pertencem, fato que deixa claro a necessidade de que um projecto que ambiciona entrar no plano de estudos de uma instituição, deve conseguir integrar o corpo docente da escola ao seu funcionamento, para que este se assuma como um projecto que trabalha desde o coração da escola. Um optimo exemplo de isso é o proximo caso de estudo.



Figura 17: Construção de estruturas efémeras, 2017

Num mundo assumidamente capitalista e neoliberal, as escolas de arquitetura criam um estereótipo de arquiteto não flexível o suficiente para adaptar-se a todas as necessidades e realidades do nosso planeta, **aceitando exceções**. No entanto existem outras formas de ser arquiteto, formas que a escola esquece e que nesta dissertação desenvolver-se-ão.

O caso de Rural Studio

Rural Studio

Rural Studio é um programa de desenho e construção que leva os alunos ao ambiente rural do estado do Alabama, pertencente à Universidade de Auburn. O programa, que começa em 1993 por D.K. Ruth e Samuel Mockbee, dá aos estudantes de arquitetura uma experiência prática no ensino da disciplina, enquanto colaboram com uma comunidade precária do condado de Hale.

“The best way to make real architecture is by letting a building evolve out of the culture and the place. These small projects designed by students at the studio remind us what it means to have an American architecture without pretense.”⁴³

Nos primeiros anos, o projecto destacava-se pela relação com a reciclagem, reutilização e reabilitação. Em 2001, após a morte de Samuel Mockbee, é Andrew Freear quem permanece como diretor. Desde então, Rural Studio desenvolve-se em projetos que estão ainda mais focados na relação 'com a comunidade'.

O programa Rural Studio sugere que qualquer pessoa, de qualquer estrato social, merece acesso a um desenho e construção de qualidade. Para satisfazer este princípio, o projecto evoluiu para um trabalho orientado principalmente pelo bairro, com um ligeiro acompanhamento docente. Os projetos que geralmente duram vários anos, são uma aliança inteligente entre a comunidade e os estudantes que, juntos, trabalham para definir soluções, candidatar-se a fundos, projetar e finalmente construir. Pensando no que deve ser construído, e não no que a escola e alunos são capazes de construir, o programa materializou mais de 200 projetos e trabalhou com mais de mil alunos.

“If architecture is going to inspire community, or stimulate the status quo in making responsible environmental and social structural changes now and in the future, it will take what I call the ‘subversive leadership’ of academicians and practitioners to remind the student of architecture that theory and practice are not only interwoven with one’s culture but with the responsibility of shaping the environment, of breaking up social complacency, and challenging the power of the status quo.”⁴⁴

⁴³ “A melhor maneira de fazer arquitetura real é deixar um edifício evoluir para fora da cultura e do lugar. Esses pequenos projetos projetados por estudantes no estúdio lembram-nos o que significa ter uma arquitetura sem pretensão”. **Mockbee, Samuel.** “Rural Studio: Samuel Mockbee and an Architecture of Decency” 1a ed, (EUA, Princeton Architectural Press, 2002)

⁴⁴ “Se a arquitetura vai inspirar a comunidade, ou estimular o status quo na tomada de mudanças ambientais e sociais responsáveis, agora e no futuro, será preciso o que chamo de 'liderança subversiva' de acadêmicos e profissionais para lembrar o estudante de arquitetura que a teoria e a prática não estão apenas entrelaçadas com a cultura de alguém, mas com a responsabilidade de moldar o ambiente, quebrar a complacência social e desafiar o poder do status quo.” **Ulrich Hensel, Michael.** “Rural Studio: Incarnations of a Design-and-Build Programme”, (EUA, Architectural Design, 2015)

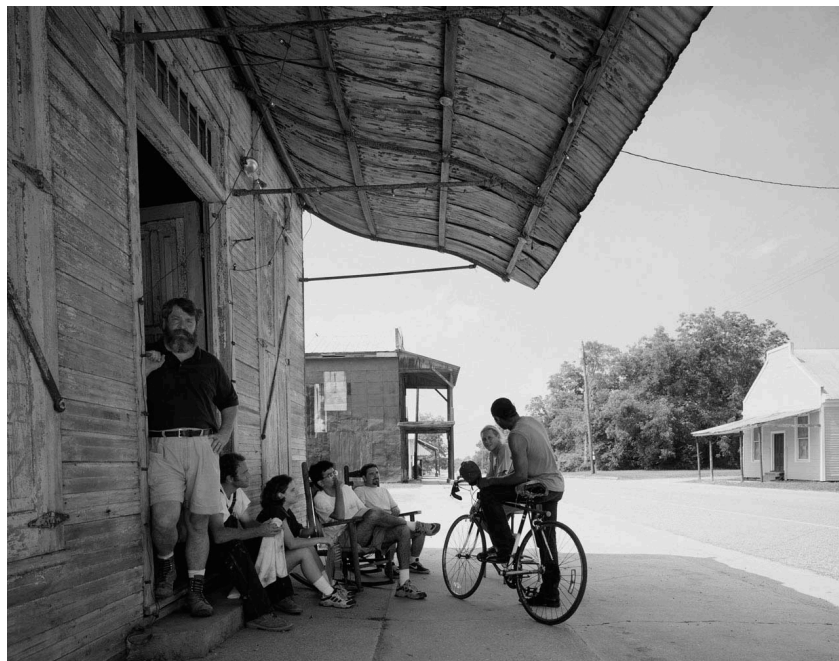


Figura 18: Primeiros encontros entre escola e comunidade, Alabama



Figura 19: Descarga de materiais, Casa de Rose Lee Turner

Rural Studio está atualmente a lançar um novo programa educativo. Mestrado em Arquitetura / Opção em Desenho de Interesse Público (MS Arch). Este programa de três semestres é pensado para estudantes que querem obter um diploma profissional em arquitetura (licenciatura em arquitetura ou mestrado em arquitetura). O programa abordará os problemas sistémicos subjacentes à acessibilidade económica da moradia na zona rural do Alabama. Através de desenho e inovação no campo da habitação rural, este programa irá cultivar a liderança nas áreas de interesse público, a técnica de desenho e a documentação e divulgação de projetos arquitetónicos. Os alunos do Rural Studio MS Arch participarão plenamente do programa de desenho e construção e também poderão trabalhar em colaboração para participar de um projeto de pesquisa dirigido a casas rurais com o objetivo de projetar e construir uma casa no condado de Hale.

“Solving Problems imagines that the future it’s broken and needs to be fixed. I don’t think there’s anything broken here. But there’s really significant proposes that need to be solved. Rusty Smith, Associate Director Rural Studio”⁴⁵

Segundo o seu director, o trabalho de Rural Studio funciona porque está comprometido com um lugar. Os três pontos em que, na sua opinião, fazem do programa um sucesso no ensino de arquitetura são a componente entre o desenho e a construção, o trabalhar diretamente com a comunidade e a qualidade construtiva final do projeto.

O Rural Studio é um ótimo exemplo de como uma escola pode criar uma aliança com a comunidade envolvente através de um programa de extensão que quebra as barreiras do sistema educacional convencional. No entanto, existem valores camuflados que merecem ser analisados com um olhar crítico. Com este olhar pretendo aproximar Rural Studio a uma concepção ainda mais correta neste género de programas educacionais. (Para entender melhor, Patricio Del Real escreveu um interessante artigo, *“Ye Shall Receive”, The Rural Studio and the Gift of Architecture*⁴⁶, que te recomendo!)

A cidade é uma construção do homem, certo? De que homem? Vamos começar por fazer uma breve análise da expressão "arquitetura social". Sabemos que o conhecimento, a disciplina e o estudo pertencem a uma classe social média, média alta e alta. Este intelecto é, sem dúvida, uma das ferramentas que intensifica a separação de classes. Parece-me que a palavra social nasce da necessidade de camuflar a palavra "pobre", caso contrário teríamos: "arquitetura dos pobres". Concordas?

⁴⁵ "Resolver Problemas significa que o futuro está quebrado e precisa de ser consertado. Eu não acho que haja nada quebrado aqui. Mas há propostas realmente significativas que precisam de ser resolvidas". Rusty Smith, estúdio associado de diretor rural" (Rusty Smith, Associate Director Rural Studio) PBS newshour, "How these Alabama architecture students are improving lives with low-cost home designs". Video de Youtube. Publicado a 28 de Junho de 2018, <https://www.youtube.com/watch?v=SHMK9YzRo3c>

⁴⁶ Del Real, Patricio. "Ye Shall Receive": The Rural Studio and the Gift of Architecture. *Journal of Architectural Education* (1984-) Vol. 62, No. 4, Alternative Architectures | Alternative Practices (May, 2009), pp. 123-126



Figura 20: Momento de discussão de projecto



Figura 21: Foto final do projecto Casa Butterfly, 1996

Entende-se que os padrões e valores que definem a sociedade são estipulados desde as classes médias e altas. Sob esta lógica, todos os valores associados à arquitetura são manipulados o suficiente para que tudo soe da maneira pretendida. Não quer isto dizer que há uma arquitetura dos ricos e uma arquitetura dos pobres, não é possível pensar que existem várias arquiteturas, porque afinal toda a arquitetura é desenhada, pensada e projetada pelas mesmas classes. São então estas que definem os padrões das restantes classes, os seus conceitos e formas. Existe como que um condicionamento e predefinição da vida de alguém sem conhecer os seus valores humanos. Compreenda-se que valor humano é algo mais profundo e complexo do que o simples e típico exercício do arquiteto a tentar entender como o outro (o pobre) vive.

A arquitetura social é mascarada sob lógicas pré-estabelecidas: O que significa bom/mau? e melhor/pior? O que é decente/não é decente? Caímos (incluo-me) no erro de avaliar as condições de pessoas que não têm os mesmos valores que nós, comparando circunstâncias que não são comparáveis. As classes inferiores não têm voz, não têm poder económico ou político, não determinam as suas vidas, não são actores criadores de cidade. Rural Studio vende-se sob essa lógica opressora que quer manter o jogo do poder.

"How is architecture transformed by engaging the poor? How does it resist transforming its own values? One of the limits of the experience is that it starts with the common sense belief that "we all" want the same things. One encounters the homogenizing regime of values that underpins the endeavor and translates in the unsustainable dream of the private house and its uncontaminated life. This creates a fragmented landscape, the Lucy (Carpet) House next to the weathered trailer (mostly outside the photograph), and a new socio-economic organization manifested through access to new consumer products like the parabolic antenna (equally unphotographed) that establishes clear winners and losers in this "suburban" rurality."⁴⁷

Recordo na primeira edição do projecto Há Baixa, referido no capítulo anterior, participar na reabilitação de uma casa "precária". Decidimos oferecer uma base de chuveiro para uma senhora que tomava banho com um jarro e bacia há 90 anos. Três anos após essa oferta, a base do chuveiro continua com a inauguração pendente e com a mesma pergunta da senhora: "para que serve esta coisa branca e porque ja nao posso tomar banho como sempre tomei?"

⁴⁷ "Como a arquitetura é transformada pela participação dos pobres? Como ela resiste a transformar os seus próprios valores? Um dos limites da experiência é que ela começa com a crença no senso comum de que "todos nós" queremos as mesmas coisas. Encontra-se o regime de homogeneização de valores que sustenta o esforço e se traduz no sonho insustentável da casa privada e de sua vida não contaminada. Isso cria uma paisagem fragmentada, a Casa Lucy ao lado do trailer (principalmente fora da fotografia) e uma nova organização socioeconômica manifestada pelo acesso a novos produtos de consumo como a antena parabólica (igualmente não fotografada) que estabelece os claros vencedores e perdedores nesta ruralidade "suburbana". Del Real, Patricio. "Ye Shall Receive": The Rural Studio and the Gift of Architecture. *Journal of Architectural Education* (1984-) Vol. 62, No. 4, Alternative Architectures | Alternative Practices (May, 2009), pp. 123-126



Figura 22: Foto final do projecto Casa Butterfly, 1996

"The model social laboratory developed by the Rural Studio has received nearly universal praise, and rightfully so, as a response to what is perceived as a static and elitist education. Stepping outside the magic circle of the academy and into the community, the Rural Studio engages a collaborative practice that integrates knowledge and service. However, as its remarkable work demonstrates, the Rural Studio steps into the space of "the real" by casting the spell of architecture over the community, grounding its enchantment through ritual negotiations that reproduce elite values aimed at transforming the lives of common people. My intent is not to criticize the humanitarian efforts, the hard work, the generosity, the sincere desire to help the less fortunate, or the commitment to architecture as a social practice, but to expose the networks of values that the Rural Studio has grafted, for better or worse, onto that "place where the possible had nearly been forgotten."⁴⁸

Sob essa lógica, o social não precisa ser apresentado como um presente das classes altas para as classes baixas, mas, entregar as ferramentas às classes inferiores para que elas possam emancipar-se e fortalecer-se. Existem inúmeras estratégias de participação cidadã projetadas por psicólogos, antropólogos, assistentes sociais e arquitetos conhecedores do assunto, no entanto, essas ferramentas são geralmente consideradas estruturas fechadas, inflexíveis, impessoais e interritoriais. Estratégias projetadas (mais uma vez) pelas classes altas que não se adaptam nem permitem a livre e consciente emancipação das classes inferiores.

O programa da escola da Universidade de Auburn defende claramente uma visão da arquitetura como uma oferta, uma posição ignorante típica da classe elitista que tem o poder de doar. Assim como todos os programas que tentam vincular a universidade com o meio ambiente e cumprir com a responsabilidade social da instituição (isto não soa horrível?), Rural Studio enfrenta decisões ideológicas que determinam formas diferentes: um olhar atento à pedagogia ou um olhar atento à sociedade.

"The impressive work of the Rural Studio develops hand-in-hand with the creation of an overdetermined pre-Rural Studio landscape that insists on the narrative of failure, poverty, and historical imbalances, suffered by passive subjects. This process of victimization is easily captured and exemplified in the elderly, as if their lives had not been a constant and successful struggle for survival, but it extends to all who receive gifts. ... The narratives of poverty become mechanisms that disenfranchise the poor and strip them from the means and techniques of producing their own homes, owning their property, and even valuing their own history."⁴⁹

⁴⁸ "O modelo de laboratório social desenvolvido pelo Rural Studio recebeu elogios quase universais, e com razão, como resposta ao que é percebido como uma educação estática e elitista. Pisando fora do círculo mágico da academia e na comunidade, o Rural Studio envolve uma prática colaborativa que integra conhecimento e serviço. No entanto, como seu trabalho notável demonstra, o Rural Studio entra no espaço do "real" ao lançar o feitiço da arquitetura sobre a comunidade, fundamentando o seu encantamento através de negociações rituais que reproduzem valores de elite que visam transformar a vida das pessoas comuns. A Minha intenção não é criticar os esforços humanitários, o trabalho árduo, a generosidade, o desejo sincero de ajudar os menos afortunados ou o compromisso com a arquitetura como prática social, mas expor as redes de valores que o Rural Studio enxertou, para melhor ou para pior, naquele lugar onde o possível fora quase esquecido." **Del Real, Patricio. "Ye Shall Receive": The Rural Studio and the Gift of Architecture. Journal of Architectural Education (1984-) Vol. 62, No. 4, Alternative Architectures I Alternative Practices (May, 2009), pp. 123-126**

⁴⁹ "O trabalho impressionante do Estúdio Rural se desenvolve lado a lado com a criação de um cenário sobredeterminado de um pré-Rural Estudio que insiste na narrativa de fracasso, pobreza e desequilíbrios históricos, sofrida por sujeitos passivos. Esse processo de vitimização é facilmente capturado e exemplificado nos idosos, como se as suas vidas não tivessem sido uma luta constante e bem sucedida pela sobrevivência, mas estende-se que todos que recebem presentes. As narrativas da pobreza tornam-se mecanismos que privam os pobres de seus direitos e os privam dos meios e técnicas de produzir os seus próprios lares, possuir as suas propriedades e até mesmo valorizar a sua própria história." **Del Real, Patricio. "Ye Shall Receive": The Rural Studio and the Gift of Architecture. Journal of Architectural Education (1984-) Vol. 62, No. 4, Alternative Architectures I Alternative Practices (May, 2009), pp. 123-126**



Figura 23: Construção da Casa Lucy, muro de carpete, 2002

Os programas que defendem o olhar pedagógico procuram um desenvolvimento prático da arquitetura. Um método em que a preocupação é o desenvolvimento interno do aluno e da instituição a que pertence. Neste tipo de programa, como o Rural Studio, a arquitetura como oferta é a consequência perfeita de um objetivo cumprido: o aluno projeta, constrói, aprende e vai embora.

No caso em que o programa se concentra na sociedade, os protagonistas são os habitantes, a comunidade local. A escola deixa de ser um provedor de um serviço para ser um ator ativo que através da pedagogia de seus alunos promove o desenvolvimento local. Isto é, desenvolve-se uma capacidade por parte da instituição para compatibilizar o ensino com estratégias de emancipação do povo e que estas estabeleçam uma relação próxima e generosa entre aluno e habitante. Um trabalho conjunto sob uma estrutura horizontal onde projetos, processos e aprendizagens são uma relação intensa constante.

Essa falta de responsabilidade por qualquer trabalho social (sociedade) que vise a emancipação, como defende Patricio Del Real, é uma estratégia inteligente, uma vez que com a participação e emancipação vêm as manifestações e atos de resistência:

“Valuing architecture as a benefit to the poor has a long history in reformist movements, modernism included. At its foundation is a belief that a form of high culture can act as a socially responsive force. The belief that architecture can humanize—that through it people become conscious of their human condition—is predicated on idealist romantic values, not on social processes of political emancipation. With full participation comes contestation and active resistance, and with this a more challenging negotiation, one that is skeptical of any gift”⁵⁰

⁵⁰ “A valorização da arquitetura como um benefício para os pobres tem uma longa história nos movimentos reformistas, incluindo o modernismo. Na sua base está a crença de que uma forma de alta cultura pode atuar como uma força socialmente responsável. A crença de que a arquitetura é humanizada - que através dela as pessoas se tornam conscientes de sua condição humana - baseia-se em valores românticos idealistas, não em processos sociais de emancipação política. Com a participação plena vem a contestação e resistência ativa, e com isso uma negociação mais desafiadora, que é cética em relação a qualquer prenda” Del Real, Patricio. “Ye Shall Receive”: The Rural Studio and the Gift of Architecture. *Journal of Architectural Education* (1984-) Vol. 62, No. 4, Alternative Architectures I Alternative Practices (May, 2009), pp. 123-126



Figura 24: Foto final do projecto Casa Butterfly, 1996

Se a arquitetura é mais do que construção (valores) porque o discurso da arquitetura social é sempre baseado nesta lógica construtiva e descrição material? Serão estes os principais valores das classes inferiores? Rural Studio vai nessa direção. Vende-se com uma linguagem que se esforça para transmitir uma disciplina de resolução de problemas, principalmente construtivos. Uma realidade que ignora a vida social e cai no erro da arquitetura como caridade, como oferta, como solução para todos os problemas. Segundo a linguagem estereotipada da arquitetura, não deveria ser a nossa disciplina uma ferramenta de desenho e pensamento do espaço? Então por que é que Rural Studio vende-se como uma solução puramente construtiva? Uma perspectiva analítica pouco consciente que acredita que os principais problemas dos pobres são os detalhes construtivos. Não estamos a falar de situações urgentes de agregados familiares sem teto, estamos a falar de uma melhoria na qualidade da moradia baseada no desenho arquitetónico elitista que é vendido como cura para todos os problemas de uma comunidade. Talvez o maior problema da comunidade seja não haver comunidade, mas isso ao Rural Studio não é importante.

*"The sites of real struggle and of lived experience are emptied and rendered valueless with pragmatic descriptions (bad living conditions, failed foundations, leaking roofs) aimed against those buildings which are not "decent" architecture, that is, they do not speak the values of the architect."*⁵¹

Escrevo varias vezes a expressão vender... É importante entender que toda a arquitetura que deseja acompanhar os padrões mundiais de hoje deve saber como vender se. Essa preocupação estética e visual de um produto de consumo, no caso do Rural Studio, está a cargo do fotógrafo Timothy Hursley. Esse mestre da imagem, tal como o fotógrafo do McDonalds, está preocupado em comunicar apenas o que é desejado, o que vende, o que o consumidor procura, o que encaixa com a ideologia do programa. Ignorando assim toda a realidade humana e cotidiana da vida de um habitante de classe inferior que não se adapta a estas construções imponentes, desenhadas, projetadas e construídas pelas classes cómodas.

*"Official Rural Studio photographer Timothy Hursley's now iconic images, published in Andrea Oppenheimer Dean's two books on Rural Studio and also available on the Rural Studio website, underscore this receiving mode. People sit enjoying their gift, staging their lives in architecture."*⁵²

⁵¹ "Os locais de luta real e de experiência vivida são esvaziados de valores, com descrições pragmáticas (más condições de vida, fundações fracassadas, infiltrações nos telhados) voltadas para aqueles edifícios que não são " decentes ", isto é, não transmitem os valores do arquiteto." Del Real, Patricio. "Ye Shall Receive": The Rural Studio and the Gift of Architecture. *Journal of Architectural Education* (1984-) Vol. 62, No. 4, Alternative Architectures I Alternative Practices (May, 2009), pp. 123-126

⁵² "As imagens agora icônicas do fotógrafo oficial de Rural Studio, Timothy Hursley, publicadas em dois livros de Andrea Oppenheimer Dean e também disponíveis no site de Rural Studio, destacam este modo de recepção. As pessoas sentam-se apreciando o seu presente, encenando as suas vidas na arquitetura." Del Real, Patricio. "Ye Shall Receive": The Rural Studio and the Gift of Architecture. *Journal of Architectural Education* (1984-) Vol. 62, No. 4, Alternative Architectures I Alternative Practices (May, 2009), pp. 123-126



Figura 25: Capela de Vidro, 2000

Outro ponto interessante é entender que essas estratégias só funcionam se pre-dispuserem de um cenário de exploração. É comum que esse território aceite imediatamente (como não?) essa proposta de relação por parte da escola, entre instituição e bairro, uma relação geralmente pré-definida pelo gosto e necessidade da mesma instituição. Muitas vezes a escola, com a necessidade de cumprir com a sua responsabilidade social (parte integrante dos estatutos da instituição), encara os programas de trabalho com o meio ambiente como burocracias obrigatórias, muitas vezes com recursos públicos que precisam de ser justificados. Este cenário de exploração, o território onde a escola pode experimentar e educar, dificilmente consegue criar uma empatia de longo prazo, uma vez que, além da normal rotatividade dos estudantes, são necessários constantemente novos desafios e oportunidades de projectos que um só território não costuma dar resposta.

*"The Rural Studio does not go beyond a mere instrumental use of the belief in the transformative power of aesthetics, hiding disciplinary power behind good intentions. The valorization of the production of architecture is perhaps the greatest (necessary) mystification operated by the Rural Studio."*⁵³

Se esta relação entre escola e comunidade não for sensível e consciente, podem existir sérias consequências, quase sempre para a comunidade. As Instituições, que tendem a esconder ou talvez ignorá-las, são responsáveis por problemas como a gentrificação ou a intensificação da precarização. Compreenda-se isto com, por exemplo, um programa de uma escola de línguas de uma país 'desenvolvido' que, com os seus alunos, desenvolve trabalho num país precarizado, ensinando inglês a crianças que não sabem falar outra língua que o dialecto local. Esta situação pode até parecer que está carregada de boas intenções, no entanto, o dano interno na comunidade em questão é gigantesco uma vez que se está a entregar uma via direta para que essas mesmas crianças possam abandonar as suas comunidades para encontrar melhores trabalhos, deixando para trás toda uma cultura que acaba por se perder. Este é um óptimo exemplo em como a visão de caridade, incluindo a arquitetura como oferta, deveria ser repensada.

*"The dynamics of suburbanization and individualism frame the Rural Studio experience as a whole, and define its meaning of community. However, the economy of the gift reformulates these liberal social ties. It sets the idea of community itself as a site for experimentation and critical examination."*⁵⁴

⁵³ "O Rural Studio não vai além de um mero uso instrumental da crença no poder transformador da estética, escondendo o poder disciplinar por trás das boas intenções. O valor da produção de arquitetura é talvez a maior (necessária) mistificação operada pelo Rural Studio." Del Real, Patricio. "Ye Shall Receive": The Rural Studio and the Gift of Architecture. *Journal of Architectural Education* (1984-) Vol. 62, No. 4, Alternative Architectures I Alternative Practices (May, 2009), pp. 123-126

⁵⁴ "A dinâmica da suburbanização e do individualismo enquadra o Rural Studio como um todo e define o seu significado de comunidade. No entanto, a economia da prenda reformula esses laços sociais liberais. Estabelece a ideia de comunidade como um local para experimentação e examinação crítica". Del Real, Patricio. "Ye Shall Receive": The Rural Studio and the Gift of Architecture. *Journal of Architectural Education* (1984-) Vol. 62, No. 4, Alternative Architectures I Alternative Practices (May, 2009), pp. 123-126



Figura 26: Inauguração da sede dos escoteiros de Parque Lions

Como conclusão e para que não sintas uma crítica negativa constante, o programa Rural Studio é uma valiosa iniciativa que se preocupa com a componente prática da educação da arquitetura. Desenvolve um trabalho interessante entre instituição e meio rural, quebrando as paredes invisíveis que geralmente envolvem as próprias escolas. Embora, na minha perspectiva, a estratégia e abordagem poderia ser melhorada e repensada, o aluno recebe, no seu percurso acadêmico, uma dose suficiente de realidade que o prepara para um futuro difícil como arquiteto.

“Students are getting a sword of a 10 years professional experience squeezed in a tree years preparación. When they are done here, they actually can built a project.”⁵⁵

O fato de uma universidade entender as suas responsabilidades e potencialidades sociais como uma ferramenta para os problemas de um território é o primeiro passo para alcançar um ambiente mais harmonioso e menos hierárquico. Essa parece-me ser uma maneira interessante de desarmar os esquemas da sociedade em que as mega-instituições educativas assumem posições incompetentes e desinteressadas. No entanto, para que isso aconteça de maneira ainda mais eficiente, a universidade deve estar relacionada com os respectivos municípios e administrações, um aspecto que o próximo caso de estudo consegue alcançar.

⁵⁵Os estudantes estão adquirindo uma espécie de 10 anos de experiência profissional espremida numa preparação de três anos. Quando eles terminam aqui, eles podem realmente construir um projeto”. (Andrew Freear, Director of Rural Studio) This is Alabama, “Rural Studio: This is Alabama”, Video de youtube, publicado a 8 de Dezembro 2016, <https://www.youtube.com/watch?v=6YOT7WA3DKs>

Num mundo assumidamente capitalista e neoliberal, as escolas de arquitetura criam um estereótipo de arquiteto não flexível o suficiente para adaptar-se a todas as necessidades e realidades do nosso planeta, **aceitando exceções**. No entanto existem outras formas de ser arquiteto, formas que a escola esquece e que nesta dissertação desenvolver-se-ão.

O caso de Arquitectos de Cabecera

Arquitetos de Cabecera

Em 2013, a Escola Superior Técnica de Arquitetura de Barcelona (ETSAB) paralisou. Por um lado, a ameaça de cortes da equipa docente, por outro lado, parte dos alunos mobilizaram-se para exigir que o plano de ensino se tornasse mais permeável à realidade de uma sociedade em crise. Ibón Bilbao e Josep Bohigas, professores da cadeira Habitatge e Ciutat (habitat e cidade), entenderam que no centro dessa queixa havia um impulso criativo e por isso deram arranque ao projeto Arquitectos de Cabecera.

“Al igual que un médico de cabecera conoce a sus pacientes y les trata conforme a sus necesidades, creemos que es necesario que el arquitecto se acerque a la vivienda poniendo el punto de vista en el sujeto y no en el objeto, y, desde el terreno de lo público, ofrezca a las personas un diagnóstico y una metodología concreta para sus viviendas”,⁵⁶

Arquitetos de Cabecera (AC) é então uma aproximação à cidade que nasceu a partir deste movimento universitário e projeto académico da Escola de Arquitetura de Barcelona (ETSAB) em 2013, cujo objetivo principal é trabalhar na cidade e centrar a habitação coletiva, metodologicamente aproximar a figura do arquiteto ao cidadão.

AC nasceu num momento de crise a vários níveis. Na academia, existe uma falta de contato com a realidade e os seus desafios. A nível social, há uma emergência habitacional e uma falta de habitações a preços acessíveis. Na profissão, há uma crise na prática da arquitetura que não consegue responder a novos problemas. AC questiona a educação tradicional dos arquitetos, dando ao tecido social a mesma importância que à estrutura urbana. O objetivo é capacitar estudantes a atuar na cidade existente como um campo de experimentação e trabalho.

AC compreende de que o espaço público começa em cada um dos espaços domésticos que compõem a cidade e entende que os arquitetos não são os únicos, nem os primeiros atores na transformação da cidade. Portanto, gera sinergias entre universidades, grupos sociais e administrações numa abordagem multidisciplinar e de longo prazo.

⁵⁶ "Assim como um médico conhece os seus pacientes e os trata de acordo com as suas necessidades, acreditamos que é necessário que o arquiteto se aproxime da casa, colocando o ponto de vista sobre o sujeito e não sobre o objeto, e, desde o terreno público, oferecer às pessoas um diagnóstico e uma metodologia específica para as suas casas" **Pérez Moya, Eduard. Arquitectos de Cabecera. Spanish-Architects, 29 de Janeiro de 2017 (Ibon Bilbao)**



Figura 27: Reunião com moradores de Can 60



Figura 28: Conversas com moradores do bairro Poble Nou, 2017

O método AC envolve três momentos ao longo do ano. Primeiro, o Workshop AC (WAC), um workshop de verão que visa estabelecer o primeiro contato com as associações de moradores e a administração local. Em seguida, os dois cursos semestrais (TTAC 1 "Urbanismo Tático" e "Arquitetos Comunitários" TTAC 2) oferecem a possibilidade de desenvolver e aprofundar no tecido social, trabalhando mais próximo ao habitante e à cidade.

Conhecendo a vizinhança através de associações locais ou de um "Gabinete de Atenção ao Cidadão para Arquitetura" criado pelo projecto, o método de AC começa por selecionar casos de estudo. Normalmente os vizinhos abrem as portas aos alunos e o protocolo começa com a cartografia de uma pessoa: tudo o que acontece dentro da casa, atividades e objetos; e a relação do usuário com o seu bairro, através de suas rotinas, hábitos e percursos. Continua com um diagnóstico baseado nos dados recolhidos, identificando as necessidades do habitante e a sua capacidade de implementar a proposta. Conclui com um projeto que consiste numa estratégia metodológica com as ações a serem implementadas. Desta forma, Arquitetos de Cabecera propõe reformular e adaptar constantemente a figura do arquiteto com o objetivo aproximá-lo à cidade e à cidadania.

Oficina de Atenção ao Cidadão

O objetivo principal é oferecer aos vizinhos a possibilidade de colaborar com (futuros) arquitetos para imaginar, projetar e estudar a viabilidade das propostas, para as suas casas e bairros, que permitam melhorar a vida e relações entre moradores.

Num ambiente de hiperatividade coletiva, melhorar espaços comuns, como o vestíbulo, a escada ou o telhado e potenciar o uso da vizinhança; detectar barreiras arquitetônicas e procurar soluções; atender às necessidades específicas dos vizinhos em relação às suas casas, são algumas das ações que podem ser realizadas. Tudo depende do acordo feito entre os alunos e os moradores de Raval.

A vontade passa por estabelecer um contato amigável e relacionar o habitante com o ensino da arquitetura através deste modo de colaboração. É a oportunidade de reavaliar os modelos de cooperação nos quais a aprendizagem da arquitetura intervém diretamente nas ações para e pelos cidadãos. Fortalecer o vínculo universidade-sociedade, tão necessário para garantir uma transferência bidirecional de valores e conhecimentos. Este programa faz-me lembrar a metodologia de Rodolfo Livingston, chamada "Arquitectos de Família", conheces?



Figura 29: Oficina de Atençaó ao Cidadão, Exposiçaó Piso Piloto



Figura 30: Alunos e moradores reivindicando Can 60

Através de uma carta registada, Quirze foi notificada de que tinha que partir. Esta habitante tinha apenas alguns dias para abandonar o espaço onde realizava aulas de capoeira para crianças no bairro de Raval, em Barcelona, por mais de quinze anos. O seu caso não foi o único, como ela, o resto dos inquilinos de Can 60, uma das antigas fábricas construídas neste bairro entre os séculos XVIII e XIX, recebeu a mesma notificação. Ninguém renovou o contrato de renda, todos deveriam sair. O motivo? Uma empresa alemã comprou o prédio e planeava convertê-lo em apartamentos de luxo. Esta dura realidade de despejos acontece diariamente em várias cidades, por diversas causas, a sociedade em geral, incluindo os arquitetos deveriam actuar, não achas? Um excelente exemplo que te posso recomendar é a PAH, ou Plataforma de Afectados por la Hipoteca, em Barcelona.

Assim foi, neste caso, Can 60 recebeu a inesperada ajuda de um grupo de estudantes de arquitetura do programa Arquitectos de Cabecera. Além de realizar um mapeamento físico do edifício (que estava em declínio devido ao desinteresse do seu proprietário em investir na manutenção), os estudantes estabeleceram um plano para proteger o Can 60. Este plano respondia à seguinte pergunta: quanto perde Barcelona se esta antiga casa-fábrica se tornar em apartamento de luxo? Para isso, organizaram o trabalho em duas áreas: por um lado, destacaram a importância do edifício como patrimônio histórico e, por outro, fizeram uma análise do valor humano das atividades ali desenvolvidas. Concluíram que existiam, pelo menos, doze entidades e, tal como a oficina de capoeira de Quirze, a maioria desempenhava um papel importante no tecido social do bairro. Entre eles estava a Apip Acamp, uma associação de reintegração de trabalhadores que nos últimos 10 anos deu trabalho a mais de 10.000 pessoas em toda a Espanha.

Poucos dias depois, os Arquitectos de Cabecera apresentaram um dossie com as conclusões do seu trabalho à Câmara Municipal de Barcelona. As licenças de construção foram congeladas em todas as casas-fábrica de Raval, um total de vinte das mais de cinquenta que existiam nos meados do século XIX. O edifício histórico foi salvo. Além disso, em 2017, a cidade comprou Can 60 por um montante de seis milhões de euros. Desta forma, o edifício tornou-se um espaço público para os habitantes de Barcelona. Esta é, até agora, a ação mais importante e mediática que Arquitectos de Cabeceira realizaram, um excelente exemplo de como um projeto académico pode quebrar as barreiras físicas da escola, usar a cidade como caso de estudo e fazer a mediação entre habitante, arquiteto e administração pública.

"Es necesario que el arquitecto ofrezca a las personas un diagnóstico y una metodología concreta para sus viviendas"⁵⁷

Arquitectos de Cabecera contacta, por meio de associações locais, com moradores cuja habitação não está adaptada às suas necessidades atuais e aos que a situação económica não permite realizar grandes obras. Por exemplo, pessoas idosas com problemas de mobilidade, pessoas que, por necessidade ou vontade, queiram partilhar teto sem que isso significasse uma perda da privacidade ou inclusive comunidades de moradores com espaços comuns deteriorados e inutilizados. Uma vez os casos detectados, o trabalho de cartografia começa, consistindo essencialmente em analisar os usos e hábitos dentro e fora de casa. O que termina numa proposta o mais simples possível para que, na maioria dos casos, a pessoa possa realizá-la por conta própria.

⁵⁷ "É necessário que o arquiteto ofereça às pessoas um diagnóstico e uma metodologia específica para as suas casas" **Pérez Moya, Eduard. Arquitectos de Cabecera. Spanish-Architects, 29 de Janeiro de 2017 (Ibon Bilbao)**

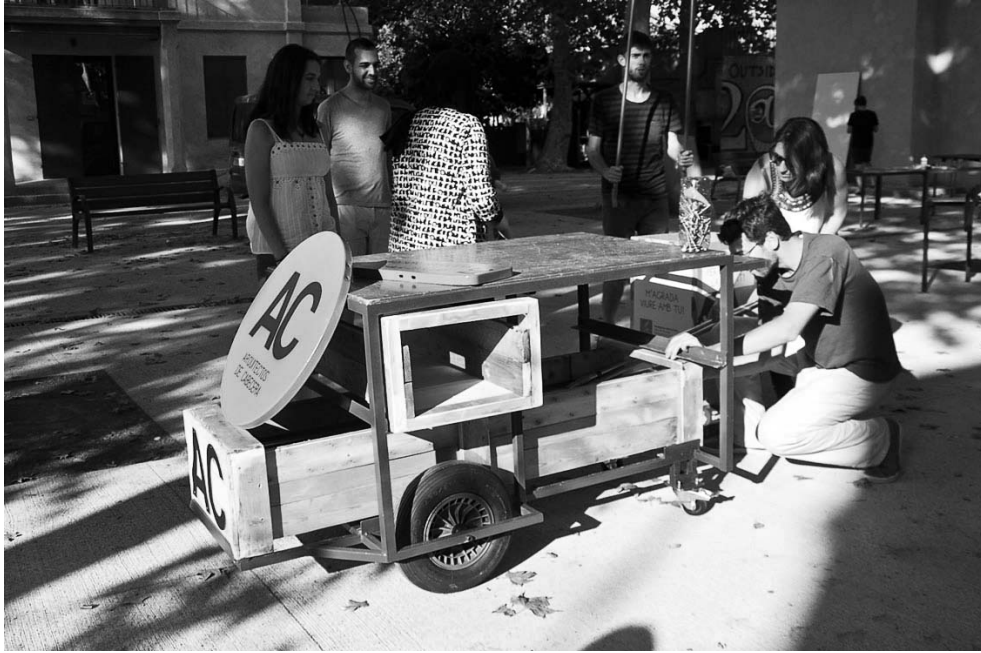


Figura 31: Construção de dispositivos urbanos, Workshop AC 2016

Ainda que os seus fundadores enfatizem que o modus operandi de Arquitectos de Cabecera pode ser replicado a qualquer cidade do mundo (a prova disso é que o projeto despertou interesse em várias universidades estrangeiras, uma das quais, a de Bogotá, que já começou algo parecido na cidade), não é por acaso que surgiu precisamente em Barcelona. E Também não é coincidência que esta ideologia tenha conseguido criar uma área de atuação no panorama urbanístico de uma cidade que está habituada a planificações tão ambiciosas.

*“En un principio se pensó que la mejora física de la ciudad mejoraría la vida de los habitantes pero esta idea ha acabado derivando en algo muy diferente. Actualmente, Barcelona, es una ciudad en donde el alquiler social es residual (poco más de un 1% del parque total de vivienda, según datos del ayuntamiento), con una afluencia de turistas insostenible (19 millones en 2016, una cifra once veces superior a la población total de la ciudad), una pobreza energética que ronda el 10%; una ciudad que apostó hace más de veinte años por recuperar para la ciudadanía el Frente Marítimo y el Port Vell y que rápidamente lo perdió montando hoteles de cinco estrellas o una marina de lujo”.*⁵⁸

Este é o cenário, mas para o Arq. Bohigas, fundador de arquitetos de Cabecera, existe uma saída: “Tradicionalmente la arquitectura mira las calles de la ciudad desde arriba y propone soluciones a vista de pájaro. Es el momento de que, paralelamente, se lleve a cabo el proceso inverso. De que se hable con los vecinos y con las comunidades y que, conjuntamente, se decida qué tipo de calle se necesita”.⁵⁹ Importante explicar que desde 2015, Josep Bohigas combina o seu trabalho como professor na ETSAB com o cargo de diretor geral de Barcelona Regional, a agência pública de planeamento urbano da cidade metropolitana de Barcelona, agência fundamental em todos os processos que a cidade experimentou desde 1992.

A partir de organismos públicos, pretende-se concretizar essa mudança do modelo urbano que, na sua opinião, passa necessariamente por capacitar o arquiteto para que este seja uma engrenagem da sociedade. “No solo en alguien que diseña grandes proyectos, sino en un profesional capaz de enfrentarse a problemas de todo tipo, algunos nuevos y desconocidos, generados por una sociedad en constante cambio”⁶⁰. Como por exemplo, Can 60.

⁵⁸ “No início, pensava-se que a melhoria física da cidade melhoraria a vida dos habitantes, mas essa ideia acabou levando a algo muito diferente. Atualmente, Barcelona, é uma cidade onde a renda social é residual (pouco mais de 1% do parque habitacional total, segundo dados da administração), com um influxo insustentável de turistas (19 milhões em 2016, um número onze vezes maior para a população total da cidade), uma pobreza energética de cerca de 10%; uma cidade que apostou há mais de vinte anos para recuperar para a cidadania a Frente Marítima e o Port Vell e que rapidamente a perdeu, montando hotéis cinco estrelas ou uma marina de luxo”. **García Lopez, Jorge. Arquitectos que sanan ciudades. Público, 25 de Maio de 2017. (Ibon Bilbao)**

⁵⁹ “Tradicionalmente, a arquitetura olha para as ruas da cidade desde cima e propõe soluções de olho de pássaro. É hora de, paralelamente, o processo inverso ser realizado. De conversar com vizinhos e comunidades e, em conjunto, decidir que tipo de rua é necessária”. **Pérez Moya, Eduard. Arquitectos de Cabecera. Spanish-Architects, 29 de Janeiro de 2017 (Ibon Bilbao)**

⁶⁰ “Não só em alguém que projeta grandes projetos, mas num profissional capaz de enfrentar problemas de todos os tipos, alguns novos e desconhecidos, gerados por uma sociedade em constante mudança.” **García Lopez, Jorge. Arquitectos que sanan ciudades. Público, 25 de Maio de 2017. (Ibon Bilbao)**



Figura 32: Construção de mobiliário urbano, Workshop AC 2016



Figura 33: Discussão de projecto com habitante local sobre a sua casa

“Es decir, nosotros estamos desarrollando un proceso inverso al habitual que ha consistido en pensar, primero, la ciudad, las calles, las plazas, los edificios, los pisos y, por último, pensar en la estancia. En *Arquitectes de Capçalera*, lo hacemos a la inversa. Comenzamos con la gente, hablando con ella y entendiendo que su casa se construye, precisamente, desde esta intimidad. Una intimidad que nos permite reconocer cuáles son las asociaciones que acaban construyendo un modelo de ciudad. Un modelo que se piensa de dentro hacia fuera.”⁶¹

Embora ainda haja um longo caminho a percorrer, esta colaboração com a administração pública é um primeiro passo em direção à perspectiva que Ibón Bilbao e Josep Bohigas delineiam para o futuro. Um cenário que permite a qualquer pessoa com problemas na sua casa possa pedir assistência a uma entidade pública, como por exemplo, através de uma oficina de atenção ao cidadão para receber o conselho de um arquiteto.

*“Ahora no se trata de crecer solo construyendo, sino también rehabilitando; nuestra idea es que la ciudad del futuro no será la de los grandes proyectos, la ciudad del futuro ya está aquí: es la nuestra ... Y no se trata de sacar Arquitectos de Cabecera de la universidad, al contrario: consiste en conectar la universidad con la ciudadanía y con el ayuntamiento, una unión que ha dado a Barcelona muchos de sus años de mayor esplendor urbanístico”*⁶², diz Bohigas, referindo-se às reformas que, durante a década de 1980, renovaram e fizeram crescer a cidade.

“En la universidad se nos forma en un supuesto abecé que nos dota de los instrumentos necesarios para ejercer como arquitectos. Los diversos y simultáneos planes de estudio muestran la enorme dificultad de fijar los criterios básicos que intentan compatibilizar lo que la profesión necesita y lo que ordenan los requerimientos legales europeos, estatales o comunitarios, a menudo regidos por bases generalistas que no reconocen la singularidad de unos estudios que se balancean entre lo técnico, lo artístico y lo social. Cada unidad docente, incluso cada profesor, tiene la responsabilidad y la facultad de acentuar los pocos resortes que le quedan para orientar los estudios hacia donde crea conveniente en un momento donde la doble crisis –económica y profesional– nos empuja a reformular los fundamentos de la formación del arquitecto.”⁶³

⁶¹ "Noutras palavras, estamos desenvolvendo um processo inverso ao usual que consistiu em pensar, primeiro, a cidade, as ruas, as praças, os edifícios, os apartamentos e, finalmente, pensar no momento. Em *Arquitectes de Capçalera*, fazemos o contrário. Começamos com as pessoas, conversando com elas e entendendo que a casa delas é construída, precisamente, a partir dessa intimidade. Uma intimidade que nos permite reconhecer quais são as associações que acabam construindo um modelo de cidade. Um modelo que é pensado de dentro para fora." **Pérez Moya, Eduard. *Arquitectos de Cabecera. Spanish-Architects*, 29 de Janeiro de 2017 (Josep Bohigas)**

⁶² "Agora não se trata de crescer apenas construindo, mas também reabilitando; Nossa idéia é que a cidade do futuro não seja a cidade dos grandes projetos, a cidade do futuro já está aqui: é a nossa ... E não se trata de arrancar *Arquitectos de Cabecera* da universidade, ao contrário: consiste em conectar a universidade com a cidadania e a administração da cidade, uma união que deu a Barcelona muitos dos seus anos de esplendor urbanístico", **Pérez Moya, Eduard. *Arquitectos de Cabecera. Spanish-Architects*, 29 de Janeiro de 2017 (Josep Bohigas)**

⁶³ "Na universidade somos formados num suposto abc que nos dá as ferramentas necessárias para exercer como arquitetos. Os diversos e simultâneos planos de estudo mostram a enorme dificuldade de se estabelecer os critérios básicos que tentam compatibilizar o que a profissão precisa e o que regula os requisitos legais europeus, de estado ou comunitários, muitas vezes regidos por bases generalistas que não reconhecem a singularidade de uns estudos que balanceiam entre o técnico, o artístico e o social. Cada unidade de ensino, incluindo cada professor, tem a responsabilidade e a facultade de acentuar os poucos recursos que permanecem para orientar os estudos para onde parece conveniente, numa altura em que a dupla crise - económica e profissional - leva-nos a reformular as bases da formação do arquiteto." **Bohigas, Josep. "Arquitectos de cabecera (AC)", *Quaderns*, n266, 2016**



Figura 34: Conversa entre alunos e Ibon Bilbao dentro do Piso Piloto

Parece-me importante destacar a componente real deste exercício académico. Arquitectos de Cabecera esforçam-se por transmitir aos estudantes os problemas urbanos e habitacionais que as nossas cidades apresentam, especificamente Barcelona, um fato indispensável na formação da nossa disciplina. Esta componente real, que acaba por ser os desafios de AC, pode ser dividido em três áreas

Cooperar

A cidade é uma construção coletiva. Não é conveniente competir em algo que diz respeito a todos, devemos trabalhar juntos para uma melhoria. É urgente experimentar formas de promoção e estabilidade baseadas na cooperação e uso, não em especulação e abuso. Quebrar barreiras disciplinares e tecnocráticas, entender a cidade como um processo de código aberto: colaborativo, dinâmico, complexo. A tomada de decisões deve ser democratizada por meio da participação horizontal e indutiva. Tirar proveito da inteligência coletiva para enriquecer o bem comum.

Cohabitar

A cidade é um habitat partilhado. Devemos limar as dificuldades da coexistência e aumentar as suas vantagens. Desencorajar o individualismo e encorajar a vida de bairro. Promover a habitação social para dissolver guetos e promover monoculturas funcionais, para alcançar uma cidade diversificada e equilibrada. Na sua distribuição, devemos pensar nas relações da casa e enriquecer o limiar que a separa do público, dividir despesas e benefícios, apostar em serviços comuns e espaços de sociabilidade, onde se pode aprender a participar do bem comum.

Reciclar

A cidade do futuro já está construída. É hora de reciclar o herdado, para aproveitar as sobras do passado. Devemos devolver a vida ao habitat. Em vez de construir casas mais remotas, preencher as lacunas do tecido consolidado. Repovoar bairros sem vizinhos, preencher casas desocupadas. Reformar leis e moradias para adaptá-las à vida contemporânea, resgatá-las da precariedade construtiva ou da pobreza energética, para irrigar de empregos qualificados o trama de base.

Transmitir estes desafios a um aluno é prepará-lo para a cidade atual, no entanto, parece-me também importante que a escola consiga contagiar um espírito político e crítico. Para que os resultados sejam os esperados, não existe uma posição de arquiteto desvinculada com a política, quase como que o arquiteto assume um papel de mediador social, onde procura chamar a atenção das administrações e neste caso dos estudantes para uma necessidade. Uma posição frágil, mas possível, que nem todo o arquiteto ou professor está disposto a assumir. No entanto, AC positivamente consegue camuflar-se como um jogo académico consciente que é forçado a aceitar o poder das administrações enquanto gera diálogos, acordos e contratos com as mesmas.



Figura 35: Exercícios de exploração das dimensões habitacionais

“Parece que la gente no sabe que el arquitecto está formado técnica, conceptual y políticamente para afrontar este tipo de problemas y hacer llegar al ciudadano esta realidad era una de las primeras condiciones básicas del funcionamiento de nuestro proyecto. Nosotros queríamos ayudar al ciudadano y que el ciudadano también nos ayudara a nosotros a resituarnos dentro del panorama profesional tan depauperado que hemos vivido en los últimos años.”⁶⁴

Como conclusão, afirmo que Arquitectos de Cabecera, ou em Catalão, Arquitectos de Capcelera, é um incrível projeto que defende que a cidade faz-se com todos e para todos. Este projecto da escola de Barcelona, ainda que nasça de uma problemática intrinsecamente associada a um território específico, é a prova de que o atual conceito de universidade, como instituição indialogante com os seus cidadãos é uma posição obsoleta que requer um repensamento. Neste exemplo podemos compreender uma visão inovadora que aceita a cidade como caso de estudo, um cenário de experimentações conscientes que procuram uma melhor habitabilidade do espaço em geral, fazendo frente aos problemas urbanos que se apresentam. Como afirma Ibon Bilbao, existe um “Este mix, este equilibrio por la multiplicidad de agentes y de maneras de vivir en un mismo entorno, es la solución”⁶⁵, isto é, um equilíbrio que aceita a arquitectura como uma disciplina que se deixa interceptar por muitas outras, uma ferramenta que participa de um todo composto por diversas entidades responsáveis.

⁶⁴ “Parece que as pessoas não sabem que o arquiteto é tecnicamente, conceitualmente e politicamente treinado para enfrentar esse tipo de problema e fazer com que essa realidade chegue ao cidadão foi uma das primeiras condições básicas da operação do nosso projeto. Queríamos ajudar o cidadão e que o cidadão também nos ajudara a (re)situar-nos dentro do panorama profissional tão empobrecido que vivemos nos últimos anos.” **Pérez Moya, Eduard. Arquitectos de Cabecera. Spanish-Architects, 29 de Janeiro de 2017 (Josep Bohigas)**

⁶⁵ “Esta mistura, este equilibrio pela multiplicidade de agentes e modos de viver no mesmo ambiente, é a solução” **García Lopez, Jorge. Arquitectos que sanan ciudades. Público, 25 de Maio de 2017. (Ibon Bilbao)**

Num mundo assumidamente capitalista e neoliberal, as escolas de arquitetura criam um estereótipo de arquiteto não flexível o suficiente para adaptar-se a todas as necessidades e realidades do nosso planeta, **aceitando exceções**. No entanto existem outras formas de ser arquiteto, formas que a escola esquece e que nesta dissertação desenvolver-se-ão.

Conclusão

Conclusão

Não acredito no conceito de escola perfeita mas sim numa possível aproximação disso. As opiniões de cada estudante podem divergir, ou talvez nem existir, no entanto o que quero ressaltar aqui é a necessidade urgente de que a escola consiga criar um espírito crítico capaz de questionar a vida e até mesmo o funcionamento da sua própria escola. Cada escola responde de forma distinta à necessidade da arquitetura, no entanto, com a minha curta experiência de vida como arquiteto e como conclusão deste capítulo, tentarei dar a minha opinião de escola ideal.

Acredito que qualquer estabelecimento de ensino que tenha como meta o desenvolvimento dos seus estudantes, deve, por consequência centrar-se nestes. Refletindo este aspecto numa escola de arquitetura, esta deve atender às necessidades de cada estudante, o mais pessoal e humano possível, potenciando o arquiteto que cada um quer ser, e não o arquiteto que a ideologia da escola quer que sejam. Para isto, necessitamos de uma instituição que adote programas curriculares flexíveis, inclusivos, menos rígidos e sensíveis, capazes de orientar o caminho individual num sentido total. Quer isto dizer, que a instituição deve atender às necessidades individuais não esquecendo a importante necessidade colectiva do mundo actual.

A escola ideal seria aquela que consegue adaptar-se constantemente aos tempos que vive, seria aquela que não se deixa congelar numa ideologia ou num momento, seria aquela que não cria incongruências de pensamento versus realidade. Significa isto que não permite que se feche em si mesma, nas suas funções ideológicas, permitindo criar um norte como objectivo geral, flexível e adaptável. Com todos estes adjectivos positivos penso numa escola que consegue criar a relação mais interessante entre cidade e malha curricular, entre habitante e estudante, entre administração e aula, entre indústria e pedagogia. No entanto, em tudo isto, penso também numa escola capaz de dar uma resposta aos mais graves problemas da sociedade, a segregação, a precarização, o patriarcado ou os danos ambientais.

Concluindo, acredito que se existirem as vontades necessárias para criar uma escola com estes parâmetros, formaríamos estudantes preparados para exercer uma arquitetura muito mais necessária e real em comparação à que temos hoje em dia: uma arquitetura maioritariamente supérflua. Concordas?

Num mundo assumidamente capitalista e neoliberal, as escolas de arquitetura criam um estereótipo de arquiteto não flexível o suficiente para adaptar-se a todas as necessidades e realidades do nosso planeta, aceitando exceções. **No entanto existem outras formas de ser arquiteto, formas que a escola esquece e que nesta dissertação desenvolver-se-ão.**

Introdução

Até agora, fizemos uma viagem que começa por tentar entender a economia da educação, cruzando um olhar crítico sobre os problemas da educação na arquitetura e termina com exemplos positivos e justificados do que entendo serem boas práticas educativas. Agora é necessário deixar a academia para trás e entrar no mundo laboral da nossa profissão.

Como já mencionado nos capítulos anteriores, a estrutura social em que vivemos é especialista em criar tabus, preconceitos e estereótipos. Depois da tentativa de caracterizar e criticar o estereótipo de arquiteto neoliberal, parece-me interessante dar uma olhada noutras formas.

Outras formas de ser arquiteto, que por consequência revelam diferentes visões da arquitetura, bem longe das convencionais. Para uma melhor compreensão, esse posicionamento do ser arquiteto é dividido em três grandes variáveis principais. Certo que há uma infinidade de variáveis, no entanto, para este exercício académico, considero que estes três campos de ação serão os mais relevantes e importantes para analisar.

A. Desde o privado

- 3.1 O caso de Patrick Bouchain (FR)
- 3.2 O caso de Santiago Cirugeda (ES)

B. Desde o cooperativo

- 3.3 O caso do Uruguai (UY)
- 3.4 O caso da Cooperativa Lacol (ES)

C. Desde o público

- 3.5 O caso de Marinaleda (ES)

Num mundo assumidamente capitalista e neoliberal, as escolas de arquitetura criam um estereótipo de arquiteto não flexível o suficiente para adaptar-se a todas as necessidades e realidades do nosso planeta, aceitando exceções. **No entanto existem outras formas de ser arquiteto, formas que a escola esquece e que nesta dissertação desenvolver-se-ão.**

Desde o Privado

Introdução

O sistema educativo, e a vida de maneira geral, preparam-nos para um mundo de competitividade em que devemos sobreviver de forma individual. Este constante estado de comparação e disputa pelo sucesso fez-nos esquecer a colectividade. Já se apagou da memória geral da sociedade que a origem do ser humano baseia-se na vida em conjunto, no progresso comunitário e na união entre seres. O sistema capitalista conseguiu formatar o código humano a uma realidade totalmente individual, onde deixa pouca abertura para a união, a independência e a soberania comunitária. Um ótimo exemplo disso são os danos causados pelas forças militares dos governos latinos contra as culturas originárias, grupos incrivelmente bem organizados, autônomos e independentes.

Ainda que o sistema atual permite a organização entre indivíduos sob várias formas jurídicas, a estrutura tradicional hierárquica e individual continua a liderar as lógicas capitalistas da atualidade. É sem dúvida uma estrutura obsoleta que procura o benefício pessoal centrado no capital e que ignora a maioria dos valores associados à vida humana, como a solidariedade, a tolerância, a equidade, a honestidade ou a empatia.

No entanto, ainda que prevaleça o domínio desta estrutura organizacional, alguns arquitetos conseguem dar-lhe a volta e propor novas formas de exercer arquitetura. Arquitetos que dificilmente entram na elite mundial da disciplina, no entanto desenvolvem poderosas visões que necessitam ser conhecidas. Como arquitetos podemos assumir posições distintas com objetivos e ideais distintos, no entanto devemos assumir que a arquitetura é totalmente uma expressão política. Em tudo o que escrevemos, projetamos e construímos, fazemos política, embora parece-me que muitos arquitetos não se dão conta disso, já outros destacam-se pela sua forte ambição por conseguir outras formas de ser arquiteto nesta estrutura individual.

Num mundo assumidamente capitalista e neoliberal, as escolas de arquitetura criam um estereótipo de arquiteto não flexível o suficiente para adaptar-se a todas as necessidades e realidades do nosso planeta, aceitando exceções. **No entanto existem outras formas de ser arquiteto, formas que a escola esquece e que nesta dissertação desenvolver-se-ão.**

Desde o Privado - Patrick Bouchain



Figura 36: Momento de descontração dos trabalhadores de Le Lieu Unique

Patrick Bouchain

Patrick Bouchain é um arquiteto francês de 73 anos de idade com uma posição ilegal interessante, visto que não está inscrito na ordem dos arquitetos. Não só projeta edificações, mas também situações. Um arquiteto que assume vários papéis, incluindo o de cenógrafo, assessor político, director de obra, angariador de fundos e construtor. Ele define-se como "maître d'oeuvre" ou "gerente de projeto", que na sua visão ultrapassa a função típica de ser arquiteto. Vejamos.

A maioria dos seus projetos começa pela criação de uma rede de pessoas interessadas, colaboradores, residentes, funcionários do governo local, grupos de vizinhos, etc. Uma vez que esta rede é estabelecida, o lugar de obra é ativado socialmente, geralmente através da abertura de um pequeno espaço. Os 'cabanes de chantier' ou cabanas de obra têm como objetivo incentivar e ativar redes em torno do trabalho, espaços que funcionam como um restaurante, escritório local e / ou área de consulta onde os transeuntes e interessados podem aprender sobre o projeto, expressar as suas opiniões ou apenas assistir a um filme. Essa fase inicial cria relações entre arquitetos, construtores e pessoas locais o que ajuda a descobrir usos para o lugar antes que algo permanente seja construído. Com essa abordagem, os projetos da Bouchain são sustentáveis no verdadeiro sentido da palavra, garantindo que o que é finalmente construído seja apropriado e útil para o meio ambiente e principalmente para as pessoas locais.

Muitos dos projetos são à escala urbana e incluem a reutilização e remodelação de edifícios industriais antigos através de intervenções mínimas. Essa intervenção mínima não se traduz apenas no impacto físico das estratégias construídas, mas também nas formas de gestão económica. Um excelente exemplo disso é o Le Lieu Unique⁶⁶, na cidade de Nantes, um projeto construído com metade do orçamento inicial.

Com formação em teatro, circos e festivais urbanos, Bouchain aborda a arquitetura como um evento, criando o máximo impacto através de uma mistura de ilusão, uso inteligente de materiais e programação inovadora. Colaborações e trabalho em rede constante desempenham um papel importante nesse tipo de planeamento urbano alternativo. Um ótimo exemplo destas colaborações foi quando Bouchain convida construtores de Mali para materializar uma barreira acústica com barris de petróleo; Sempre que possível, os seus projetos empregam uma mistura de especialistas em vez de uma figura central.

⁶⁶ Le Lieu Unique é o centro nacional de arte e música contemporânea de Nantes, na França. Inaugurado em 1 de janeiro de 2000, está localizado numa antiga fábrica de biscoitos no centro da cidade.



Figura 37: Cafeteria Le Lieu Unique

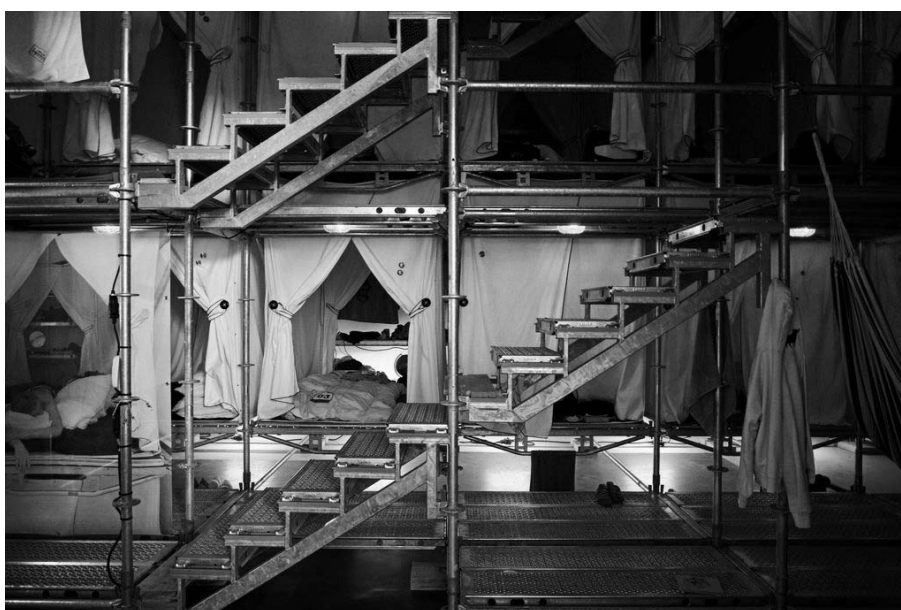


Figura 38: Pavilhão francês, Bienal de Arquitetura de Veneza, 2006

Bouchain foi responsável pelo pavilhão francês de 2006 na Bienal de Arquitetura de Veneza, um projeto interessante que merece ser analisado. Em vez de seguir o formato padrão para a exibição de palavras e imagens, foi enfatizada uma perspectiva social e humana da arquitetura. O grupo Exyzt foi convidado a habitar o pavilhão, a construir uma estrutura semelhante a um andaime e viver nela durante toda a bienal. O espaço incluiu DJ, atelier de projecto, cozinha e sauna, destacando desta forma o fato de que a arquitetura é uma ocupação e não um objeto construído. Esta abordagem alternativa destaca o papel das redes informais, do espaço social e dos processos na arquitetura que podem assumir novas caras e funções. Esta realidade pôde associar-se com o trabalho de outros coletivos europeus, como o Atelier de Arquitetura Autogérée, City Mine (d), Raumlabor e, claro, o grupo que Bouchain convidou, para a atenção internacional, Exyzt. Para entender melhor este importante ato rebelde, gostaria de apresentar o prefácio do seu livro mais conhecido, traduzido livremente por mim, que aproveito de explicar mais à frente.

“Construir de outra maneira. Como fazê-lo?

Eu acredito no provisório, na mobilidade das coisas, na troca.

E trabalho para criar, na arquitetura, uma situação em que a construção se possa realizar de uma outra maneira e gerar o inesperado, conseqüentemente o encantamento. Construir de outra maneira leva-me às ideias que já experimentei com prazer e que retive, de uma obra para a outra, para chegar a este objectivo: estar inserido no contexto, conhecer a regra, não agir mas sim transformar, fazer o menos possível para poder dar o mais possível, treinar toda a gente, interpretar, dar tempo, transmitir, nunca fazer o mesmo...

Neste livro, como em todas as minhas obras, eu peço a todos para enriquecer o trabalho comum com os seus pontos de vista e com o seu conhecimento, pois escrever sozinho – assim como construir sozinho – parece-me impossível, já que a arquitetura não é assunto de especialistas ou técnicos. Aqui, é dos artistas, dos arquitetos, dos paisagistas, dos investigadores, dos filósofos, dos cineastas... com aqueles que trabalhei ou que me influenciaram, que vêm questionar os nossos hábitos e trazem uma perspectiva diferente da arquitetura.

Assim, como a arquitetura é um assunto de todos, já que todos somos utilizadores, penso que está por toda a parte, num lancil de uma calçada, na qualidade acústica, na relação entre um edifício e a paisagem... nos lugares «não pensados» como as áreas industriais desocupadas ou os lugares abandonados pela administração pública mas ocupados pelas pessoas, e cuja existência nos permite reconsiderar outras formas de habitar, de partilhar ou de viver em conjunto.

O «não pensado», conjunto de histórias que são contadas neste livro, a partir de espaços de liberdade que precisamos para produzir uma arquitetura carregada de significado e não de normas, e como nós podemos experimentar outras formas de construir um jardim, um abrigo, um lugar de reunião... Porque é focando no «pequeno», no «micro», «no indivíduo», que poderemos entender e actuar em conjunto, no «macro», na colectividade.

Métacité/ Métavilla – o nosso dispositivo veneziano – esforça-se por colocar em prática um movimento colectivo. A exposição de arquitetura é sobre a passagem ao acto estar na fase da ideia, na oportunidade experimentar uma concepção arquitectónica, mas sobretudo de aferir um ideal de vida, não tanto como uma hipótese utópica, mas sim como algo a fazer. A ocupação atípica e a abertura ao público do pavilhão nacional é um acto de arquitetura.

Provavelmente daqueles que apenas são possíveis de realizar em tempos de tensão securitária e de guerra subjacente. Acolher o estranho, irredutivelmente outro, está mais do que nunca na ordem do dia.

Felizmente, a cidade desenvolve-se alegremente dentro do pavilhão, aqui e em outros lugares. Introduzindo um outro tempo, o do acolhimento, da hospitalidade, do respeito, do encontro e da transmissão, ao dar-nos uma grande liberdade, a nossa presença traduz-se numa sucessão de experiências que mostram a diversidade de possibilidades.”⁶⁷

⁶⁷ Bouchain Patrick. Construire Autrement. Comentar Faire? Arles: Actes Sud, 2006. (Prefácio)



Figura 39: Construção de Siège Nature & Découvertes, Versalhes

Algo importante a mencionar também sobre o trabalho de Bouchain é a sua visão crítica de que o trabalhador hoje vê-se reduzido a um escravo moderno da indústria global da construção (para entender melhor essa visão, Sergio Ferro tem um livro incrível , 'O Canteiro e o desenho', que te recomendo!). Bouchain desenvolve uma atitude contracorrente na qual procura transformar os edifícios em processos humanos e vernáculos. Recuperar dos trabalhadores a sua identidade para gerar um renascer da harmonia da construção. Como S. Ferro, P. Bouchain defende que o local de trabalho actual é um espaço opressivo onde se executam projetos totalmente machistas, hierárquicos, discriminatórios, violentos e desumanos, fato que o correto desenho do projeto deve procurar dar uma resposta urgente. Entender o desenho como algo mais complexo do que a estética, como a disciplina responsável que garante um projeto saudável, justo, positivo e harmonioso, em que o trabalhador é uma preocupação constante: transformar a sua posição de precarizado a criador.

O processo de construção a que Bouchain se dedica foi desenvolvido e aperfeiçoado através dos inúmeros projetos arquitetónicos que realizou ao longo da sua vida, aproximando-se cada vez mais ao seu discurso radical e à sua ideologia criativa. Este processo, que não é visto como uma fórmula universal, é simples e fácil de aplicar, desde que haja uma vontade sincera de todos os atores pertencentes a um projecto de construção tradicional em gerar uma estratégia democrática do pensar e do fazer.

O seu livro, *Construire Autrement*, que pode ser traduzido como "Construir diferentemente", é um manifesto tanto pelo conteúdo quanto pela forma. O último, de fato, ilustra um estilo literário vazio de terminologia complexa ou conhecimento profundo, e está dividido em duas partes: os seus escritos e os de alguns dos seus conhecidos amigos, Michel Onfray (filósofo), Gilles Clément (pintor de paisagens), Lucien Kroll (arquiteto), Daniel Buren (artista), Antoine Nochy (filósofo), Romain Paris (designer urbano) e Otar losseliani (cineasta).

Em relação ao conteúdo, P. Bouchain explica a sua disposição em integrar todos os atores envolvidos no edifício que está a projectar no processo criativo e construtivo. Para isso, cria encontros entre esses atores, organizando debates no terreno da obra, entre vizinhos, políticos locais e artesãos. Estabelece uma cantina durante a construção para que as pessoas locais possam partilhar com os trabalhadores, convidar as escolas primárias a visitar o local e educar as crianças (e adultos) sobre as consequências que um edifício e a sua construção podem causar na cidade, etc.

Propõe também uma estratégia política para implementar, através do processo criativo e construtivo de cada edifício público, uma abordagem inovadora e democrática. Desde 1936 (e sistematicamente desde 1981), os edifícios públicos franceses têm de dedicar 1% do seu orçamento da construção a uma obra de arte. Como este último, em relativa liberdade, P. Bouchain prevê (e aplica-se aos seus próprios edifícios) políticas que acrescentariam a isto, uma "solidariedade de 1%" que promove o aspecto social da construção. (como para a cantina), bem como um "1% científico" que desenvolve pesquisa útil para o edifício, um "1% educativo" para ativar programas como o mencionado acima e "1% para idosos" que insiste na importância da transmissão do conhecimento entre gerações.

Tal atitude é uma refutação radical àqueles que pensam que a qualidade, seja ela qual for, é indivisível da elaboração de grandes orçamentos. Dá também esperança aos jovens arquitetos que lamentam no mundo profissional a ausência de projetos como os que os motivaram durante o período em que estudaram; Através do exemplo de P. Bouchain, podes perceber que o aspecto revolucionário da arquitetura não está necessariamente na forma, mas sim no processo. O desenvolvido em *Construire Autrement* transgride os códigos da necessidade de rentabilidade capitalista e a autoria elitista da vanguarda intelectual na arquitetura atual.



Figura 40: Crianças de visita à obra do Centro de Artes Circenses e Culturas Emergentes

As histórias relacionadas com Bouchain evocam o hedonismo exuberante da dança, do teatro e do circo, mundos familiares para o arquiteto que são expressados pelo seu amigo, partidário e filósofo Michel Onfray, que vê na obra de Bouchain uma rejeição do dualismo que está no coração da civilização ocidental: a adoração da cópia representa uma força vital orgânica, como uma rematerialização do real; A visão crítica da vida transformada em propostas que se opõe à vida tranquila numa rede de fluxo, circulação, movimento e trânsito.

Bouchain é responsável por uma arquitetura crítica e pragmática, que não precisa ser uma aborrecida aceitação da convencional; ele acredita na temporalidade, na fluidez das coisas e no trabalho para criar na arquitetura uma situação na qual a construção pode ocorrer de outra maneira e produzir algo inesperado e, portanto, encantador.

Numa obra de construção, parece difícil superar a norma, muitas vezes técnica, contábil e corporativista. No entanto, a arquitetura é um fator importante no vínculo social e o construtor tem uma responsabilidade social e estética, embora esta última seja altamente criticada e questionada. Discutir um novo bairro é um problema político, mas a decisão democrática deve nascer nas pequenas praças da cidade: é necessária uma atitude real da política, de uma delegação verdadeira de uma pessoa consciente, coerente e responsável. Será Bouchain uma dessas pessoas?

Bouchain assume uma posição delicada que procura questionar as estruturas básicas da nossa disciplina. Há discussões eternas em torno da arquitetura que ao longo da história foram refletidas pela rebeldia de certos arquitetos, uma sucessão de personagens que questionam os conceitos essenciais.

Bouchain mergulha numa procura pela acessibilidade do desenho e pela relação da forma com o processo. Sob lógicas específicas e experimentações constantes ao longo de sua carreira, o arquiteto francês defende que a qualidade do desenho, a beleza estética do espaço e a forma final dos elementos construídos são consequência de um processo participativo que integra e atrai todos os participantes do espaço. Essa democratização da arquitetura, associada a um processo integral que quase objetiva a falta de cuidado com a forma, acaba por criar uma linguagem específica que associa diretamente o participante à função e consequentemente ao desenho.

Esta posição crítica e criativa anda de mãos dadas com a gestão inteligente das verbas disponíveis para cada projeto, onde Patrick Bouchain desenvolve uma atitude reacionária criticando aqueles que pensam que a qualidade, seja qual for, é inseparável da elaboração de grandes orçamentos.

Concordamos, com a leitura dos capítulos anteriores, que a arquitetura do século XXI é muitas vezes traduzida como um jogo de egos, certo? O arquiteto francês, embora muitas vezes apareça como figura central, argumenta que a boa arquitetura não está associada a deixar grandes marcas, muito pelo contrário. No seu trabalho podemos entender que as necessidades reais e comuns ultrapassam as vontades pessoais, através do respeito pelo existente e o interesse pela intervenção mínima, bem como a necessidade de reciclar o preexistente e renovar recursos, fatores que deixam de lado o ego e qualquer prioridade pessoal.



Figura 41: Crianças de visita à obra do Centro de Artes Circenses e Culturas Emergentes

Democratizar a arquitetura é uma expressão constante no discurso de Bouchain, fato que contraria a corrente dos estímulos da arquitetura atual. O seu trabalho tenta quebrar qualquer estrutura hierárquica que o setor imobiliário e da construção civil assumem como pré-estabelecida. Este trazer a arquitetura de volta para quem quiser participar de ela, abordando os processos produtivos, criativos e construtivos, é, na minha opinião, a grande virtude de Patrick Bouchain. Uma visão totalmente radical à do arquiteto como figura central dos esquemas construtivos atuais.

Alguns capítulos atrás, lembro-me de fazer uma relação entre arquitetura e ser humano, uma associação entre disciplina e valores humanos. Já estamos claros de que a arquitetura deve ser entendida como uma ferramenta de uso inteligente e necessário. Essa é precisamente a abordagem que Bouchain nos oferece, uma componente real e humana do saber. O uso inteligente da arquitetura como estratégia para resolver problemas urbanos e sociais e não como um motor intensificador da separação entre classes.

Uma das formas, talvez a mais interessante de se analisar nesse caso, é a preocupação constante em criar redes de trabalho que procuram capacitar e emancipar cada participante do projeto. Associado a uma desconstrução dos conceitos hierárquicos, Patrick Bouchain facilita a capacidade de interação com as decisões projetuais e participação em cada etapa do projeto, evidenciando a função social e política da arquitetura, uma preocupação urgente que a nossa disciplina deveria atender. Não?

Uma crítica comum às obras de Bouchain aponta para a estética do construído, no entanto, tal como Santiago Cirujeda, o arquiteto francês defende que o processo participativo deve ser assumido como um evento aberto, onde qualquer um pode participar. Esta estratégia difícil, pouco aceita pela lei, deixa a preocupação estética do desenho nas mãos daqueles que participam de sua criação. Essa falta de definição antes da materialização do projeto final faz com que os processos de Bouchain sejam uma ação revolucionária num mundo de arquitetura regulada, fechada e previamente estruturada.

Embora tenha funcionado várias vezes, o processo de Bouchain torna-se frágil e delicado devido ao fato de que assumidamente é um arquiteto ilegal. Como pessoa crítica e política, Bouchain preocupa-se por transmitir um discurso plausível, interessante e vendável, no entanto, a maneira como prática arquitetura dificilmente será democratizada e reproduzida, não apenas pelo fato de não pertencer à ordem dos arquitetos, mas também porque muitos de seus projetos nascem de redes e contatos pessoais que salvaguardam essa instabilidade como profissional. Atenção que este meu reparo não significa que seja um objectivo de Bouchain, o de vender a sua arquitetura.

A necessidade de associar-se com outros profissionais e grupos, demonstra uma estratégia inteligente de proteção pessoal e descentralização da figura de arquiteto vital. Paralelamente, esta estratégia cria uma ambiguidade jurídica, que não deixa muito claro qual é o papel e posicionamento do arquiteto na totalidade da actividade e projectos.



Figura 43: Construção de Les Bogues du Blat



Figura 42: Momentos compartilhados na obra de Les Bogues du Blat

A constante experimentação de processos criativos na arquitetura é uma das suas maiores virtudes, no entanto, as suas práticas caem numa dependência de sua pessoa, uma vez que tal processo experimental acaba sendo financiado pelo seu próprio sucesso. Essa centralidade na sua pessoa dissocia-se com o seu discurso de arquitetura horizontal na qual não se deveria gerar nenhum tipo de dependências ou estruturas hierárquicas.

Também é importante enfatizar que estes processos criativos e experimentais que Bouchain realiza nascem sob o interesse pessoal, que às vezes não respondem totalmente às necessidades sociais e urbanas existentes, e que o seu discurso por vezes defende.

Concluindo, Bouchain é sem dúvida um arquiteto com práticas revolucionárias e respostas a muitas problemáticas esquecidas na actualidade, no entanto, atua numa posição delicada e especial que dificilmente pode ser replicada, já que os processos dependem de muitos fatores internos e externos que levaram à figura que é hoje. Ainda que possam existir muitos pontos que possamos criticar ou não concordar, o importante a analisar do seu trabalho é a visão inovadora do papel do arquiteto como coordenador de um processo construtivo mais consciente, democrático e criativo. Tal como Santiago Cirujeda, quero também destacar a visão política e social da arquitetura, onde sempre existe uma ideologia vincada que prevalece como justificação de cada projecto. Ainda que muitas vezes esta ideologia possa encontrar obstáculos perigosos, Bouchain desenvolve ao longo da sua vida como arquiteto, uma capacidade inata para ultrapassá-los, com isto me refiro às admiráveis estratégias de contornar positivamente a legislação em prol da sociedade. Além disto, a componente social e humana presente na sua arquitetura oferece uma clara resposta alternativa à visão actual desumana e distante da nossa disciplina.

Num mundo assumidamente capitalista e neoliberal, as escolas de arquitetura criam um estereótipo de arquiteto não flexível o suficiente para adaptar-se a todas as necessidades e realidades do nosso planeta, aceitando exceções. **No entanto existem outras formas de ser arquiteto, formas que a escola esquece e que nesta dissertação desenvolver-se-ão.**

Desde o Privado - Santiago Cirugeda



Figura 44: Autoconstrução das salas de aula “La Escuela Crece”, Madrid 2015

As situações urbanas que propõe Santiago Cirugeda afastam-no de qualquer visão canónica da disciplina da arquitetura. Para analisar o seu percurso como arquiteto, devemos olhar primeiro para a sua biografia, emoções, desafios e infância, que, como ele mesmo reconhece nos seus textos, cresceu a procurar objetos domésticos para com eles construir qualquer tipo de mecanismo ou moqueta. Em suma, jogar às construções, algo tão arquitetónico que, depois de adquirida uma grande consciência urbana, continua a fazê-lo, agora carregado de conteúdo crítico, conceptual e construtivo. Santi terminou os estudos de arquitetura e, diante das perspectivas de emprego de um recém-formado (trabalhar num escritório profissional, na administração pública ou numa empresa imobiliária), Cirugeda decidiu navegar contra a corrente e desenvolver uma arquitetura pessoal e crítica que se autodefine como uma ferramenta social.

Cirugeda é um incrível manipulador, no sentido de alguém que opera de forma inteligente com todos os recursos que tem à disposição; Diz-se também que intervém com meios hábeis e eficazes na política, no mercado, na informação, com manipulação da verdade ou da justiça para criar estratégias ao serviço dos interesses particulares. Essa manipulação arquitetónica atende a preocupações coletivas que poucos têm coragem ou decência de denunciar. O seu trabalho propõe mecanismos capazes de afetar o desenvolvimento da arquitetura e da cidade, investigando as brechas do mercado imobiliário e da ineficiente regulamentação que fazem do território e do espaço público um bem de consumo.

Cirugeda, com cada um de seus projetos, declara um propósito através de ações e não apenas palavras, e é basicamente isso que faz dele um arquiteto singular: a construção e materialização de suas visões críticas. Para isso, a eficácia das táticas utilizadas exigiu o mldiatismo das situações geradas, sendo o diagnóstico do conflito o melhor apelo para uma solução. Para isso, cada projeto envolve algumas informações básicas que Cirugeda explica com caráter pedagógico (dirigido a cidadãos, políticos, mídia e outros arquitetos), o exercício que põe em prática, estratégias e conclusões.

É um cientista, portanto, aplica um método severo de tentativa e erro, onde o sucesso é tão valioso como o fracasso. A técnica de desenho é por isso a intersecção entre a estrutura normativa e os jogos de construção baseados na montagem de elementos standard e pré fabricados, leves e baratos. Estas estratégias são apresentadas através de uma Receita Urbana, nome que finalmente adota o seu atelier, que conta cada vez com um maior número de parceiros capazes de executar estas ações que finalmente têm como objetivo último construir manifestos.



Figura 45: Autoconstrução Aula de Convivencia, Sevilha, 2017



Figura 46: Autoconstrução das salas de aula "Tretzevents", Barcelona. 2013

Iniciou o seu percurso académico ocupando a sala do Colégio de Arquitetos de Sevilha com uma construção de paletes de madeira onde vivia camuflado por uma parede, e repetiu a ação mais tarde. Desta vez no espaço público, com a construção de uma cápsula na sua fachada, acessível e pública, que de maneira independente completava os programas culturais da instituição. Ocupou lotes nas cidades, enchendo-os de estruturas para uso público, ou colocou contentores de carga pela cidade com jogos para crianças, áreas de leitura, etc. São chamadas à consciência de que o espaço público é um direito e a habitação uma necessidade. De Facto, Cirugeda critica através da construção ilegal em espaços não utilizados (como telhados e terrenos baldios) para posteriormente autodenunciar-se e chamar a atenção das administrações das instituições públicas.

Essa desobediência civil consciente tenta reinventar a cidade como um tabuleiro de todos. o arquiteto Sevilhano fá-lo construindo com as mãos e as de muitos outros voluntários, apelando assim à ação construtiva global do arquiteto como pensador e construtor, sem intermediários que contaminem ou agravem os custos dos edifícios.

A nível pessoal, Santiago Cirugeda aparece como uma das principais referências da arquitetura a qual começo a dedicar-me, fato que talvez explique muito do porquê desta tese.

“como cidadãos devemos cometer ‘ilegalidades’ e demonstrar que essas ilegalidades podem ser corretas. Só assim é possível originar uma mudança de mentalidade e, em última instância, uma mudança política”⁶⁸.

O arquiteto sevilhano destaca-se "por aproximar a arquitetura para à rua", como afirma o júri do prêmio de arquitetura 'olho crítico' através da sua visão crítica e pragmática da realidade. Uma posição contracorrente estritamente relacionada a questões políticas e legais. Santiago defende que as administrações públicas têm que responsabilizar-se pelas suas competências, devem posicionar-se como servidores da sociedade, transparentes, coerentes, próximas e efetivas. Como arquitetos, devemos posicionar-nos como mediadores dessas relações, garantindo que tais entidades atendam às expectativas. A lei existe, e nela existem estatutos que estabelecem as diferentes obrigações que cada ator é obrigado a cumprir. Se a administração, por exemplo, deveria regular e controlar terrenos abandonados e não cumpre, Cirugeda, com o seu grande conhecimento judicial ocupa-os sem medo, porque a lei o permite. No entanto, há também ações do atelier Recetas Urbanas que podem ser consideradas ilegais, mas, para explicar melhor essa relação entre arquiteto e justiça, vamos ler o seguinte texto:

⁶⁸ "Como cidadãos, devemos cometer 'ilegalidade' e demonstrar que essa ilegalidade pode ser corrigida. Só assim é possível originar uma mudança de mentalidade, em última instância, uma mudança política". **Autor Desconhecido**, "A desobediência urbanística como obrigação", Tecnoarte News, 26 de Setembro de 2012



Figura 47: Intervenção Urbana Alegal

“El concepto de alegalidad define aquellas estrategias de ocupación en las que se pone en práctica un modo no regulado ni prohibido de adquisición de la propiedad de “ciertas cosas que no tienen dueño”. A diferencia de las ocupaciones legales (ajustadas a modos prescritos por ley y conforme a ella) y las ilegales (en contra de la ley) las alegales toman ventaja de la existencia de ámbitos donde la regulación es aún confusa o incluso ausente. Los enunciados jurídicos a menudo simplifican o limitan los derechos porque no son capaces de recoger la riqueza, polivalencia y versatilidad de la realidad de las formas de vida. La alegalidad no se opone a la ley sino que se adelanta a ella, exponiendo posibilidades que aún no han sido contempladas. En ocasiones esta forma de proceder ha traído consigo la transformación de la definición legal de un enclave específico, de modo que lo que inicialmente no es legal llega a serlo. Este proceso también llamado “legalidad inducida” ilustra con claridad el propósito último de las transgresiones: llegar a modificar la ley.”⁶⁹

É importante entender que as Leis não funcionam da mesma maneira em todos os países., De fato, existem muitos países que as leis nem sequer funcionam, países onde a lei é criada por “qualquer pessoa”, quase sempre órgãos com poder como militares, policiais, grandes empresários e / ou políticos associados a processos sérios de corrupção. Falar então de direito é compreender que estamos a filtrar um conjunto reduzido de países onde os referidos estatutos e responsabilidades podem ser garantidos através de ferramentas e mecanismos acessíveis a todos os cidadãos, isto é, onde a lei funciona.

Esta seria a minha primeira objeção ao trabalho de Santiago Cirugeda, que na minha opinião é algo que resulta num contexto, neste caso, espanhol, ou países onde podemos confiar no sistema de justiça. Como criador de Receitas adaptáveis e copiáveis para outras realidades, eu entenderia que quando se trata de trabalhar com administrações, cada processo é diferente, o que me faz acreditar que dificilmente podemos copiar receitas, mas sim adaptar, e isso vem da capacidade de cada um de nós.

⁶⁹ *“O conceito de alegalidade define as estratégias de ocupação nas quais se põem em prática uma maneira não regulamentada nem proibida de adquirir a propriedade de “certas coisas que não têm dono”. Diferentemente das ocupações legais (ajustadas às formas prescritas por lei e de acordo com ela) e as ilegais (contra a lei), as alegais aproveitam a existência de áreas onde a regulação ainda é confusa ou mesmo ausente. Os enunciados jurídicos muitas vezes simplificam ou limitam os direitos, porque não são capazes de recolher a riqueza, a polivalência e a versatilidade da realidade das formas de vida. A alegalidad não se opõe à lei, mas antecipa-a, expondo possibilidades que ainda não foram contempladas. Às vezes, esse modo de proceder traz consigo a transformação da definição legal de um aspecto específico, de modo que o que inicialmente não é legal chega a sê-lo. Esse processo também chamado de “legalidade induzida” ilustra claramente o propósito final das transgressões: chegar a modificar a lei”. Cirugeda, Santiago. “El derecho a la ilegalidad”, *Smart-ib, 2 de Novembro de 2016**



Figura 50: expansão do Museo de Arte Contemporâneo, Castellon.

O projeto mais conhecido do atelier Sevillano é a expansão do Museo de Arte Contemporâneo de Castellon, construído por um aglomerado de sistemas standard de andaimes e painéis de cofragem, anexado ao edifício do museu, expandindo as instalações com uma estrutura de baixo custo. Um grito crítico sobre os excessos da arquitetura na construção dos espaços representativos das cidades. No entanto concordamos que esta proposta perde todo o interesse dentro de um contexto mais ligado à estética e à linguagem. Eu entendo que a identidade e a missão de Cirugeda é a de um guerrilheiro urbano sem controle administrativo ou político, um hacker moderno dos sistemas arquitetónicos que desfruta com a inserção de elementos construtivos não previstos pelas redes da cidade que destacam as suas misérias e fraquezas. Isso propicia a que os poderes sejam conscientes da sua vulnerabilidade quando falham e, por vezes, mais do que neutralizar o agente externo, dão soluções infraestruturais para aliviar ou solucionar o problema. Este é o seu maior propósito e também o ponto débil, porque o sistema é tão poderoso que seguramente procura a melhor estratégia para incorporá-lo e tê-lo a benefício do mesmo e não contra. Não seria interessante ver Santiago imunizado pelos poderes, dado que a sua força está na condição de acionar os alarmes sociais e políticos que certamente procurarão ser imunizados diante da agressão feliz que provoca.

“Su obra depende de cuatro factores. En primer lugar, de restos –partidas cedidas por constructores –. Con ese origen, se entiende que el collage sea su expresión habitual y que convierta cada obra en un reclamo para seguir recibiendo donativos y elevar el tono a la denuncia. Por eso la expresión es clave en esta arquitectura. En ella se apoya su segunda pata: la comunicación de sus reivindicaciones. La tercera base de Recetas Urbanas es la colaboración: la construcción de cada proyecto es, en sí misma, un curso de formación. El cuarto pie es el sentido: la necesidad del local.”⁷⁰

Continuando a análise de seu fantástico trabalho, Cirugeda é conhecido pelos seus processos construtivos rápidos, acessíveis e extremamente baratos. Processos alcançados através de um desenho inteligente que envolve materiais reciclados e pré-fabricados, participação cidadã como mão-de-obra e execução com ferramentas básicas. Essa dinâmica inteligente apresenta uma resposta perfeita a necessidades urgentes, como infra-estrutura de escolas ou espaços para organizações. No entanto, parece-me que a efemeridade das suas soluções pode ser vista como uma fragilidade nas suas ações. Não quero com isto dizer que defendo a arquitetura perpétua, mas sim em entender as melhores estratégias para abordar uma solução efetiva aos tempos exigentes de cada projecto, que muitas vezes acabam por ser mais longos que as soluções de Cirugeda.

⁷⁰ " O seu trabalho depende de quatro fatores. Em primeiro lugar, de restos - peças cedidas por construtores -. Com essa origem, entende-se que a colagem é sua expressão habitual e que converte cada obra numa pretensão de continuar a receber doações e elevar o tom da denúncia.

É por isso que a expressão é fundamental nesta arquitetura. Nela apoia-se a sua segunda etapa: a comunicação de suas reivindicações. A terceira base de Recetas Urbanas é a colaboração: a construção de cada projeto é, por si só, um curso de formação. O quarto pé é o sentido: a necessidade de lugar." **Zabalbeascoa, Anatxu. "Habitar el aire con los pies en el suelo", El Pais, 24 de Junho de 2018**



Figura 51: Centro Comunitario Cañada Real, Madrid. 2019

Entendo que entre projetar, pensar e estruturar um projeto que possa resolver um determinado problema para o tempo que esse mesmo projecto exige, muitas das obras de Santi não seriam construídas, e essa é a sua maior virtude, uma capacidade de reação imediata que consegue solucionar as necessidades. Necessidades que seguramente as administrações competentes poderiam tardar anos em activar e solucionar.

Outro ponto importante a destacar no trabalho de Recetas é a relação entre estética e função. Quem conhece Cirugeda já ouviu a sua repetida pergunta: 'quem não tem um amigo feio?'. Santi, está claro, que a sua arquitetura pode ser considerada feia, mas também afirma que a arquitetura a que chamamos de feia é útil, funcional, barata, coerente, fácil, divertida, rápida, acessível e possível. Como discutimos nos capítulos anteriores, no mundo de hoje, a arquitetura é discutida, carregando-a de ênfases estéticos, plásticos, artísticos e superficiais, muitas vezes deixando de lado a real necessidade de arquitetura, a funcionalidade. Esta é demasiado profunda para se caber numa única palavra, quando digo função quero dizer todas as necessidades, problemas e responsabilidades que a arquitetura deve assumir. Disto, Santiago Cirugeda é bastante esclarecido, e a sua resposta passa por ignorar todos os conceitos de beleza que estamos procurando, ou talvez não ignorar, mas passa-los para último plano. Desta forma, apresenta-nos outra forma de arquitetura que funciona, ainda que esta possa ter algumas contradições e ambiguidades que gostaria de tentar perceber.

“Y no hemos tenido un accidente en 20 años. No hay estrés. La producción de arquitectura y de construcción por empresas cuyo objetivo legítimo es ganar dinero va por un lado. La construcción como respuesta a una necesidad y como actividad terapéutica, afectiva y formativa va por otro. Son ritmos distintos.”⁷¹

Nas suas palestras, seminários ou outras situações, perceberás que o seu discurso adopta uma posição constante, contra as administrações, uma posição rebelde que critica e denuncia as ações de todos os órgãos públicos que falham no seu dever: administrar, regular e fiscalizar. No entanto, a maioria das obras de Cirugeda são financiadas pelas mesmas administrações que critica e repudia. Para muitos, este aspeto pode ser objeto de análise no seu discurso, no entanto, no meu ponto de vista tudo se explica se compreendemos o conceito de administração pública a que Cirugeda defende: que todos somos parte da máquina administrativa, ou seja, a informação e as verbas deveriam estar ao alcance de todos. Os cidadãos e pessoas que são conhecidos como administradores são responsáveis apenas por gerir, assumir o controlo de uma máquina que pode funcionar. Porque, se por algum motivo, não funcionar, o que estamos habituados, todos devemos criticar e reagir. Que os seus projectos recebam tais verbas pelas mesmas administrações a que Cirugeda aponta o dedo é um ato que comprova que a máquina pode funcionar. Compreender a política como dona da razão, do poder e do dinheiro público é algo que Cirugeda não faz, muito pelo contrário, defende que as administrações devem atuar como servidores de uma sociedade exigente. Não é este o conceito correto de política?

⁷¹ "E não tivemos um acidente em 20 anos. Não há estresse. A produção de arquitetura e construção por empresas cujo objetivo legítimo é ganhar dinheiro vai para um lado. A construção como resposta a uma necessidade e como atividade terapêutica, afetiva e formativa vai por outra. São ritmos diferentes". **Carneiro, Montse.** "Santiago Cirugeda: «En dos años 290 personas construyeron un comedor escolar”, *La voz de Galicia*, 19 de Julho de 2018



Figura 48: Autoconstrução das salas de aula "Tretzevents", Barcelona. 2013

Com o seu forte carácter e uma personalidade inquebrável, Cirugeda torna-se uma figura central em *Recetas Urbanas*, o que deixa muito difícil que qualquer um seja capaz de tomar a sua posição. Fazer isso significa mais do que conhecimento de construção ou leis, significa agir sem medo e com pouca vergonha, significa adotar um discurso crítico direto e às vezes agressivo. *Recetas Urbanas* existe porque existe Santiago Cirugeda, porque dificilmente outra pessoa da equipa poderá assumir a sua posição rebelde, de luta e de confronto. Imagino que, devido a esta realidade de figura essencial, Santiago muitas vezes acaba a falar em primeira pessoa, como um indivíduo singular e único criador.

Como último ponto, gostaria de fazer referência a algo que acredito que é uma grande deficiência no trabalho de Santiago Cirugeda, a responsabilidade ambiental. Em capítulos anteriores fiz algumas relações entre a arquitetura, o papel do arquiteto e a responsabilidade ambiental, onde a conclusão foi de que, certamente, é uma questão que com o passar do tempo está a ganhar mais importância devido aos processos industriais devastadores e extrativistas. Um arquiteto consciente e coerente sobre estas questões significa um menor impacto no planeta. As ações do Cirugeda, embora muitas vezes sejam baseadas em processos de reciclagem de grandes quantidades de materiais, nem sempre buscam um modelo auto-suficiente ou em harmonia com o meio ambiente, como o projeto mais recente, o *Open Play*, uma sala de aula aberta no meio de um parque urbano em Gotemburgo, na Suécia, onde uma estrutura é construída principalmente com vigas recicladas em Espanha. Cirugeda preferiu carregar um contentor com todos os materiais em Sevilha e enviá-lo para a Suécia em vez de conseguir material reciclado local. Pergunto-me se estas ações não poderiam facilmente ser pensadas e executadas com uma diferente atitude ambiental.

“El cuidado para transformar la calidad plástica en calidad de uso es una cuestión de diseño a la que *Recetas Urbanas* haría bien en buscar soluciones.”⁷²

Antes de concluir, quero deixar aqui um livro que te recomendo, de Josep Maria Montaner, que faz uma breve análise crítica de vários arquitetos e processos, incluindo o de Santiago Cirugeda: “*Del diagrama a las experiencias, hacia una arquitectura de acción*”

⁷² “O cuidado para transformar a qualidade plástica em qualidade de uso é uma questão de desenho à qual *Recetas Urbanas* faria bem em procurar soluções.” Zabalbeascoa, Anaxu. “*Habitar el aire con los pies en el suelo*”, *El País*, 24 de Junho de 2018



Figura 49: Autoconstrução do Open Play, Gotenberg, Suécia, 2019



Figura 52: Inauguração de La Carpa, Espacio Artístico, Sevilha

Como conclusão quero destacar a difícil, inteligente e dura posição que o arquiteto Sevilhano assume. Santiago Cirugeda é um fenomenal estratega da legislação em vigor com objectivos comunitários, sempre em prol dos grupos e coletivos organizados que apresentam uma necessidade. Esta visão da arquitetura como uma ferramenta de ação urgente é, no meu ponto de vista, a maior virtude e aprendizagem que podemos receber com este caso de estudo.

Ainda que Santi não seja docente em nenhuma escola de arquitetura, ele leva a escola à cidade, permitindo que estudantes de arquitetura de todo o mundo participem e tomem contacto com tais processos. No entanto parece-me importante que as suas práticas sejam replicadas e transmitidas pelas instituições educativas, como um exemplo no meio de tantos outros que existem hoje em dia.

Todos sabemos que o arriscado, o fora do comum, o rebelde sempre vai gerar sentimentos opostos. Cirugeda, está claro, que através dos seus métodos cria tantos sentimentos de ódio como de admiração. Embora existam várias possibilidades de criticar o seu trabalho, como o fizemos, Cirugeda em conclusão abre um novo caminho para a disciplina da arquitetura, onde o arquiteto é quase um advogado urbano que defende e luta pela sociedade.

Num mundo assumidamente capitalista e neoliberal, as escolas de arquitetura criam um estereótipo de arquiteto não flexível o suficiente para adaptar-se a todas as necessidades e realidades do nosso planeta, aceitando exceções. **No entanto existem outras formas de ser arquiteto, formas que a escola esquece e que nesta dissertação desenvolver-se-ão.**

Desde o Cooperativo



Figura 53: Processo de Autoconstrução promovido pela FUCVAM

Introdução

Ainda que a escola possa homogeneizar a nossa profissão, como arquitetos podemos assumir diversas posições, umas mais convencionais que outras. Adotar o típico modelo de empresa hierárquica e individual é talvez uma das estruturas mais convencionais e obsoletas que a escola fomenta e que a sociedade conhece. Começar pelo exemplo de Patrick Bouchain e Santiago Cirugeda prova de que esta tal estrutura obsoleta é facilmente capaz de se transformar e adaptar numa nova visão de como praticar a disciplina da arquitetura.

Talvez por uma crise deste modelo individualista a que estamos habituados, cada vez é mais comum aceitar novas formas de organização entre humanos. Sem aprofundar neste tema, que poderia dar facilmente para outra tese, felizmente a sociedade nos últimos anos começa a explorar outras formas que procuram questionar a base fundamental da sociedade, a hierarquia. Como exemplo disso, temos algumas associações, coletivos, fundações ou cooperativas, que trabalham de uma outra forma, formas que também entraram no mundo dos arquitetos. No meu ponto de vista um dos melhores exemplos que consegue afastar os padrões hierárquicos e reposicionar o arquiteto na sociedade é o modelo cooperativo. É precisamente sob este modelo que quero apresentar os próximos dois casos de estudo, a Cooperativa Lacol de Barcelona e a Cooperativa de Uruguay (IAT's). No entanto, como introdução, para melhor compreender de que se trata o cooperativismo, parece-me importante fazer uma mini explicação.

Trata-se de um movimento que promove a criação e organização de cooperativas. Uma cooperativa é então uma sociedade autónoma de pessoas que se uniram de forma voluntária para responder às suas necessidades comuns por meio de uma empresa conjunta que é gerida de maneira democrática. O movimento cooperativista começou em 1844, quando várias pessoas que trabalhavam na indústria têxtil de Rochdale e que perderam o emprego por participar numa greve, criaram a Equitable Pioneers Society. Em 1895 foi criada a Aliança Cooperativa Internacional, que hoje incorpora 105 países, e define os sete princípios que deve estar presente em qualquer tipo de cooperativa:

1. Associação voluntária e aberta

As cooperativas são organizações voluntárias, abertas a todas as pessoas capazes de usar os seus serviços e que desejam aceitar as responsabilidades da associação, sem discriminação de género, social, racial, política ou religiosa.

2. Controle democrático dos membros

As cooperativas são organizações democráticas controladas pelos seus membros, que participam ativamente no estabelecimento das suas políticas e tomadas de decisão. Todos os homens e mulheres que desempenham o papel de representantes selecionados são responsáveis perante os membros. Nas cooperativas primárias, os membros têm o mesmo direito de voto (um membro, um voto), enquanto noutros níveis de cooperativas também organizada de maneira democrática.

3. Participação económica dos sócios

Os sócios contribuem equitativamente para o capital da cooperativa e controlam-na democraticamente. Pelo menos parte do capital é geralmente a propriedade comum da cooperativa. Os membros normalmente recebem uma compensação limitada, se existir, sobre o capital subscrito como condição de associação. Os sócios alocam benefícios para qualquer um dos seguintes propósitos: desenvolver a cooperativa, possivelmente através do estabelecimento de reservas, sendo uma parte delas indivisível; beneficiar os membros proporcionalmente às suas transações com a cooperativa; e apoiar outras atividades aprovadas pela associação.

4. Autonomia e independência

As cooperativas são organizações autónomas de autoajuda controladas pelos seus membros. Se chegarem a acordos com organizações externas, inclusive governos, ou aumentarem o seu capital de fontes externas, farão isso de maneira a garantir o controle democrático dos seus membros e para manter a autonomia da cooperativa.

5. Educação, formação e informação

As cooperativas oferecem educação e formação para os membros, representantes eleitos, diretores e funcionários, para que possam contribuir efetivamente para o desenvolvimento das cooperativas. Eles informam o público em geral - particularmente jovens e líderes de opinião - sobre a natureza e os benefícios da cooperação.

6. Cooperação entre cooperativas

As cooperativas servem os seus membros de maneira mais eficaz e fortalecem o movimento cooperativo, trabalhando em conjunto por meio de estruturas locais, nacionais, regionais e internacionais.

7. Sentimento Comunitário

As cooperativas trabalham para o desenvolvimento sustentável das suas comunidades por meio de políticas aprovadas pelos seus membros.

Compreendendo as características do cooperativismo, rapidamente começamos a identificar algumas vantagens, como a toma de decisões de forma democrática. Esta realidade, que é talvez a base deste modelo, através da comunicação, potencia um ambiente de auto ajuda, auto-responsabilidade, democracia, igualdade, equidade e solidariedade. Além disto, em alguns casos, as cooperativas podem beneficiar de vantagens fiscais e de programas governamentais que lhes proporcionam financiamento.

Todas estas vantagens favoreceram o crescimento desta estrutura, demonstrando que é possível outra forma de comércio e organização, um modo diferente de entender a realidade e posicionar-se a partir de uma perspectiva mais humana e solidária.

Ainda que estes valores e princípios unifiquem o trabalho cooperativo, existem diversos tipos de cooperativas, entre elas as de trabalho, agropecuárias, serviços públicos, crédito, consumo, bancos e a que mais nos pode interessar neste momento, no contexto deste exercício, as cooperativas de habitação. Vejamos.



Figura 54: Exemplo de complexo habitacional social de Mexico

O fracasso do direito à habitação dentro do livre mercado

O direito à habitação é um direito fundamental e está reconhecido em muitas constituições nacionais, na Declaração Universal dos Direitos Humanos e no Pacto Internacional dos Direitos Económicos, Sociais e Culturais. O direito a uma moradia digna não faz só referência ao direito de que todas as pessoas disponham de quatro paredes e um teto, mas também implica o acesso a um lugar e uma comunidade segura onde possamos viver dignamente e em paz, e poder desfrutar de uma boa saúde física e mental. Garantir o direito à habitação adequada é essencial para assegurar o direito à família, à vida privada, à segurança pessoal, à saúde e claro, o direito à vida.

O acesso à habitação dá-se hoje em dia principalmente através do livre mercado. Isto põe muita gente sob uma gigante pressão económica e por consequência numa situação de habitação não digna e por vezes, sem habitação. Tanto Leilani Farha, a actual repórter especial da ONU⁷³ para uma habitação digna, como a sua antecessora Raquel Rolnik, foram muito explícitas nos seus discursos, em que denunciam as políticas de habitação predominantes no mundo actual. Desde os anos sessenta, e em especial durante as últimas duas décadas, os governos têm vindo a abandonar progressivamente a assistência tradicional que se concentra na oferta da habitação social, e preferem adotar políticas atentas à livre procura. Como resultado de tudo isto e não esquecendo a desincentivação do mercado de arrendamento, o sector financeiro e o mercado privado imobiliário tornaram-se nos mecanismos principais de atribuição da moradia, incentivando as famílias a optar pelos conhecidos créditos hipotecários. Sob uma menor disponibilidade de moradia subsidiada, algumas famílias, que caso contrário prefeririam o sistema de arrendamento, viram-se conduzidas a adquirir a habitação como propriedade privada.

Durante as duas últimas décadas criaram-se novos produtos hipotecários, destinados em especial a agregados familiares com baixos rendimentos que provavelmente não estavam em condições de efectuar hipotecas comuns e correntes, gerando situações de alto risco de estabilidade económica. Ainda que estas políticas de empréstimo tiveram como objectivo facilitar o acesso a um financiamento de habitação para as famílias com rendimentos reduzidos, na realidade, são bastante discriminadas,

Ao mesmo tempo, as políticas de habitação que actuam sobre a procura, concentram-se na promoção de subsídios governamentais para o mercado da habitação construídas pelo sector privado. Estes subsídios são demasiado caros, uma vez que se concentram principalmente em agregados familiares de classe média e costumam ter efeitos opostos aos esperados. Por exemplo, segundo as informações dos mesmos repórteres da ONU, nos Estados Unidos, vinte por cento dos agregados familiares que ganham mais de cem mil dólares anuais, obtém setenta e cinco por cento das deduções impostas pelo pago dos interesses da hipoteca. Isto provoca uma discriminação indirecta contra os agregados de baixos rendimentos, já que o custo para o orçamento nacional costuma ser gigante, o que acaba por beneficiar os sectores mais elevados. É também importante mencionar que, seja por via de descontos nos impostos ou por subsídios directos, as ajudas acabam sempre por encarecer o preço da habitação por aumentar a capacidade de compra dos agregados que a procuram.

⁷³ Organização das Nações Unidas



Figura 55: Reunião da PAH de Lo BLanco, 2018

Estas políticas, unidas às dinâmicas especulativas do mercado, são como uma das principais causas das crises hipotecárias de países como os Estados Unidos, Irlanda e Espanha. Crises que arruinaram a milhares de famílias que tiveram que abandonar as suas casas através de procedimentos de execução hipotecária, isto é, milhares de famílias que não conseguem acompanhar os números estabelecidos pelos bancos. Em muitos casos, estas famílias ficam associadas a uma dívida inaceitável, o que gera um problema social de enorme magnitude a que os governos não dão uma solução global. Iniciativas que nascem da sociedade comum, como a Plataforma de Afectados por la Hipoteca (PAH)⁷⁴, as que têm sido capazes de converter os milhares de casos individuais num problema socialmente relevante e dar uma resposta comunitária.

Com esta realidade é normal ler notícias diárias em que o preço médio de arrendamento de um país ou o preço médio de compra/venda de uma propriedade estejam a subir. Segundo um interessante artigo do diário de notícias, por exemplo, o preço médio do arrendamento em Portugal aumentou 37% em 2018 e uma subida de 25% registrada também no mercado de compra e venda no ano passado, face aos valores registados em 2017.⁷⁵

Esta preocupante realidade deve-se, em grande parte, à pouca regulamentação do mercado de arrendamento, somando a uma série de mudanças legais e fiscais que fomentam o uso da habitação como estratégia de investimento e negócio, desprotegendo os inquilinos. No entanto, felizmente, alguns destes inquilinos desprotegidos organizam-se através de sindicatos e plataformas para que se possam proteger contra os despejos inesperados devido a subidas drásticas da renda e propor reformas legais. Importante salientar que esta realidade de organização social é ainda pouco comum em Portugal comparado aos inúmeros casos do nosso país vizinho, por exemplo.

⁷⁴ A Plataforma dos Afetados pela Hipoteca ou PAH é uma associação e movimento social pelo direito à habitação digna surgida em fevereiro de 2009 em Barcelona e presente em toda a geografia espanhola.

⁷⁵ **Autor Desconocido**, “Preço médio do arrendamento em Portugal aumentou 37% em 2018”, *DN/Lusa*, 12 de Março de 2019.



Figura 56: Maior ocupação ilegal da América Latina, Torre David, Caracas

Direito à moradia como uma oportunidade de transformação social

Em oposição ao exposto nos parágrafos anteriores, o modelo de moradia cooperativista com direito de uso ou cessão de uso, propõe como base a vontade de repensar os valores e práticas estabelecidas, definindo um marco de inovação e emancipação social no âmbito da habitação. Este modelo pretende abandonar a aproximação individual ao acesso à habitação, onde cada um procura por e para si mesmo. Numa posição oposta a isto, este modelo pretende enfrentar desafios e necessidades sociais comuns através de uma iniciativa coletiva, adquirindo um papel activo na transformação da sociedade. Neste sentido, as cooperativas são infraestructuras potencialmente resilientes às dinâmicas do mercado e aos seus efeitos na comunidade, e por isso, são modelos que se concentram neste direito universal da moradia digna, desenvolvendo a capacidade de transformar o território respectivo.

Algumas cooperativas actuais têm a sua origem fundada em projecto de ocupação ilegal. Como excelentes exemplos de isso temos os casos de Miethauser Syndikat e Radical Routes⁷⁶, onde a luta pelo direito à habitação passou de uma fase reivindicatória a uma fase construtiva, ou seja, do informal e ilegal ao formal e legal.

Os projectos cooperativos situam a pessoa como centro da actividade, o oposto do esquemas capitalistas que posicionam o capital no centro da actividade. Projetos que partem da prática diária como ferramenta de transformação que procura uma sustentabilidade social, ambiental, económica da comunidade e da sociedade em geral. O processo de promover a moradia, assim como toda a gestão associada, são uma gigante oportunidade para impulsionar e dinamizar toda uma economia. Devido a esta grande actividade económica associada, as cooperativas de habitação são um factor importante a considerar, visto que através do financiamento do projecto, da compra de materiais, da contratação de serviços e da assistência técnica ativam esta mesma economia. Estes projectos, desta forma, não procuram somente transformar a realidade habitacional, mas também todo o sistema em como se organiza a vida.

⁷⁶ Importantes projectos de ocupação ilegal que terminaram por formalizar-se



Figura 57: Complejo habitacional Cooperativo Malvín Norte, Montevideo

Modelo Cooperativo de Habitação em Direito de Uso

O modelo cooperativo de habitação, como já vimos nos parágrafos anteriores, tem como base três importantes aspectos: o direito de uso, a propriedade colectiva e a auto-promoção.

Os direitos associados à habitação podem-se desmontar em quatro pontos básicos: Direito de uso, isto é, o direito de habitar nela; Direito ao benefício, isto é, direito a tirar proveito económico dela; Direito a alterar, isto é, direito a remodelar; E o direito de venda, isto é, direito a vender e reter o benefício do capital.

Como o nome indica, as cooperativas de direito de uso ou cessão de uso concentram a sua actividade no primeiro direito mencionado em cima. O elemento básico é que a cooperativa, proprietária da totalidade do edifício, realiza uma cessão do direito de uso de cada moradia aos seus habitantes. Estes têm o direito de viver aí mas não possuem os outros três direitos mencionados de forma individual. A possibilidade de ter unicamente o direito de uma de uma habitação confronta a dualidade instalada em muitos países, onde as formas hegemónicas são a compra e o arrendamento.

Existe a ideia socialmente aceite de que possuir uma habitação é símbolo de estabilidade e de um certo status social. No entanto, esta suposta estabilidade nem sempre está garantida, e a prova disso são os desalojamentos constantes e em massa que sofrem milhares de pessoas nos últimos anos, principalmente nos bairros de renda inferior. Por outra parte, há países onde a renda é estabelecida e controlada por mecanismos legais que se preocupam por garantir um acesso universal à habitação.

O livre mercado centra o valor da habitação no seu valor de venda, ligado a dinâmicas de oferta e procura. Para defender o direito à habitação, é necessário desmontar os mecanismos que permitem que a vivenda seja um activo em que possamos investir. Também se deve desconstruir mitos populares como o de que o seu valor sempre sobe, um mito que a crise se encarregou de refutar. Importante também dizer que a subida de preços da habitação dificulta ainda mais o acesso às classes mais baixas, às futuras gerações e aos recém chegados. É preciso ter em conta que o aumento da economia de um país está, por vezes, totalmente relacionado com um maior esforço por conseguir uma habitação, devido à relação especulativa entre sector económico e sector imobiliário. Isto significa que nem o panorama económico mais favorável ajuda a aliviar o problema da habitação quando esta é deixada nas mãos do mercado e das suas traiçoeiras dinâmicas.

A habitação passou de cumprir uma função social a converter-se num bem de consumo para terminar sendo um activo financeiro. Não só se prioriza o valor económico da habitação, como também se fomenta este mega negócio imobiliário como um refúgio de capitais. Esta lógica fomenta que edifícios inteiros vazios sejam vendidos e comprados em curtos períodos de tempo.



Figura 58: Complejo habitacional Cooperativo Bulevar Hartigas, Montevideo

Como pode ajudar o direito de uso a evitar este esquema econômico e financeiro?

Como já comentei, por separar os distintos direitos sobre a habitação e centrar-se no seu valor de uso, mas também em como se acede a este direito. No caso da compra, ficar com a propriedade da habitação permite usufruir dos seus benefícios, por outro lado, nas cooperativas, o direito de uso não constitui um direito autónomo, uma vez que deriva da qualidade de pessoa sócia: ninguém pode ser titular do direito de uso se não é sócio da cooperativa. O direito de uso está associado à contribuição inicial que devem fazer as famílias, e é a cooperativa que determina o custo que se deverá enfrentar para aceder e permanecer na habitação. Para evitar entrar de novo no ciclo especulativo, não se podem transferir estes direitos a terceiros. Na maioria dos projectos, quando se sai da cooperativa, é recuperada a contribuição inicial e é a mesma cooperativa que estabelece a nova família. Dentro de cada cooperativa podem variar as excepções que possibilitem a transferência do direito de uso. É comum que este possa ser transferido a agregados que já tenham vivido no edifício. Se a lei do respectivo país permite, cada cooperativa decide se este direito é hereditário ou não.

A propriedade colectiva significa que a cooperativa é a proprietária de todas as habitações do edifício. Ainda que os cooperativistas tenham uma parte do capital social, não têm nenhum direito de propriedade individual sobre as suas habitações nem sobre a cooperativa e não podem obter lucro individual através dela. Não se trata de um condomínio, mas sim de um imóvel que é património comum e indivisível de uma única propriedade, a cooperativa. Quer isto dizer que a responsabilidade e faculdade de decidir sobre o edifício e as suas habitações está repartida de igual forma entre todas as pessoas sociais, as quais expressam as suas propostas e posições em assembleias gerais horizontais.

A combinação do direito de uso com a propriedade colectiva facilita uma desconexão entre o valor de uso da habitação e o valor de venda do edifício. O aporte inicial não experiencia subidas de valor nem gera lucros à cooperativa. O preço ajusta-se às necessidades da cooperativa para que esta seja auto suficiente e não ao valor que define o mercado. É então, a propriedade colectiva, um mecanismo importantíssimo para garantir a ausência de uma especulação com a habitação.

Outro aspecto importante das cooperativas é o papel activo que assumem os seus habitantes e sócios. A auto-promoção da habitação significa que a comunidade é a promotora e impulsionadora do projecto; gere a tomada de decisões e assume responsabilidades em todos os assuntos: económicos, jurídicos, arquitectónicos, etc. A autopromoção facilita então a participação activa e permanente do colectivo associado ao projeto, fomentando uma emancipação pessoal, colectiva e com uma gigante aprendizagem. Para garantir a continuidade dos projectos no decorrer do tempo e defender a função social da habitação, não é suficiente criar estruturas, isto é, cooperativas. Devem formar-se e incentivar a criação de cooperativas que sejam capazes de replicar-se, através dos seus cooperativistas. Outro aspecto importante é que a autopromoção também permite jogar com a gestão do projecto com o fim de reduzir o custo total da obra, procurando a melhor solução para as necessidades do grupo, através do menor valor. A este processo se pode chamar autogestão.

Num mundo assumidamente capitalista e neoliberal, as escolas de arquitetura criam um estereótipo de arquiteto não flexível o suficiente para adaptar-se a todas as necessidades e realidades do nosso planeta, aceitando exceções. **No entanto existem outras formas de ser arquiteto, formas que a escola esquece e que nesta dissertação desenvolver-se-ão.**

Desde o Cooperativo - Uruguai

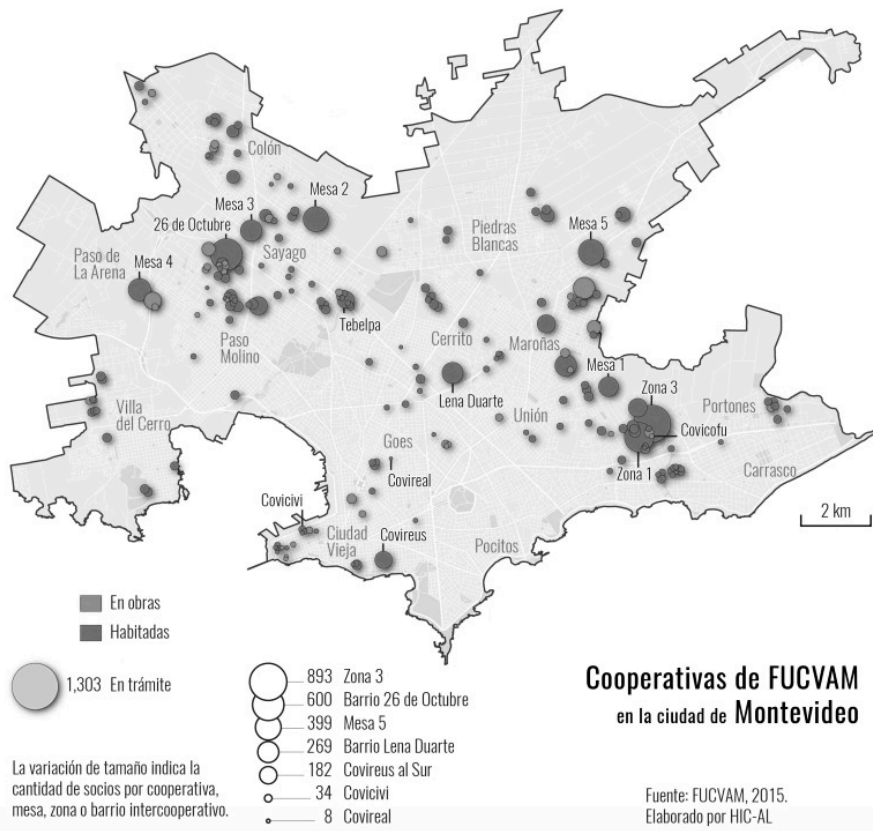


Figura 59: Localização das cooperativas de habitação pertencentes à FUCVAM, Montevideo

O caso do Uruguai

Talvez a introdução se tenha alargado um pouco, a verdade é que para entender os próximos casos de estudo, é realmente necessário compreender como e para que funciona o sistema cooperativo. Começámos então por uma introdução e explicação geral do modelo cooperativo que passa agora a uma análise um pouco mais detalhada sobre o caso específico da realidade Uruguaya, um país pioneiro neste modelo. Não desviando o tema central desta tese - outras formas de ser arquiteto no século xxi - tentaremos compreender como se relacionam os arquitetos com o cooperativismo em geral e quais são os mecanismos e políticas que o Uruguai põe em prática para consegui-lo.

Na América Latina, Uruguai é uma referência no cooperativismo de habitação em direito de uso. Segundo o censo de 2011, nesse momento existiam 30.045 habitações registadas sob este modelo, 2,65 por cento do parque total. Depois de começar com três projetos pilotos nos fins dos anos sessenta, o crescimento foi explosivo: passou de 95 a 10 000 habitações somente em 10 anos. O movimento cooperativo cresceu entre as classes populares Uruguayas, sobrevivendo aos anos de ditadura e inclusive ganhando algumas batalhas. Desde inícios do presente século, o país vive outro momento dourado do cooperativismo de habitação. Construíram-se 1800 habitações em cooperativas de 2005 a 2010, 3.700 de 2010 a 2014 e prevê-se terminar o período de 2015-2019 com mais 10.000 unidades. A maioria da habitação, de obra nova, está a construir-se em terrenos públicos e também existem programas de reabilitação de edifícios em centros históricos, em especial em Montevideo, a capital.

“La ayuda mutua lo es todo. Cuando hablamos de ayuda mutua, ésta no sólo puede ser tasada en los pesos que se requieren para construir la vivienda. Cuando nosotros en una asamblea nos pasamos horas discutiendo, la solución a esos problemas es también ayuda mutua. A los compañeros les cuesta visualizar que la ayuda mutua es toda la actividad que puedes realizar en el marco de la cooperativa, porque estás ayudando a los demás a llevar adelante la propuesta.”⁷⁷

Existem dois modelos de produção cooperativa da habitação no Uruguai, o de ajuda mútua e o de poupança prévia. A diferença está basicamente no tipo de contribuição inicial que exista para aceder à habitação. Nas de poupança prévia, a contribuição inicial faz-se em forma de contribuição económica que, como o nome indica, deve ser poupada pelos agregados familiares associados antes de começar o projecto. Estas cooperativas organizam-se através da FECOVI ou federação de cooperativas de vivienda de usuários por poupança prévia. Para pessoas que não tenham a possibilidade de poupar o capital necessário, o modelo mais adequado é o de ajuda mútua. Neste caso, a contribuição inicial traduz-se por horas de trabalho na construção do projecto. A FUCVAM, ou Federação Uruguaya de Cooperativas de Vivienda por Ayuda Mutua agrupa este tipo de cooperativas.

⁷⁷ "A ajuda mútua é tudo. Quando falamos de ajuda mútua, isso não só pode ser avaliado nos pesos necessários para construir a casa. Quando nós numa assembleia passamos horas a discutir, a solução para esses problemas também é ajuda mútua. Os companheiros acham difícil imaginar que a ajuda mútua é toda a atividade que podes fazer dentro da cooperativa, porque estás a ajudar os outros a realizar a proposta." **Valenzuela, Katia.** "El cooperativismo de vivienda uruguayo: cinco décadas construyendo comunidades urbanas", Resumen, 26 Junho 2016 (Fernando Zerboni, ex secretario general de FUCVAM y actual director de la Escuela Nacional de Formación)



Figura 60: Complexo habitacional de 710 habitações de 5 cooperativas

Ambas as federações têm um importante papel de lobby e apoio a novas cooperativas. Também tem sido crucial o apoio das administrações locais, que contribuem com financiamento, terreno e um marco legal próprio. Ainda que os números possam parecer insignificantes, o modelo uruguaio, especialmente o de ajuda mútua, tem demonstrado ser um sucesso como política pública para facilitar o acesso à habitação por parte das classes populares.

“El principal aporte de FUCVAM es haber impulsado una forma de crear hábitat con determinados valores como la solidaridad, el compromiso y la participación ante un sistema que fomenta el individualismo y que nos dice constantemente “hacela tuya”. Desde hace 46 años el cooperativismo de ayuda mutua uruguayo defiende el carácter de usuario de las cooperativas y practica la propiedad colectiva. Esa nuestra base material, es lo que hace que el derecho a la vivienda sea eso, un derecho, y jamás una mercancía. [...] La FUCVAM sentó las bases de su desarrollo social durante la larga noche de la dictadura. Además de viviendas, construyó policlínicas, bibliotecas, gimnasios, guarderías. En los ochenta se puso los pantalones largos y en un sólo domingo le petó en el rostro 330 mil firmas a la dictadura, y le dijo “queremos ser usuarios”. A esa FUCVAM es a la que nosotros pertenecemos.”⁷⁸

Em 1984, em plena ditadura, as cooperativas conseguiram juntar 330000 assinaturas num só dia, contra a lei que pretendia terminar com a propriedade colectiva. Já se mencionaram as distintas ameaças e debilidades que podem fazer perder a função social da habitação cooperativa e converter-se num produto de mercado. Para o evitar, existem principalmente dois mecanismos de defesa do sistema: a lei vigente e as estruturas agregadas, isto é, federações ou organismos que permitam um controle e custódia do próprio movimento cooperativo.

A lei vigente regulamentadora do sistema é um instrumento indispensável para poder expandir e consolidar este modelo, que deve reconhecer a propriedade colectiva e desenvolver leis que não permitam o lucro dentro do sistema cooperativo, assim como, regulamentar o próprio sistema. O marco legal deve também definir e impulsar o modelo através de políticas específicas, reserva de fundos públicos, criar ferramentas de apoio económico e oferecer acesso ao território.

Uruguai é então um ótimo exemplo disto, onde em 1968 aprova-se a Lei de Habitação que recebia a experiência dos primeiros projectos de habitação cooperativa. Através desta lei desenvolveu-se um marco legal do cooperativismo de habitação, dos Institutos de Assistência Técnica (IAT) e dos fundos sociais. Também se transformou o Banco Hipotecario del Uruguay (BHU) com um novo sistema de poupança e empréstimo adaptados às cooperativas e implementou-se, em 1990, a Cartera Municipal de Tierras para la Vivienda, que entrega terrenos públicos a cooperativas. Todos estes fatores definiram as bases do modelo cooperativista numa legislação própria. Criou-se então no uruguai um órgão político específico e que regulamenta os instrumentos de apoio económico, técnico e de adjudicação de terrenos.

⁷⁸ “A principal contribuição da FUCVAM é ter promovido uma forma de criar um habitat com certos valores, como solidariedade, compromisso e participação, diante de um sistema que incentiva o individualismo e constantemente nos diz “faz o teu”. Nos últimos 46 anos, o cooperativismo de ajuda mútua do Uruguai defendeu a natureza do usuário das cooperativas e pratica a propriedade coletiva. Essa nossa base material, é o que faz com que o direito à moradia seja isso, um direito, e nunca uma mercadoria. [...] A FUCVAM lançou as bases para o seu desenvolvimento social durante uma longa noite da ditadura. Além de habitação, construiu policlínicas, bibliotecas, academias, creches. Na década de oitenta, pôs-se as calças compridas e, num único domingo, 330.000 assinaturas recolhidas em plena ditadura que diziam “queremos ser usuários”. A essa FUCVAM é à que nós pertencemos.” **Discurso de Caballero, Pablo. (secretario general de FUCVAM) , “FUCVAM: MATRIZ DEL COOPERATIVISMO DE VIVIENDA POR AYUDA MUTUA”, Producción Social del Hábitat, 24 de mayo de 2016.**



Figura 61: Exemplo de assembleia de uma cooperativa de vivenda



Figura 62: Complexo habitacional Cooperativo Covivema V, Montevideo

O marco legal no Uruguai não fica só pelas estruturas macro políticas do cooperativismo, uma vez que controla também a forma como cada modelo se leva a cabo. Um ótimo exemplo disso são os regulamentos em torno à participação. Esta permite reduzir o custo da operação imobiliária poupando nos benefícios de intermediários e terceiros, através de um inteligente processo de autogestão. Ou também substituindo as horas profissionais por horas voluntárias nos distintos trabalhos necessários para a execução de todo o projecto conseguindo melhores resultados económicos. No entanto, é especialmente relevante quando se realiza a fase de construção com trabalho voluntário. Se uma cooperativa desenvolve uma grande parte do processo de maneira participativa e delega a parte construtiva a uma empresa construtora a amortização total não vai ser significativa. No entanto, se a participação invade a obra e o projecto se constrói sob estratégias de autoconstrução, segundo números da FUCVAM, consegue-se reduzir até uns 40 por cento dos valores totais do projecto.

Posto isto, no Uruguai, nas cooperativas de ajuda mútua, a comunidade deve trabalhar na obra, o que significa uma grande responsabilidade de todos os elementos em todo o processo. Já nas de poupança prévia não existe esta obrigação, mas, ainda assim, o colectivo responsabiliza-se activamente na gestão do projecto.

Ainda que uma cooperativa seja capaz de tomar controlo de todo o projecto, o sistema Uruguaio criou uma ferramenta de apoio e assessoria técnica que procura potenciar e assistir as cooperativas que necessitem apoio, os IAT's. Antes de perceber o que estes são, gostava de deixar-te aqui um incrível exemplo de sucesso deste modelo.

Além das variantes arquitetónicas, a FUCVAM também se adaptou às mudanças na composição socioeconómica dos setores populares. Embora as primeiras cooperativas habitacionais tenham nascido nos bairros operários e respetivos sindicatos, as últimas décadas testemunharam a multiplicação de iniciativas habitacionais para trabalhadores do setor informal. Com a crescente precarização laboral, a Federação abriu-se a experiências como a promovida pela Cooperativa Corazón Fuerte (Covicofu), surgida em 2002 com os esforços de famílias de recicladores urbanos que estavam sob a ameaça de serem expulsos da propriedade que ocuparam irregularmente.

Covicofu construiu 14 casas da chamada "Franja 1". Na política habitacional do Uruguai, estas correspondem a casas de 32 m², porém, com o mesmo subsídio operado sob o modelo produtivo da FUCVAM, as casas de Covicofu chegaram aos 60 m². Aspectos que dão que pensar, não?



Figura 63: Processo Autocronstrução do complexo Covicofu



Figura 64: Processo Autocronstrução do complexo Covicofu

Institutos de Assistência Técnica

Os IAT's, ou Institutos de Assistência Técnica são equipas técnicas que acompanham as cooperativas de habitação, equipas multidisciplinares sem fins de lucro com o fim de oferecer apoio profissional de qualidade. A lei estabelece quais são os serviços que devem oferecer, entre jurídicos, formativos, financeiros, económicos, sociais, arquitetónicos ou de administração. Estes grupos prestam serviços tanto na etapa da elaboração do grupo cooperativo como na etapa de desenvolvimento e execução do projecto, procura e candidatura aos fundos públicos e na etapa de obra até finalização. Para receber financiamento público, a cooperativa deve ter um contrato assinado com um IAT autorizado pelo ministério da habitação. Por lei, o custo do assessoramento básico não pode exceder os 7 por cento do valor total do projecto.

Esta mesma lei especifica que os IAT devem contar com um número mínimo de elementos em certas áreas de trabalho, entre elas, advocacia, assistência social, ciências sociais, contabilidade, economia, administração, arquitetura e engenharia. A estrutura de um IAT faz destaque à pluridisciplinaridade, integrando no mesmo grupo distintas profissões, ao contrário de outros exemplos pelo mundo em que uma cooperativa tem que contratar cada especialidade por separado. As equipas multidisciplinares podem desenvolver metodologias próprias e mecanismos de confiança e comunicação que permitam avançar em direção a uma transversalidade de disciplinas reais, ainda que isto nem sempre seja garantia de uma relação realmente horizontal entre áreas profissionais, e às vezes existem trabalhos menos visíveis e valorados, reproduzindo as hierarquias entre profissionais em base à área de trabalho.

“Los Institutos de Asistencia Técnica están reglamentados por la ley 13.728, son entidades sin fines de lucro, que deben tener al menos cuatro técnicos establecidos por la ley. Son un arquitecto, un asistente social, un abogado escribano para los papeles y un contador porque también la cooperativa necesita hacer sus balances y necesita tener un contador que los cierre y que le de validez.”⁷⁹

Quando termina a etapa de obra, finaliza a tarefa do IAT assessor, o que gera um vazio no grupo. A partir deste momento as procuras de apoio por parte deste são transferidos aos Centros Comunitários Zonales, dependências descentralizadas da Intendência de Montevideo, que estão encarregues da gestão administrativa, burocrática, denúncias, pedidos e serviços.

Para compreender melhor o funcionamento interno de um IAT, gostaria de mostrar-te de maneira não muito aprofundada um exemplo, o “*Instituto de Asistencia Técnica Atmósfera de Arquitecturas y Afines*”.

⁷⁹ “Os Institutos de Assistência Técnica são regulamentados pela lei 13.728, são entidades sem fins lucrativos, que devem ter pelo menos quatro técnicos estabelecidos por lei. Eles são um arquiteto, um assistente social, um advogado escritor para os jornais e um contador, porque a cooperativa também precisa fazer os seus saldos e precisa ter um contador que os feche e que seja válido”. Valenzuela, Katia. “El cooperativismo de vivienda uruguayo: cinco décadas construyendo comunidades urbanas”, Resúmen, 26 Junho 2016 (Fernando Zerboni, ex secretario general de FUCVAM y actual director de la Escuela Nacional de Formación)



Figura 65: Ejemplos de Proyectos de Atmósferas

IAT Atmósfera de Arquitecturas y Afines

Ainda que o que gostaria de transmitir-te é o panorama geral da vida cooperativista e a forma como um arquiteto no Uruguai pode assumir diferentes formas, é importante deixar uma leve passagem por um exemplo de IAT. Para este caso escolhi a equipa Atmósfera de Arquitecturas y Afines, constituída por arquitetos, advogados, administrativos, educadores sociais, assistentes sociais e gestores económicos. Dizem integrar-se a uma complexa rede de gabinetes de arquitetura, que desde diferentes partes do globo, se interessam por pensar e praticar uma arquitetura pragmática, interrogativa e crítica. Atmósferas propõe desconstruir as complexidades entre os diferentes atores que intervêm nos processos da arquitetura, com o objectivo de criar uma proximidade entre a poesia da ação e arquitetura humanizada. Acreditam na mutação da realidade e na necessidade de adaptar-se a isso para dar continuidade ao percurso natural da vida e da arquitetura.

Talvez o mais interessante, no meu ponto vista, desta equipa de trabalho seja a realidade proposta como grupo para enfrentar as diferentes variáveis de trabalho. Atmosfera de arquitetura e afins apresenta-se como um gabinete líquido que se assume mais como uma plataforma conjunta e flexível onde cada um dos elementos desenvolve a sua prática profissional individualmente ou, através de associações e colaborações, com os demais membros e/ou com pessoas e grupos externos ao gabinete. Esta realidade aberta e generosa interroga os esquemas mais básicos da associação entre seres humanos, representados por personalidades jurídicas, onde, supostamente, em grupos restritos existem duas possibilidades possíveis, o participar, ou o não participar.

Este IAT Uruguaio desenvolve trabalho em várias frentes, mas acima de tudo assume uma posição criativa e pragmática que tenta ampliar as funções tradicionais de um Instituto de Assistência Técnica. Está claro que, como IAT devem responder às cooperativas de habitação que recebem o financiamento do ministério da habitação de gestão territorial e ambiental (mvotma) ou outras organizações públicas ou privadas. No entanto, como grupo de trabalho crítico procuram principalmente criar ações de cooperação que possam gerar relações solidárias entre cooperativistas, com uma especial atenção para o desenho das habitações de carácter social e a sua condição como estímulo para definir propostas e estratégias que reafirmam o tradicional compromisso e responsabilidade da arquitetura. Na prática realizada por Atmosfera, outra grande preocupação passa por, através do processo de projecto, criar a possibilidade de que as cooperativas intensifiquem os conhecimentos e ferramentas fornecidas pelo modelo cooperativo.

Como conclusão, importa referir a importância do caso do Uruguai como pioneiro no mundo cooperativo, não só na América Latina, como em todo o mundo. Ainda que o cooperativismo é uma realidade cada vez mais comum no campo legal de cada país, este modelo cooperativo de habitação foi e continua sendo a base de referência para inúmeros programas governamentais que vão, pouco a pouco, emergindo em distintos países. É precisamente este aspecto que devemos centrar, o fato de que no Uruguai exista uma estrutura totalmente funcional para que o governo tenha um controlo positivo do modelo, regulando e protegendo este das descontroladas consequências do livre mercado.

Como arquitetos, para poder exercer a nossa disciplina nesta estrutura, sob a forma de IAT, devemos ter em consideração que é uma realidade específica de países com modelos inovadores que o permitem, tais como a Dinamarca, o Reino Unido, França ou Alemanha. Portugal, infelizmente está longe de adotar políticas relevantes com esta visão que protege o mercado imobiliário cooperativo do pensamento neoliberalista, no entanto, ainda que pouco significativa, é uma realidade que existe, passa despercebida e necessita de ser potenciada, porque afinal, são outras formas de ser arquiteto.

Num mundo assumidamente capitalista e neoliberal, as escolas de arquitetura criam um estereótipo de arquiteto não flexível o suficiente para adaptar-se a todas as necessidades e realidades do nosso planeta, aceitando exceções. **No entanto existem outras formas de ser arquiteto, formas que a escola esquece e que nesta dissertação desenvolver-se-ão.**

Desde o Cooperativo - Lacol



Figura 66: Oficina de criação de mapas para a reconstrução do campo de refugiados de Nahr-el-Bared

Ser arquiteto dentro do mundo cooperativista não passa somente por participar de modelos como os Institutos de Assistência Técnica Uruguayos que assessoram diretamente a outras cooperativas. Como profissionais podemos exercer o nosso trabalho de uma forma cooperativa e ainda assim responder a clientes tradicionais (públicos ou privados). Para muitos, os IAT's e modelos similares podem ser demasiado restritos e fechados, no entanto, é possível criar um atelier de arquitetura sob uma estrutura cooperativista, a isto, chama-se uma cooperativa de trabalho. Para melhor compreender o que aqui explico, conheceremos o caso de Lacol.

Tal como o grupo descreve na própria página web no separador 'nosotros', Lacol é formalmente uma Cooperativa de Trabalho, mas também um interessante grupo de 14 amigos arquitetos que trabalham no bairro de Sants, em Barcelona. Vêm a arquitetura como estratégia para a transformação social, utilizando-a como ferramenta para intervir de maneira crítica em seu redor. Em paralelo com a sociedade, este grupo afirma actuar de forma justa e solidária, começando pela estrutura interna horizontal.

Acreditam que a maneira de transformar a cidade passa pela participação activa dos cidadãos que a habitam e de uma constante ação propositiva. Trabalham sobre os interesses relacionados com a qualidade de vida de todas as pessoas que partilham a cidade. O contributo do arquiteto, segundo o grupo, faz-se desde dentro do movimento urbano, como se este fosse somente uma peça de um motor que já existe, apenas vem ajudar a traduzir e transparecer as inquietudes urbanas, sociais e habitacionais. E definir critérios para a definição de objetivos e estratégias, assim como as ferramentas para definir e comunicar ideias através de desenho.

O grupo catalão fomenta, entre outros, o debate e a discussão sobre os usos dos espaços e a gestão dos espaços urbanos, os modelos de cidade, a participação e a recuperação do património local. Uma cooperativa que presta serviços relacionados com a arquitetura, tais como estratégias de participação cidadã, cenografia e exposição, urbanismo, obra, projecto e assessoria a cooperativas de habitação.

São 14 sócios que começam no mundo da arquitetura, no entanto existe uma diversidade e multidisciplinaridade de conhecimentos, que permite abrir novas portas em cada projecto, tais como a sociologia urbana, desenho de mobiliário, urbanismo, trabalho manual, habitação, reabilitação, cenografia, ilustração e educação. Todas estas disciplinas culminam num olhar crítico e analítico sobre o mundo actual.

Pertencer a uma cooperativa de trabalho na área da arquitetura pode ser comparado com o tradicional atelier de arquitetura, no entanto, ser cooperativista significa algo mais que isso. Como já vimos, a cooperação consiste em convergir esforços de um grupo de pessoas, com a mesma identidade de saberes e os mesmos interesses, com o objectivo de melhorar as suas condições de vida (– Florencio Eguía Villaseñor, ABC de la cooperación”), isto é, trabalhar como arquiteto sob um modelo cooperativo significa ter uma visão mais clara da vida e adotar valores humanos não comuns nas estruturas tradicionais, tais como a igualdade, a cooperação, democracia, justiça e responsabilidade.



Figura 67: Exemplo de oficina de participação cidadã

Uma cooperativa de trabalho é um tipo de cooperativa cujo objetivo é prover e manter postos de trabalho a tempo inteiro ou parcial a todos os sócios integrantes, através da organização em comum para a produção de bens e serviços para terceiros. Caracterizam-se pela realização de um trabalho coletivo com fortes relações de trabalho e com vínculos corporativos de trabalhadores, com o objetivo de oferecer processos de capital e produtos, procurando sempre manter em prática os valores base do cooperativismo.

Para compreender melhor que significa a posição de um arquiteto sob este modelo, analisemos os prós e contras de forma geral, sem especificar território ou âmbito legal. Para começar, uma cooperativa, costuma ser muito fácil e simples de constituir, comparado com a formação de outros tipos de empresas, de uma forma geral. Qualquer pessoa maior de idade pode voluntariamente formar uma associação e registrar-se de acordo com as leis locais. As formalidades legais não envolvem grandes complexidades, o fundamental é ter parceiros apropriados. Também, uma empresa ou sociedade cooperativa oferece aos seus membros uma boa condição de compra. Ao reunir recursos no momento da compra, a cooperativa pode receber descontos por volume e negociar preços distintos aos valores de compra das grandes corporações. Esta, para muitos, é a principal vantagem das cooperativas de trabalho.

Outro ponto interessante é de que funcionam com uma lógica de existência perpétua, isto é, uma empresa cooperativa tem uma entidade legal separada onde a morte, a insolvência, a aposentadoria, etc., dos seus membros não afetam a existência perpétua de uma sociedade cooperativa. Também importante, a participação em sociedades cooperativas é aberta a todas as pessoas, independentemente de questões de gênero, religião, etnia ou qualquer outra categorização inútil. Além disso, geralmente não há limite para o número máximo de membros e pode sair em qualquer momento.

Por outro lado também, interessa-me que saibas que constituir uma cooperativa também te pode trazer algumas desvantagens. No entanto cabe a ti fazer a balança entre prós e contras. Uma das desvantagens, talvez a mais referida, passa por comprar através de uma cooperativa, uma vez que quem a integra partilha os mesmos preços de mercado que todas as outras cooperativas, desta forma, não há vantagem sobre a concorrência. Esta regulação do livre mercado na minha humilde opinião, favorece a igualdade e democracia, valores escassos na nossa sociedade. Outro ponto importante e um pouco subjectivo é o fato de que uma cooperativa está sempre associada ao setor público, isto significa que uma sociedade cooperativa deve apresentar os seus relatórios e contas anuais no registro de sociedades cooperativas local. Portanto, é muito difícil manter os negócios sigilosos. E, por último, aqueles que integram uma cooperativas geralmente não têm visão para o negócio, porque não costuma ser a competição que os move. Num mercado capitalista onde o objectivo principal passa por criar capital e ser 'melhor' que o próximo, as cooperativas representam um caminho paralelo ao sistema. Um aspecto realmente admirável, mas se o que te interessa é construir um negócio, é uma desvantagem, está claro. É muito estranho que alguém que se educa e profissionaliza no mundo dos negócios opte pelo cooperativismo. A verdade é que as pessoas que compõem estas sociedades não costumam ter uma visão de negócios ambiciosa, algo que, por definição, contradiz a essência de uma empresa cooperativa, onde a recompensa não está em chegar, mas no processo do próprio caminho em direção a um sucesso alternativo.



Figura 68: Obra BlocOnze

Voltando a Lacol, podemos afirmar que esta cooperativa de 14 arquitetos encaixa perfeitamente nesta visão alternativa ao modelo de capital acumulado. De fato, é precisamente esse o aspecto que quero destacar: o pensamento crítico. Assim como todos os casos de estudo presentes neste trabalho, o pensamento crítico é a base que faz nascer e emergir o trabalho de cada um deles. Hoje em dia sabemos que, uma das principais ferramentas do sistema passa por gerar um clima acrítico e apolítico na sociedade, o chamado subjetivismo imperante ou estado anímico induzido. Ter uma visão pragmática e crítica da actualidade faz-nos ajustar a bússola pessoal e encontrar o norte. No entanto, quando falamos de um grupo considerável de seres humanos que apontam para o mesmo caminho, a coisa fica mais complexa. Aceitando que o ser humano é um ser pensador, as relações sociais tornam-se temas mais complexas quando assumem um forte espírito crítico. O trabalho em grupo só faz sentido quando todos os integrantes remam para o mesmo lado, e isto, é algo pouco comum no sistema actual, sistema que potencia e fomenta o individualismo acrítico. Lacol prova, ainda que possa parecer difícil, que é possível trabalhar de forma horizontal com um espírito crítico transversal a todos os elementos. Esta realidade, com o decurso do tempo e várias experiências projetuais acaba por gerar uma ideologia comum que justifica as decisões, ações e discursos do coletivo.

As primeiras intervenções de Lacol foram mais desconstrutivas que construtivas. Esta visão crítica da vida e a constante procura dos reais porquês das coisas fez com que o grupo começasse o seu percurso profissional por pequenas intervenções no espaço público. Intervenções que não aceitaram os padrões existentes e interrogavam através de alternativas e propostas, quase como um jogo entre critico analítico e a cidade.

“La gente pide gestionar y decidir, creo que esto es muy antiguo. Entender la autogestión como el futuro de algo me cuesta un poco. Más bien que la capacidad de la gente de transformar nuestro entorno la hemos perdido poco a poco por comodidad o por desposesión...”⁸⁰

Esta forma de fazer cidade propõe na sua essência enriquecer o espaço público, com intervenções temporárias, que em alguns casos tornaram-se permanentes. A natureza destas propostas é muito variada, porém o objetivo é o mesmo, melhorar a qualidade de vida no espaço público, através de uma crítica, interrogação ou proposta alternativa e criativa. São as necessidades que nascem da relação entre ser humano e cidade que justificam estas intervenções. Um dos pontos mais interessantes deste conceito é que a maioria dessas intervenções urbanas podem ser associadas a uma interessante ilegalidade, uma vez que podem ser realizadas com micro orçamentos, pelo menos nos períodos iniciais.

“...hicimos alguna intervención/acción urbana como “Mort a l’asfalt” que consistió en una ocupación de una calle en obras durante el fin de semana con plantas y mobiliario urbano para convertirla en parque y lugar de encuentro temporal durante los días de descanso laboral, para no interferir en el trabajo de los operarios.”⁸¹

⁸⁰ “As pessoas pedem para gerir e decidir, acho que isso é muito antigo. Entender a autogestão como o futuro de algo custa-me um pouco. Mas sim que a estamos a perder pouco a pouco a capacidade das pessoas de transformar o nosso meio por comodidade ou por desapropriação ... ” **Autor Desconhecido** “**Arquitectura colaborativa y autogestión**”, **Lacol, 23 de Janeiro, 2016 (Entrevista a Arrufat, Eliseu)**

⁸¹ “... fizemos alguma intervenção / ação urbana como” Mort a l’asfalt “, que consistia numa ocupação de rua durante o fim de semana com plantas e móveis urbanos para transformá-la num parque e um ponto de encontro temporário durante os dias de descanso laboral, de modo a não interferir com o trabalho dos trabalhadores “. **Autor Desconhecido** “**Arquitectura colaborativa y autogestión**”, **Lacol, 23 de Janeiro, 2016 (Entrevista a Arrufat, Eliseu)**



Figura 69: Intervenção urbana: *Mort a l'asfalt*

Lacol acredita que cada vez existe uma maior procura social de iniciativas colaborativas e espaços para a disponibilidade cidadã e isso vem da falta de experimentação da indústria e o do mercado actual. Existiram décadas em que as pessoas tiveram de experimentar para saber e aprender, mesmo sem um plano de viabilidade. Eram tempos em que se valorizavam as formas de fazer por serem mais humanas e mais diversificadas. A especialização da mão de obra é um ataque à heterogeneidade das relações que podem surgir do trabalho, isto é, da cooperação. Existem ideias políticas por detrás de qualquer forma de fazer, as idéias de comunidade e de relação com a propriedade estão relacionadas a espaços produtivos e, sobretudo, a espaços reprodutivos. Acreditam ainda que as pessoas estão reivindicando mais espaços dinâmicos e para o fazer, é necessário começar com intervenções urbanas.

Segundo Lacol, a administração de Barcelona é gigante e tem uma inércia proporcional ao seu tamanho. Antes de alguma actuação municipal deveria existir um momento urbano que procure questionar a solução. No entanto o esquema atual é muito paternalista e deixa de fora tudo o que a lei não pode contemplar. Como cidadãos que tentam melhorar o seu ambiente habitável, deveríamos precisar de errar nessa procura pela solução. Se eliminamos essa opção, a do erro, não há avanço possível. O mundo da ciência sabe perfeitamente que através da repetição e erro, se avança. É urgente e necessário uma visão mais empírica, novas propostas de pensar cidade e como se organiza a sociedade.

Este grupo de 'activistas urbanos' experimentam e com isso aprenderam que tudo o que fazem será com as habilidades, conhecimentos e ferramentas disponíveis para as pessoas envolvidas. Isso significa que o resultado que se poderia atingir com outros meios nem sempre será alcançado. Os processos de aprendizagem e crescimento devem ser o principal de cada projecto, porque se não se vivem intensamente, o resultado estará sempre desatualizado visto que não se entende como foi alcançado. Ainda que existam diferentes classes, gerações, formação e gêneros, quando todos se reúnem para construir algo, estamos a fazer cidade, em conjunto. O desafio é tornar este processo uma constante, entendê-lo como uma continuidade necessária que se adapta a uma cidade constantemente não actualizada.

Outro factor importante do cooperativismo e que o grupo Lacol igualmente defende e pratica é a necessidade de um trabalho em rede. Cada vez mais coletivos e grupos de trabalho vêem a arquitetura como uma ferramenta que pode ser usada para o bem comum, procurando soluções para os problemas individuais, de grupos ou até transversais da sociedade. Entender a necessidade comum requer um pensamento comum. Para além disto, é sabido através da história da humanidade que a união faz a força, por isto mesmo as cooperativas e todos estes grupos empenhados num fim similar tratam de unir-se e desenvolver estratégias activistas em conjunto, ganhando outro peso sobre as administrações.

Lacol por exemplo tem vínculos criados com Arquitectura Colectivas, la Xarxa d'Economia Social i Solidària e também são sócios da cooperativa de empréstimo COOP57. Importante também salientar que inclusive o banco com quem trabalham é uma cooperativa, a Caixa d'Enginyers. Através de muita estratégia e esforço as redes são canais informativos e relacionais. São como uma plataforma de acesso livre para expor, discutir e debater a atividade dos vários grupos de trabalho, gerando muita reflexão, aprendizagem e actividade.



Figura 70: Can Batlló

Para compreender melhor ainda a forma de actuar de este colectivo trago agora o exemplo de Can Batlo, talvez o projecto mais marcante no percurso profissional de Lacol, que mantém de forma constante uma relação activa e construtiva com o espaço. Can Batlo, construído em 1878, foi uma importante fábrica têxtil com um total de 5000 trabalhadores que a 11 de junho de 2011, depois da concessão por parte da administração da cidade à plataforma “Can Batlló és pel barri” da nave BlocOnze, converteu-se num importante espaço de autogestão cidadã. Já com quase uma década de funcionamento de maneira estável, o BlocOnze conseguiu chamar a atenção de outros projectos que hoje desenvolvem actividades nos diversos recintos da ex-fábrica e assim, em conjunto, criam um importante foco urbano que responde a necessidades da cidade e da sociedade.

“Estamos vinculados en dos proyectos que siguen esta línea. El primero es una cooperativa de viviendas en cesión de uso. Se llevaría a cabo dentro del recinto y es una mezcla entre vivienda de alquiler y de compra.

*En Can Batlló se está planteando una cesión de solar público a 99 años. Dentro de 99 años el ayuntamiento podrá hacer lo que quiera con el solar pero nunca entrará en el mercado privado, que es lo perverso del sistema que tenemos ahora”.*⁸²

LaCol está também vinculada a outras iniciativas interessantes relacionadas com Can Batlo: a construção de apartamentos através de uma cooperativa de habitação em direito de uso e a criação de um viveiro de empresas de economia social

“Nosotros hemos planteado un vivero donde solo entren empresas de economía social. Si tú tienes una idea de empresa la puedes presentar a este espacio y, si cumple con la filosofía, se ceden facilidades: espacio de trabajo, asesores jurídicos y económicos que te ayuden a hacer el plan de empresa... Intentamos que Can Batlló sea un ejemplo de una nueva manera de hacer las cosas.

*Creemos que estos modelos son posibles, tanto la cooperativa de viviendas como el vivero de empresas de economía social. Si ambos proyectos salen adelante Can Batlló será un importante referente de estos nuevos modelos”.*⁸³

⁸² "Estamos ligados em dois projetos que seguem essa linha. A primeira é uma cooperativa habitacional em direito de uso. Seria realizado dentro do recinto e é uma mistura entre o arrendo e a compra.

Em Can Batlló, está-se a propor um contrato de direito de uso de espaço público por 99 anos. Dentro de 99 anos, a administração da cidade poderá fazer o que quiser com o espaço, mas nunca entrará no mercado privado, o que é uma coisa perversa do sistema que temos agora." **Sese, Marta. “Lacol: Otras maneras de concebir la Arquitectura”, Balcones, 14 de Agosto de 2014. (Entrevista a Carles Baiges, integrante Lacol)**

⁸³ "Propusemos um viveiro onde apenas empresas de economia social entram. Se tu tens uma ideia de negócio, podes apresentá-la a este espaço e, se estiver de acordo com a filosofia, são-te cedidas facilidades: espaço de trabalho, consultores jurídicos e económicos para ajudar-te a fazer o plano de negócios ... Tentamos que Can Batlló seja um exemplo de uma nova maneira de fazer as coisas. Acreditamos que esses modelos são possíveis, tanto a cooperativa habitacional quanto o viveiro de empresas de economia social. Se ambos os projetos avançarem, o Batlló será uma referência importante para estes novos modelos." **Sese, Marta. “Lacol: Otras maneras de concebir la Arquitectura”, Balcones, 14 de Agosto de 2014. (Entrevista a Carles Baiges, integrante Lacol)**



Figura 71: Reunião aberta previa à intervenção no BlocOnze

Por último, cabe também destacar o levantamento feito por Lacol à antiga fábrica, o livro 'Inventari de Can Batlló: Teixint una història col·lectiva', que pertence à colecção Magòria dedica-se à história local e oferece uma visão panorâmica de Can Batlló desde as suas origens até à actualidade através de múltiplos textos, artigos de historiadores, arquitetos, vizinhos e integrantes.

O que me interessa aqui, tal como em todos os outros exemplos, é analisar o papel do arquiteto, não tanto aprofundar os projectos que estes desenvolvem. Posto isto, queria destacar a função importante que Lacol cumpre como equipa pertencente a um todo, que luta por dinamizar e ocupar Can Batlló.

Por vezes, podemos sentir que a nossa disciplina está relacionada directamente com a construção, o que é logicamente correcto, no entanto, a arquitetura pode posicionar-se como uma peça fundamental em lógicas que nem sempre requerem, principalmente, soluções materiais e construtivas. Como arquitetos, é nos facultado uma capacidade única de análise e compreensão da cidade, do habitante e da relação entre ambos que nos permite ser executantes de processos que transcendem a materialidade e a construção. Desta forma a arquitetura pode ver-se como uma disciplina central que se deixa internacionalizar com muitas outras, criando um diálogo entre todas as áreas de trabalho, em prol do sucesso de um projecto. Atenção que com 'disciplina central' não me refiro à arquitetura como algo hierarquicamente superior ou que se encontra noutra nível de poder, pelo contrário, como uma coordenadora de logísticas entre múltiplas áreas de conhecimento.

Lacol é um ótimo exemplo disto, este colectivo de 14 arquitetos que se dedica em lutar, proteger, defender, ativar, dinamizar e ocupar esta gigantesca estrutura abandonada da cidade de Barcelona, através de interessantes processos que relacionam todas as disciplinas possíveis, integra-se numa complexa organização pensada para que tudo funcione o melhor possível.

Em relação ao Can Batlló, todos os processos realizados apresentam-se como uma oportunidade para valorizar a herança como um legado do passado material e imaterial da memória industrial e operária catalã e, ao mesmo tempo, reutilizar e reaproveitar os recursos e infra-estruturas existentes como estratégia para um desenvolvimento mais equilibrado da cidade. E também uma oportunidade para impulsionar a economia, promovendo usos produtivos em espaços de grande flexibilidade e adaptabilidade.

Lacol fez um estudo da história e do contexto do lugar a partir de diferentes perspectivas, tais como, urbana, social e económica, estimularam o debate e a discussão a nível de cidade em torno à sua transformação, trabalharam em novas estratégias que superam a situação económica e permitem re-habitar progressivamente Can Batlló.



Figura 72: Intervenção realizada no BlocOnze

Como arquitetos, o colectivo catalão teve a oportunidade de contribuir com o seu conhecimento técnico, integrando-se num complexo esquema de organização interna, formado por comissões abertas que giram em torno de uma assembleia geral e que estão relacionadas a agentes externos com diferentes graus de conexão ao projeto. Na reabilitação de BlocOnze, Lacol pertencia a uma Comissão de "desenho do espaço" que era responsável por definir a estratégia de reabilitação do edifício e as ações a serem realizadas. Era responsável por tecer os fios que estariam relacionados ao resto das comissões e definir o programa de usos que seria desenvolvido dentro do edifício, tomando em conta as necessidades espaciais. Juntamente com a comissão de infra-estruturas, as tarefas de reabilitação do edifício eram realizadas em conjunto e em paralelo. Este trabalho era materializado a partir de três frentes diferentes: trabalho coletivo, voluntário e autogerido, o trabalho realizado em etapas específicas para planos de ocupação financiados pela Câmara Municipal e a ação na periferia do edifício (telhado e algumas janelas) pela Câmara Municipal.

Ver a arquitetura como uma frente de trabalho activa que se dedica à recuperação identitária de um espaço, à dinamização de uma comunidade, à luta e conservação do espaço para a comunidade ou à procura de outras formas de criar cidade, é algo em que pensas? É demasiado interessante e necessário, para mim, que a arquitetura possa estabelecer relações com inovadoras formas de viver e atuar, como o caso da relação de Lacol e Can Batlo através da criação do Viveiro de Economia Social por exemplo, e ser capaz de levar mais longe os objectivos de cada projecto e principalmente, quebrando a tradicionalidade do fazer da arquitetura, como é o caso da cooperativa de habitacao La Borda.

Esta cooperativa é um projecto auto-organizacional pelos futuros utilizadores e habitantes do edifício, com o objectivo de que estes possam aceder a uma propriedade digna e não especulativa, que coloca no centro o valor de uso através de uma estrutura colectiva. Esta ideia de trabalhar com o modelo cooperativista nasceu, para Lacol, em 2012 como um novo projeto promovido pela comunidade em Can Batlló no mesmo processo de recuperação desse complexo industrial, e do tecido comunitário do bairro de sants.

La Borda é a primeira cooperativa de habitacao que constrói um edifício num terreno cedido por 75 anos pela administração de Barcelona. Em troca, a cooperativa paga uma taxa de 3.900 euros ao conselho. Além disso, La Borda é o edifício de madeira mais alto em Espanha na actualidade. O edifício, construído numa parte do recinto de Can Batlló, apresenta um programa de 28 residências com três tamanhos diferentes. No bloco há seis casas de 40 metros quadrados, 14 de 50 metros quadrados e oito de 76 metros quadrados. Pelo apartamento mais pequeno, os inquilinos pagam à cooperativa um total de 400 euros por mês, para a média de 500 e para o maior, um pouco mais de 600 euros. Os espaços comunitários procuram criar uma interessante e inovadora ligação entre espaço privado e espaço público, com o objectivo de melhorar a vida comunitária e local dentro e fora do edifício. Esses espaços são: cozinha-sala de jantar, espaço de trabalho partilhado, lavandaria, espaço multiuso, espaço para hóspedes, espaço para saúde e cuidados, loja de plantas e espaços externos e semi-externos, como pátio e telhados. Todos eles articulados em torno de um pátio central, um grande espaço de relacionamento que nos lembra os "corrales", um tipo de habitação social e popular local.



Figura 73: Edifício de habitação Cooperativa La Borda

Lacol acredita na vida em conjunto, no romper o individualismo imperante como forma de enfrentar os problemas da sociedade. Para chegar ao apartamento, o residente de La Borda tem que passar por vários espaços comuns primeiro. Segundo os vizinhos, a intenção é recuperar a sensação de comunidade, típica das aldeias, em cidades como Barcelona. Através do desenho fluido e orgânico entre espaços, conseguem que a realidade pública toque a realidade privada, convidando-as a partilhar momentos em conjunto e desta forma desfrutar de um espaço que redefine os programas tradicionais da habitação colectiva. Segundo Lacol, este repensar dos conceitos base da sociedade, como o de espaço público-privado é uma necessidade latente e urgente da sociedade que deve estar integrada no pensamento arquitetónico.

Outra preocupação da equipa responsável pelo projecto, foi a parte ambiental, onde o objetivo era construir o edifício com o menor impacto ambiental, tanto no trabalho quanto na vida útil, e acima de tudo, obter um conforto nas residências com um consumo mínimo energético, para reduzir os custos totais finais de acesso à habitação. Lacol partiu da convicção de que a melhor estratégia era reduzir a procura inicial de todos os factores ambientais do edifício (energia, água, materiais e resíduos), especialmente a nível energético, onde priorizaram estratégias passivas para maximizar o uso dos recursos existentes.

A autopromoção, isto é, a participação contínua e activa dos próprios habitantes em todo o processo do projecto, inclusive a subsequente gestão coletiva do edifício representa a variável mais importante e diferencial do projeto, gerando uma oportunidade de conhecer e projetar com eles directamente as suas necessidades específicas. Este é, para Lacol, o conceito máximo de sustentabilidade da arquitetura, quando procura responder a necessidades reais, moldando-se o melhor possível e prevenindo futuras alterações ou impossibilidades. De fato, pensou-se realmente com a vontade de que, se necessário, as casas possam ser ampliadas ou reduzidas no futuro, graças às paredes de madeira, que são fáceis de colocar e remover. O edifício é feito de madeira. Embora seja mais caro que cimento, o processo é muito mais rápido.

Durante o projeto, a participação é estruturada através da comissão de arquitetura, que é o elo entre a equipa técnica e a assembleia geral, encarregue de preparar as oficinas de arquitetura. Um seminário imaginário, programa, estratégias de projeto, estratégias ambientais, tipologia, sessões para a validação do rascunho preliminar e sessões para análise de detalhes construtivos dos diferentes elementos do projeto.

No caso de La Borda, os inquilinos que vivem no bloco devem atender a uma série de critérios definidos tanto pela cooperativa assim como pela administração de Barcelona. O primeiro é ser um membro da cooperativa, fazer uma contribuição para o capital social de 18.500 euros para aceder ao apartamento, ter residido no mínimo dois anos na cidade, não possuir nenhum imóvel como propriedade e não exceder o valor máximo de ingressos para ser considerado como uma pessoa para candidatar-se ao programa.

O edifício teve um custo total de três milhões de euros. Os habitantes de La Borda participam com 600.000 euros, que representa 20% desse orçamento, através da contribuição inicial de 18.500 euros por cada morador. A cooperativa de serviços financeiros éticos Coop57 fez uma contribuição de 800.000 euros com uma taxa de juros baixa. A cooperativa de habitação em direito de uso La Dinamo apoiou a causa com outros 150.000 euros. O restante do orçamento foi obtido por meio do microcrédito. Com esta inteligente estratégia financeira, LaCol e La Borda permitiram reduzir a taxa de interesses visto que se optassem pelo caminho tradicional oferecido pelos bancos o custo total do edifício subiria significativamente.



Figura 74: Patio interior edificio de habitação Cooperativa La Borda



Figura 75: Patio interior edificio de habitação Cooperativa La Borda

Concluindo, à diferença dos restantes casos de estudo, Lacol destaca-se pelo seu curto percurso profissional. Como jovens arquitetos é muito comum terminar o período académico e andar à deriva, sentir-se perdido sem perceber muito bem em que direção caminhar. Neste caso assistimos a uma realidade distinta, onde 14 amigos, com a dose necessária de inconformidade, unem-se com o objectivo de questionar e actuar o sistema actual e as suas formas. Importante perceber que são um colectivo jovem e que começaram recentemente a solidificar as ideologias arquitetónicas, mas principalmente já são uma prova de que existem caminhos alternativos. Em conjunto ou individualmente, parece-me que o importante é poder alcançar uma visão crítica e pragmática sobre o mundo que nos rodeia e nunca deixar que esta se desvaneça pela falta de oportunidades ou caminhos.

Lacol vai, pouco a pouco, criando esta postura contra os processos tradicionais que nos apresenta a vida e nos ensina a escola. No entanto, acredito num futuro ainda mais pragmático por parte do grupo, uma visão ainda mais crítica que se aproximará a uma identidade sólida capaz de enfrentar problemas sociais ainda mais complexos e oxalá, capazes de relacionar-se com as instituições de ensino de arquitetura de Barcelona.

Num mundo assumidamente capitalista e neoliberal, as escolas de arquitetura criam um estereótipo de arquiteto não flexível o suficiente para adaptar-se a todas as necessidades e realidades do nosso planeta, aceitando exceções. **No entanto existem outras formas de ser arquiteto, formas que a escola esquece e que nesta dissertação desenvolver-se-ão.**

Desde o Público



Figura 76: A realidade da arquitectura informal

Introdução

Tal como explicado antes, esta dissertação, sem nenhuma ambição por criar um diálogo fechado, procura gerar um momento reflexivo e pragmático. É um exercício que, embora abranja conteúdo limitado, aceita a existência de muitas outras variáveis e realidades. A ideia aqui é compreender a necessidade de adotar visões mais permeáveis e sensíveis, capazes de aceitar que como arquitetos podemos exercer a nossa profissão desde distintas formas e objectivos. Depois de conhecer algumas das alternativas no mundo individual e no mundo corporativo, é também importante perceber que existem muitas outras possibilidades no mundo da arquitetura. Este é um capítulo que pretendo deixar em aberto e que lança o desafio da procura. Desafio-te então, a que reflitas e procures quais são e onde estão outros bons exemplos de uma arquitetura humana, crítica, real e necessária.

Por agora, neste curto exercício, resta dar uma olhada ao mundo dos arquitetos na realidade Pública. Visto que aqui se actua desde o centro da problemática, desde dentro da política, torna-se ainda mais complexo poder exercer a disciplina da arquitetura noutra direção a que não seja a imposta pelo sistema. No entanto, ainda que seja muito mais complexo, existem vários casos que podemos destacar, como o caso de Marinaleda.

Ser arquiteto na administração pública significa trabalhar num mundo com um contexto demasiado restritivo. A crença cega das administrações na norma está a gerar uma complexidade excessiva e desnecessária na gestão de projectos públicos, o que motiva todo o tipo de disfunções assim como corrupções administrativas. A arquitetura pública está a tornar-se num copy/paste de referências vizinhas que cada vez menos atenta às necessidades locais. Um ótimo exemplo de isto são essas máquinas dinâmicas para fazer exercício que preenchem todos os espaços raros das praças e jardins públicos da actualidade. Pergunto-me se realmente alguém as usará ou são só um esquema político? O esforço que significa desenhar e projectar edifícios públicos de qualidade associado aos gigantes obstáculos legais, faz da arquitetura pública como uma dessas máquinas, que está em todo o lado mas não consegue satisfazer as necessidades reais da sociedade.

A paisagem política e os funcionários públicos responsáveis pela promoção das obras públicas são geralmente colonizados por personagens que promovem a vantagem pessoal sobre qualquer outra consideração e para quem a tarefa ética de obter os melhores edifícios e espaços coletivos é uma questão que se coloca num segundo plano. Embora logicamente, sempre há exceções excelentes neste mundo, pessoas imbuídas de uma consciência ética única que trabalham diligentemente para superar um sistema orientado para a equalização e mediocridade das ações voltadas ao serviço coletivo. Ser então arquiteto dentro desta realidade significa aceitar todas as condições impostas pelo sistema e adaptar-se de tal forma que dificilmente o pensamento crítico e criativo se manterá a par com a arquitetura.

Esta visão da arquitetura como ferramenta para realidades e problemas sociais que venho afirmando ao longo deste exercício dista bastante da realidade da arquitetura pública. O cargo de arquiteto dentro de uma administração assume uma visão obsoleta e mecânica da arquitetura, onde as propostas se baseiam em macro análises sociais que nada têm a ver com as necessidades reais. Existem excepções, nos países nórdicos de europa, por exemplo, a administração usa a arquitetura como uma coordenadora de lógicas criativas que procuram a cidade inclusiva e adaptada para todos, a isto inclui-se processos de participação, desenho colaborativo, acções de urbanismo tático, leitura do espaço mediante intervenções urbanas, etc. Uma realidade que inter-relaciona a arquitetura com outras disciplinas importantes para fazer cidade, como a sociologia, a antropologia, o trabalho social, o urbanismo, etc. , uma realidade muito distante na nossa. Certo?

Num mundo assumidamente capitalista e neoliberal, as escolas de arquitetura criam um estereótipo de arquiteto não flexível o suficiente para adaptar-se a todas as necessidades e realidades do nosso planeta, aceitando exceções. **No entanto existem outras formas de ser arquiteto, formas que a escola esquece e que nesta dissertação desenvolver-se-ão.**

Desde o Público - Marinaleda



Figura 77: Agricultores de Marinaleda nos seus terrenos

Caso de Marinaleda

Estou certo de que existem muitos exemplos interessantes no mundo público que poderia utilizar para defender a ideia presente neste exercício. Com isto me refiro a arquitetos com 'boas práticas' que trabalhem em administrações, câmaras municipais e/ou organismos totalmente públicos. No entanto, pareceu-me que Marinaleda poderia ser uma ótima referência devido à sua radicalidade e posicionamento extremo perante o sistema actual.

Marinaleda ganhou esta imagem mítica da aldeia perfeita, que resiste contra a corrente, através do esforço conjunto baseado numa visão comunista. Num país onde a taxa de desemprego e o número de despejos aumenta diariamente, esta pequena aldeia numa das áreas mais deprimidas da zona rural da Andaluzia, dedicada quase inteiramente à agricultura, garante um trabalho e moradia decente para todos os seus habitantes.

Emprego e habitação são precisamente os pontos principais do verdadeiro estado de bem-estar que Marinaleda desfruta, mas não são as únicas conquistas. Serviço gratuito para idosos e dependentes, cuidados infantis por € 12 por mês com refeição incluída, uma piscina municipal a € 3 por mês, uma escola de saberes tradicionais na qual os estudantes realizam os seus estágios com trabalho para a comunidade e cobram por isso 390 €, polideportivo gratuito com relvado artificial, sala de teatro, rádio e televisão municipal com programação própria, dois gabinetes médicos e duas outras casas de pensionistas que entre os seus benefícios incluem visita do oftalmologista e óculos gratuitos. Esta descrição pode parecer um folheto de uma campanha eleitoral municipal, mas quem visitar Marinaleda pode verificar esta realidade e perceber que se afasta bastante da realidade nacional.

A política habitacional de Marinaleda está baseada num princípio muito simples. Enquanto a maioria das aldeias e cidades requalificam o solo urbano como terra privada, facilitando os esquemas típicos das empresas de construção e imobiliárias que nos levaram à situação atual, em Marinaleda o esquema é controlado pela administração pública. Desde os anos oitenta, a obsessão do conselho era tomar conta de toda a terra circunvizinha ao núcleo urbano. Uma vez que todas essas terras, compradas a um preço muito baixo, estavam em mãos do setor público, as áreas que a expansão da cidade exigia foram requalificadas como áreas urbanas. Nada do outro mundo, simplesmente não se cai no absurdo de primeiro requalificar o solo a privados e depois comprá-lo, com dinheiro público, a um preço de ouro. Obviamente, isso tem uma 'desvantagem', nenhuma grande empresa fará favores políticos ao presidente e vereadores, assim como estes podem esquecer o interessante cargo em qualquer uma delas quando abandonarem a carreira política.

Uma vez que a administração pública tem a terra, começa a segunda fase das famosas habitações de autoconstrução de € 15 por mês. A câmara municipal oferece terra gratuitamente e também coloca à disposição do projeto os técnicos municipais, tais como, o arquiteto, o responsável de obras, o empreiteiro e os trabalhadores que realizam o trabalho mais complicado. Deve ser lembrado o aumento do preço da habitação deve-se muitas vezes ao aumento do preço da terra, por isso, com terra e projeto gratuito já temos uma grande redução no preço final das habitações. Neste aspecto existe também um programa da Junta de Andalucía que financia os materiais de construção, isto significa que não oferece mas também não pede taxa de juros. É justo reconhecê-lo, mas também é verdade que qualquer aldeia da Andaluzia pode aproveitar esta ajuda e poucos o fazem, ou pelo menos, poucos como Marinaleda.



Figura 78: Moradias de Marinaleda

Já temos terreno, projeto, assessoria e materiais financiados sem juros. Só é necessário construir a casa e aí vem o "truque" que não deixa absolutamente certo que o preço das casas é de 15 euros por mês: os futuros habitantes também contribuem com o seu trabalho na autoconstrução das suas próprias casas. Isso quer dizer que, se tu e a tua família não trabalham na obra, seria necessário adicionar o salário dos trabalhadores que a construíram. Numa cidade agrícola com características de desemprego sazonal, a dedicação fora de temporada à construção não implica nenhum problema para o funcionamento total da aldeia.

Também é interessante que os moradores que trabalham na construção das suas casas participam realmente em todo o projecto e depois de isso, as habitações são sorteadas, de modo que nunca se sabe qual será a nossa futura casa, evitando assim a tentação de esmerar-se mais na nossa que noutra.

Assim, com a terra e o projeto grátis e o próprio trabalho dos futuros inquilinos, que também adquirem conhecimentos e convivem com os seus futuros vizinhos, só faltaria pagar os materiais adiantados pela administração, os famosos € 15 por mês.

Juntamente com a habitação, outro grande sucesso de Marinaleda consiste em tornar realidade a reivindicação do campo andaluz. Numa área tradicionalmente latifundiária, as primeiras lutas dos trabalhadores da cidade foram as ocupações da fazenda El Humoso pertencente ao Duque do Infantado. Desde os anos 80, as ocupações dessas terras não cultivadas têm sido constantes, assim como os protestos contra o governo da Andaluzia e do governo central. Após anos de luta e repressão, os trabalhadores conseguiram, em 1991, a expropriação de 1.200 hectares transformados em regadio que agora pertence à cidade. As terras são agora administradas pela Cooperativa Humar - Marinaleda S.C.A. Fundada em 1992.

Nas terras ocupadas, são cultivados por estações produtos como feijão, alcachofra, pimento pepino ou pimentos doces e também há um olival para produzir azeite. A cooperativa também possui a sua própria planta de tratamento e embalagem para comercialização. Tanto o campo, quanto a plantação garantem emprego na cidade, na qual muitos dos vizinhos são cooperativistas. Obviamente, nem toda os moradores trabalham na cooperativa, muitos criam pequenas empresas, com pequenas fazendas. No entanto, a cooperativa é o motor económico da aldeia e, graças a ela, numa área devastada pelo desemprego, Marinaleda tem capacidade de empregar até mesmo imigrantes estrangeiros.

Todos estes sucessos não foram fáceis. É o espírito reivindicativo e a convicção dos habitantes de Marinaleda, que suportando anos de luta e repressão, tornaram este projecto possível. Mesmo hoje, qualquer Sevilhano que participa dos movimentos sociais sabe que quando Marinaleda adere a uma manifestação significa que chegarão milhares de pessoas, de todas as idades, sempre dispostos para protestar e estar na primeira linha, geralmente recebendo agressões de policiais. Não há dúvida sobre o papel fundamental desempenhado pelo presidente ininterrupto desde as primeiras eleições municipais de 1979, Juan Manuel Sánchez Gordillo, que sempre obteve maioria absoluta e, longe de cansar-se, obteve o seu melhor resultado nas eleições de 2011, 73,08% dos votos com uma participação de 88,33%. Mas deve-se salientar que, apesar da sua liderança indiscutível, tem sido a luta mantida pela união entre toda a aldeia que permitiu chegar às conquistas pelas quais Marinaleda é o sucesso de andaluzia.



Figura 79: Participação dos moradores na construção das suas vivendas



Figura 80: Instalações Interiores da cooperativa alimentar Humar



Figura 81: Juan Gordillo e habitantes de Marinaleda em assembleia

A administração de Marinaleda está à escala das suas necessidades, não existem cargos desnecessários nem falta de pessoal. A procura e necessidade de arquitetos é reduzida, no entanto, o fator importante de destacar neste caso é a forma como estes se relacionam com a administração. É lógico que em meios pequenos existe uma maior flexibilidade e permeabilidade para avançar com ideias e projectos. Pode até nem ser, Marinalera, o melhor caso para estudar a relação da arquitetura com as administrações, mas sim é um excelente caso de uma realidade distinta que funciona, o que, por consequência, faz funcionar a arquitetura. Este é precisamente o primeiro ponto que gostaria ressaltar. O facto de trabalhar desde dentro de um mundo público contaminado, o espírito arquitectónico rebelde é algo que dificilmente sobreviverá. A arquitetura, absorvida pelo sistema, vê-se impotente e desamparada, incapaz de actuar de outra forma que não seja a vontade política em vigor. Para conseguir mudanças e poder avançar, devemos ter uma atmosfera positiva no mundo da política, ter interessantes vontades públicas e só aí a arquitetura poderá avançar, como o caso de Marinaleda.

Nesta aldeia de Andaluzia, a arquitetura pública não tem espaço para se transformar em possíveis esquemas de interesses pessoais. Apresenta-se como uma real ferramenta que está ao serviço da população, defendendo o direito à habitação, lutando contra o governo para criar diálogos para o bem comum, responde às necessidades urbanas e sociais e mantém uma ligação próxima entre habitante y administracao.

Marinaleda é um óptimo exemplo para compreender de que a arquitetura pública não tem por norma de ser algo escuro, complexo e ausente, e prova de que se existe uma vontade política positiva em avançar na direção do bem comum, a arquitetura torna-se o aliado ideal para conseguir-lo. Por outra lado, se não existem essas vontades, muito dificilmente se conseguirá lutar por uma arquitetura justa e humana.

Como arquitetos municipais, existem cargos constantes e, diria, quase universais, tais como projectos, estudos, supervisão de obras sem concurso público, atenção ao cliente, papeladas administrativas, desenhos urbanos, levantamentos, etc. No entanto, como a política é algo em constante mutação, faz da arquitetura pública uma realidade em constante adaptação às ideologias defendidas. A verdade é que com governos de esquerda presenciamos uma maior quantidade de programas públicos de arquitetura. Programas que procuram dar solução, por norma a nível nacional, a necessidades sociais e urbanas. Estes tomam distintas estratégias para alcançar os seus fins, dependendo da realidade de cada governo e país. Muitas vezes através de subsídios de aquisição ou lógicas para uma facilidade de acesso à habitação. Um excelente exemplo de isto é o caso de Minha Casa Minha Vida, do governo de Lula, no Brasil, que te aconselho a dar uma vista de olhos!



Figura 82: Protesta dos campesinos de Marinaleda

Concluindo, ainda que Marinaleda seja um caso extremo e único, é, para mim, um perfeito exemplo de união, autonomia e soberania de um povo, que luta, diariamente pelo bem comum. Existem múltiplos projectos com as ambições e convicções similares a Marinaleda, prova de isso são todas as ecoaldeias, por vezes um pouco anarquistas, que conseguem manter-se de pé. No entanto, no meu ponto de vista são casos totalmente distintos, uma vez que essas aldeias costumam negar e evitar o sistema. Já Marinaleda é um caso pouco comum que consegue lutar pela sobrevivência existindo desde dentro de um capitalismo esmagador.

Ainda que o número de arquitetos que trabalham em Marinaleda é praticamente insignificante, não deixa de fazer com que esta aldeia seja um ótimo exemplo em como nós, seres humanos, não devemos deixar de lutar pelas nossas ambições e convicções, muito menos quando estas são colectivas. Sou da opinião de que como arquitetos críticos e pensantes temos a obrigação de ser coerentes e trabalhar numa realidade que vá ao encontro da nossa ideologia. O mundo da arquitetura que funciona desde dentro do sistema público é uma realidade em constante pressão e manipulação que chega a deixar-se desvirtuar e adaptar ao imposto.

Como arquitetos, dentro do mundo público, isto é, político, podemos assumir diversas formas distintas, tudo depende da variedade e diversidade das políticas existentes. umas aceitam programas de apoio à habitação, outras aceitam programas de assessoria técnica, outras aceitam estruturas rígidas de cooperação e outras só funcionam sob os sistemas tradicionais, dependendo do governo em comando. No entanto, parece-me que, independentemente da forma, como profissionais, devemos assistir e carregar uma preocupação pelo bem comum.

Devemos estar cientes se queremos grandes alterações do sistema não podemos afastar-nos muito desta realidade, caso contrário, só resta assumir uma posição rebelde e usar a lei a nosso favor, como faz extraordinariamente bem Santiago Cirugeda e Patrick Bouchain. A nível pessoal, o mundo da arquitetura pública parece-me demasiado restrito e fechado, não abrindo portas à liberdade criativa, devido às imposições legais, ainda que essa liberdade procure o bem comum e uma melhor cidade, mais inclusiva, adaptada e consciente.

A realidade, no entanto, é outra. Está composta por arquitetos acríticos que entram neste sistema estruturado e terminam por exercer uma arquitetura inconsciente que responde a um mundo sem sentido, intensificando a precarização, a segregação, a diferença de classes, a inadaptabilidade da cidade ao habitante e o afastamento das administrações. Ainda que poucas administrações assumam posições flexíveis e tolerantes, estou certo de que existem outras formas para o fazer, outras formas de ser arquiteto.

Num assumido mundo capitalista e neoliberal, as escolas de arquitetura criam um estereótipo de arquiteto não flexível o suficiente para se adaptar a todas as necessidades e realidades existentes, aceitando exceções. No entanto, existem outras formas de ser arquiteto, formas que a escola por vezes esquece e que nesta tese serão desenvolvidas.

Conclusão

Conclusão

Na verdade, o resumo apresentado bem no início deste exercício não vai diferir muito de uma possível conclusão, visto que existe uma problemática dominante que recebe uma resposta pouco significativa. O modelo capitalista em que vivemos é um inteligente aliado do progresso, da otimização, da macro generalização, da produtividade, etc, uma poderosa realidade que não podemos ignorar, visto que funciona, e cada vez melhor. Este domínio foi capaz de abarcar a todas as áreas capazes de relacionar um nação com o capital, inclusive a educação e claro, a arquitetura.

Paulo Freire tem uma célebre expressão que gostaria partilhar contigo, “Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tão pouco a sociedade muda”⁸⁴. Concordas?

Na minha sincera opinião, todas as lógicas e estruturas básicas da sociedade começam pela educação, ou seja, apostar na educação é apostar numa mudança. Como vimos, actualmente as escolas de arquitetura veem-se insuficientes e carregadas de um vazio, não só de significado como de conteúdo. Sou da opinião que o maior reflexo do estado geral de arquitetura deficiente deve-se às malhas curriculares e formas de como se transmite a arquitetura atual. Para que se possam esperar mudanças radicais é urgente e necessário repensar o modelo de ensino da arquitetura, no entanto, como este é ditado e pensado por docentes da velha escola, estes acabam por limitar-se a replicar o modelo sem grandes visões radicais, inovadoras e pragmáticas. Trata-se de um ciclo vicioso que dificilmente se poderá romper, professores desatualizados que doutrinam futuros arquitetos igualmente desatualizados. Enquanto for esta a nossa realidade, a arquitetura continuará nesta posição quase inexistente que não consegue sequer auto-explicar a necessidade da sua existência.

Uma das principais conclusões desta investigação é uma proposta aberta de alterações curriculares, capazes de enfrentar a visão capitalista do ensino da arquitetura e entregar ao estudante uma perspectiva mais humana, consciente e coerente da nossa disciplina. Primeiro, com a criação de áreas curriculares que dão aos alunos a oportunidade de aprender temas específicos dentro do abrangente mundo da arquitetura, como gestão e avaliação de projetos, trabalho direto com comunidades (participação cidadã e co-criação), habitação e política urbana, sociologia, gestão pública. e desenvolvimento local. Em segundo lugar, mas não menos importante, é a interação desses espaços de aprendizagem com situações práticas e reais, rompendo a tradicional e obsoleta teorização nas salas de aula, que estabelece poucas ou nenhuma relações reais com a comunidade e habitantes. E, finalmente, o trabalho interdisciplinar é essencial para formar novas gerações com conhecimento abrangente e capazes de adaptar-se a diferentes situações, estabelecendo vínculos com profissionais do mundo industrial, antropologia, sociologia, geografia, economia, entre muitos outros. Desta forma parece-me que nos poderíamos aproximar a uma realidade educativa capaz de abrir portas e criar no estudante um espírito pragmático, crítico e político.

Enquanto esperamos por estas reformas e se, tal como eu, não estás totalmente de acordo com a realidade actual, espero que as alternativas que analisei neste exercício possam ter despertado em ti um interesse em querer saber mais, um interesse em compreender o impacto e responsabilidade da nossa disciplina, um interesse em saber que existem outras formas de ser arquiteto.

⁸⁴ Freire, Paulo. “Professora Sim, Tia não: Cartas a quem ousa ensinar” ed1 PT (Editora Olho d’Água, Sao Paulo, 1993)

Referências Bibliográficas

- Ferro, Sérgio. O canteiro e o desenho, 3a ed. São Paulo: PRO EDITORES, 2005
- Muxi, Zaida, y Josep Maria Montaner. Arquitectura y Política Ensayos Para Mundos Alternativos, 7a ed. Madrid: Gustavo Gili, 2011
- Bouchain, Patrick. Construire Autrement, Edición: ACTES SUD. Paris: Actes Sud, 2006
- Hassan, Fathy. Arquitectura Para Os Pobres. Uma Experiência No Egípto Rural 1ed. São Paulo: Dinalivro 2016
- Cirugeda, Santiago, Situaciones Urbanas, 1a ed. Madrid: Tenov, 2007
- Urbanas, Recetas. USTED ESTÁ AQUÍ: Recetas Urbanas 2018 1ed. Madrid: Ediciones Asimétricas, 2018
- Saul Pelli, Victor. Habitar, Participar, Pertenecer. Acceder a la Vivienda - Incluirse en la Sociedad 1ed. Buenos Aires: Nobuko, 2007
- Livingstone, Rodolfo. Arquitectos de Familia el Método. Arquitectos de la Comunidad. Madrid: nobuko, 2006
- Lacol. Construir en colectivo. Participación en arquitectura y urbanismo 1ed. Barcelona: Pohen Ediciones, 2018
- Terra, Juan Pablo. Proceso y Significado del Cooperativismo Uruguayo. Uruguay, Arca - Banda Oriental, 1986.
- Hancox, Dan. Marinaleda, la utopía de un pueblo 1ed, España: Deusto
- Oppenheimer, Andrea. Rural Studio: Samuel Mockbee and an Architecture of Decency. Abrams Books, 2006
- Montaner, Josep Maria. Del Diagrama a las Experiencias, Hacia una Arquitectura de la Acción 1ed. Madrid: Gustavo Gili, 2014
- Del Real, Patricio. "Ye Shall Receive": The Rural Studio and the Gift of Architecture. Journal of Architectural Education (1984-) Vol. 62, No. 4, Alternative Architectures | Alternative Practices (May, 2009), pp. 123-126
- Julienne, Loic, and Alice Tajchman - Patrick Bouchain: histoire de construire. Arles, Actes Sud, 2012.
- Autor Desconocido, "Víctor Pelli y su visión social de la arquitectura", MANDU'A n130 (2015)
- Fredy Massad, "Se Buscan Esclavos", La viga en el ojo, 7 de Junho de 2013
- Soto, Pablo. Seminário "Valparaíso, entre plan y cerros", (Valparaiso, Abril 2001)

- Muxi, Zaida. Programa "Escala Humana", (RTVE, 2019)
- Fredy Massad, "Aquellos objetos de aseo", La viga en el ojo, 21 de Diciembre de 2018
- Fredy Massad, "Aravena, la autoconstrucción de una infamia", La viga en el ojo, 4 de Fevereiro de 2016
- "Víctor, hermano de César Pelli, y su visión social de la Arquitectura", Plataforma de Arquitectura, 26 Dezembro, 2013
- Fathy, Hassan. "Arquitectura para los pobres" 2a ed. (México, Extemporáneos, 1982)
- Watts, Jonathan. "Concrete: The most destructive material on Earth", The Guardian, 25 de Fevereiro, 2019
- Ferro, Sérgio. "Arquitectura e trabalho livre", UFSC, 4 de Novembro de 2010
- Mockbee, Samuel. "Rural Studio: Samuel Mockbee and an Architecture of Decency" 1a ed, (EUA, Princeton Architectural Press, 2002)
- Ulrich Hensel, Michael. "Rural Studio: Incarnations of a Design-and-Build Programme", (EUA, Architectural Design, 2015)
- Del Real, Patricio. "Ye Shall Receive": The Rural Studio and the Gift of Architecture. Journal of Architectural Education (1984-) Vol. 62, No. 4, Alternative Architectures | Alternative Practices (May, 2009), pp. 123-126
- Andrew Freear, Director of Rural Studio) This is Alabama, "Rural Studio: This is Alabama", Video de youtube, publicado a 8 de Dezembro 2016, <https://www.youtube.com/watch?v=6YOT7WA3DKs>
- Pérez Moya, Eduard. Arquitectos de Cabecera. Spanish-Architects, 29 de Janeiro de 2017 (Ibon Bilbao)
- García Lopez, Jorge. Arquitectos que sanan ciudades. Público, 25 de Maio de 2017. (Ibon Bilbao)
- Bohigas, Josep. "Arquitectos de cabecera (AC)", Quaderns, n266, 2016
- Autor Desconhecido, "A desobediência urbanística como obrigação", Tecnoarte News, 26 de Setembro de 2012
- Cirugeda, Santiago. "El derecho a la ilegalidad", Smart-ib, 2 de Novembro de 2016
- Zabalbeascoa, Anatxu. "Habitar el aire con los pies en el suelo", El Pais, 24 de Junho de 2018
- Carneiro, Montse. "Santiago Cirugeda: «En dos años 290 personas construyeron un comedor escolar", La voz de Galicia, 19 de Julho de 2018

Autor Desconocido, "Preço médio do arrendamento em Portugal aumentou 37% em 2018", DN/Lusa, 12 de Março de 2019.

Valenzuela, Katia. "El cooperativismo de vivienda uruguayo: cinco décadas construyendo comunidades urbanas", Resumen, 26 Junho 2016 (Fernando Zerboni, ex secretario general de FUCVAM y actual director de la Escuela Nacional de Formación)

Discurso de Caballero, Pablo. (secretario general de FUCVAM) , "FUCVAM: MATRIZ DEL COOPERATIVISMO DE VIVIENDA POR AYUDA MUTUA", Producción Social del Hábitat, 24 de mayo de 2016.

Autor Desconhecido "Arquitectura colaborativa y autogestión", Lacol, 23 de Janeiro, 2016 (Entrevista a Arrufat, Eliseu)

Sese, Marta. "Lacol: Otras maneras de concebir la Arquitectura", Balcones, 14 de Agosto de 2014. (Entrevista a Carles Baiges, integrante Lacol)

Freire, Paulo. "Professora Sim, Tia não: Cartas a quem ousa ensinar" ed1 PT (Editora Olho d'Água, Sao Paulo, 1993)

Ian Adams, Political Ideology Today. Manchester: Manchester University Press, 2001

David W. Pearce, Macmillan Dictionary of Modern Economics. 1ª ed. Madrid, España: Akal Ediciones, 1999

Gabriel de la Paz, La Instrucción Laica. 1ª ed. Santiago, Chile: Imprenta Cervantes, 1919

M. Ortuño Arregui, "La escolástica", Artyhum, nº.10 (2015)

John Maynard Keynes, The General Theory Of Employment, Interest, And Money (Macmillan Cambridge University Press, for Royal Economic Society in 1936, 1936)

Friedrich Engels, Del socialismo utópico al socialismo científico. (1880)

Javier Casares Ripol, El pensamiento en la política económica. España, ESIC Editorial, 2002

Paul A. Samuelson y William D. Nordhaus, Macroeconomía. 16ª ed. España: Madrid, McGraw Hill, 2001

Guadalupe Villalobos Monroy y René Pedroza Flores, "Perspectiva de la teoría del capital humano acerca de la relación entre educación y desarrollo económico". Tiempo de educar 10, n.º 20 (2009)

Milton Friedman, Libertad de elegir. España, Editorial Planeta-Agostini, 1992.

J. S. Zapata Callejas y M. C. Chávez Pinzón "Las corrientes ortodoxa y heterodoxa del desarrollo: Algunas nociones conceptuales", Opera, nº. 22 (2018)

Referências Fotográficas

Figura 1. Fessy, Georges. *La Bibliothèque nationale de France de Dominique Perrault, Portrait d'un projet 1988-1998*, 2018, Biblioteca nacional de Francia, París. 15 de Maio de 2019. <http://www2.ual.es/RedURBS/BlogURBS/el-vacio-en-la-arquitectura-espectacular/>

Figura 2. Munson, Sean. *Casa Malaparte*, 2010, © Flickr User: Sean Munson, Italia. 2 de junho de 2019. <https://www.revistaad.es/arquitectura/articulos/tesoros-ocultos-la-casa-malaparte-vivir-en-la-soledad-de-italia/22268>

Figura 3. Anónima. Torre Agbar, 2012, Plataforma digital barcelonatosee, Barcelona. 22 de junho de 2019. <https://www.barcelonatosee.com/es/torre-agbar-edificio-icono-arquitectura-barcelona/>

Figura 4. Taboada, Jorge. *Paraísos Siniestros*, 2018, Plataforma digital Archdaily, Monterrey. 27 de Maio de 2019. <https://www.eluniversal.com.mx/estados/la-estetica-y-la-tragedia-de-las-viviendas-de-interes-social#imagen-1>

Figura 5. Anónima. *[Arquitectura de Nueva Qurna]*, 2016, Plataforma digital Otro, Luxor. 8 de junho de 2019. <http://otrootroblog.blogspot.com/2016/11/arquitectura-y-pobreza.html>

Figura 6. Anónima. *[Arquitectura e informalidad. Viviendas en Lima, Perú]*, 2017, Plataforma digital Parlamento Chancay, Lima. 4 de Maio de 2019. <http://parlamentochancay.blogspot.com/2017/10/ladrillo-prohibidos-estan-en-9-de-cada.html>

Figura 7. Cooperación comunitaria. *Reconstrucción del hábitat en la montaña de Guerrero*, 2013, Plataforma digital Producción social del hábitat, México. 13 de junho de 2019.

Figura 8. Anónima, *Lunch atop a Skyscraper*, 1932. Nueva York. 15 de junho de 2019. <http://lachachara.org/2016/05/el-trabajo-la-marca-maldita-que-nos-dejo-la-revolucion-industrial/>

Figura 9. Anónima, *[Figuras Pritzker]*, 2012, Plataforma digital Bernús Arquitectos. 5 de Maio de 2019. <http://www.bernusarquitectos.com/inicio/noticias-arquitectura/como-se-elige-el-premio-pritzker/>

Figura 10. Foto de autor, *Oficina de electricidade, papelaria Sim-Sim*, 2016, © Facebook Profile: Há Baixa, Portugal. 5 de junho de 2019. <https://www.facebook.com/habaixa/photos/a.1246341265481112/1247360288712543/?type=3&theater>

Figura 11. Foto de autor, *Projeções no Palco do Romal*, 2016, © Facebook Profile: Há Baixa, Portugal. 7 de junho de 2019. <https://www.facebook.com/habaixa/photos/a.1246339795481259/1247390542042851/?type=3&theater>

Figura 12. Foto de autor, *Intervenção no patio da Cozinha Económica*, 2016, © Facebook Profile: Há Baixa, Portugal. 5 de junho de 2019. <https://www.facebook.com/habaixa/photos/a.1246340928814479/1247381558710416/?type=3&theater>

Figura 13. Foto de autor, *Intervenção no patio da Cozinha Económica*, 2016, © Facebook Profile: Há Baixa, Portugal. 14 de junho de 2019. <https://www.facebook.com/habaixa/photos/a.1246340928814479/1247377508710821/?type=3&theater>

Figura 14. Foto de autor, *Intervenção na Papelaria Sim-Sim*, 2016, © Facebook Profile: Há Baixa, Portugal. 14 de Maio de 2019. <https://www.facebook.com/habaixa/photos/a.1246341265481112/1247363902045515/?type=3&theater>

Figura 15. Foto de autor, *Oficina de desenho de mobiliário interior*, 2016, © Facebook Profile: Há Baixa, Portugal. 16 de junho de 2019. <https://www.facebook.com/habaixa/photos/a.1246341265481112/1247364075378831/?type=3&theater>

Figura 16. Foto de autor, *Visita às instalações das indústrias que apoiam o projecto*, 2016, © Facebook Profile: Há Baixa, Portugal. 16 de Maio de 2019. <https://www.facebook.com/habaixa/photos/a.1246329232148982/1247396058708966/?type=3&theater>

Figura 17. Foto de autor, *Construção de estruturas efémeras*, 2017, © Facebook Profile: Há Baixa, Portugal. 13 de junho de 2019. <https://www.facebook.com/habaixa/photos/a.1335930533188851/1335931159855455/?type=3&theater>

Figura 18. Hursley, Timothy. *[Primeiros encontros entre escola e comunidade]*, s.f., Plataforma digital Rural Studio, EUA. 11 de junho de 2019. <http://www.ruralstudio.org/about/purpose-history>

Figura 19. Hursley, Timothy. *[Descarga de materiais, Casa de Rose Lee Turner]*, 2014, Auburn University Rural Studio, Alabama EUA. 24 de Maio de 2019. <https://pagethink.com/v/blog-detail/Rose-Lee-Turner-House-by-Auburn-University-Rural-Studio/ak/>

Figura 20. Rural Studio, *[Momento de discussão de projecto]*, 2009, Auburn University Rural Studio, Alabama EUA. 4 de junho de 2019. https://www.moma.org/interactives/exhibitions/2010/small-scale-big-change/projects/house_viii_daves_house.html?fbclid=IwAR3fIFMGwm9XXpBp9mgaumoduquiXzLuOhsFSISIm7Cqv3p_SbOCEKKho7I

Figura 21. Anónima. *[Foto final do projecto Casa Butterfly]*, 1996, Plataforma digital Sfgate, Alabama EUA. 4 de junho de 2019. <https://www.sfgate.com/homeandgarden/article/REAL-LIFE-Samuel-Mockbee-showed-us-how-3306733.php>

Figura 22. Hursley, Timothy. *[Foto final do projecto Casa Butterfly]*, 1996, Plataforma digital Tmagazine, Alabama EUA. 4 de junho de 2019. <http://www.tmagazine.es/disenio/rural-studio/>

Figura 23. Hursley, Timothy. *[Construção da Casa Lucy, muro de carpete]*, 2002, Plataforma digital T8projects, EUA. 5 de junho de 2019. <http://www.t8projects.com/lucy.php>

Figura 24. Hursley, Timothy. *[Foto final do projecto Casa Butterfly]*, 1996, Plataforma digital Compo3t Blogspot. Alabama EUA. 4 de Maio de 2019. <http://compo3t.blogspot.com/2014/09/the-rural-studio-samuel-mockbee.html>

Figura 25. Hursley, Timothy. *Capela de Vidro*, 2000, Plataforma digital Archdaily, EUA. 2 de junho de 2019. <https://www.archdaily.com/508534/classic-architecture-with-a-social-agenda-1960-today/5371a0f9c07a80c692000089-classic-architecture-with-a-social-agenda-1960-today-photo>

Figura 26. Timothy Hursley, *[Inauguração da sede dos escuteiros de Parque Lions]*, 2014, Plataforma digital Plataforma arquitectura, EUA. 19 de Maio de 2019. <https://www.plataformaarquitectura.cl/cl/627026/scouts-en-parque-lions-auburn-university-rural-studio/53fd4486c07a8009620008d1>

Figura 27. Llorenç, Martí. *[Reunião com moradores de Can 60]*, s.f., Plataforma digital Publico, Barcelona. 19 de junho de 2019. <https://www.publico.es/sociedad/arquitectos-sanan-ciudades.html>

Figura 28. Arquitectos de Cabecera, *Miembros de Arquitectos de Cabecera con vecinos del barrio del Poble Nou*, s.f., Plataforma digital Publico, Barcelona. 13 de junho de 2019. <https://www.publico.es/sociedad/arquitectos-sanan-ciudades.html>

Figura 29. Anónima, *[Oficina de Atenção ao Cidadão, Exposição Piso Piloto]*, s.f., Plataforma digital Quaderns, Barcelona. 16 de junho de 2019. <http://quaderns.coac.net/es/2016/02/arq-de-capcalera/>

Figura 30. Anónima, *[Alunos e moradores reivindicando Can 60]*, s.f., Plataforma digital Quaderns, Barcelona. 14 de Maio de 2019. <http://quaderns.coac.net/es/2016/02/arq-de-capcalera/>

Figura 31. Arquitectos de Cabecera, *[Construção de dispositivos urbanos, Workshop AC]*, 2016, Plataforma digital Makeatuvida, Barcelona. 10 de junho de 2019. <https://www.makeatuvida.net/?p=12199>

Figura 32. Arquitectos de Cabecera, *[Construção de mobiliário urbano, Workshop AC]*, 2016, Plataforma digital Makeatuvida, Barcelona. 10 de Maio de 2019. <https://www.makeatuvida.net/?p=12199>

Figura 33. Köhler, Sophie. *[Discussão de projecto com habitante local sobre a sua casa]*, 2015, Centro de Cultura Contemporânea de Barcelona, Barcelona. 1 de junho de 2019. <http://atzarfilms.com/es/arquitectes-de-capcalera>

Figura 34. Anónima, *[Conversa entre alunos e Ibon Bilbao dentro do Piso Piloto]*, s.f., Plataforma digital Quaderns, Barcelona. 26 de junho de 2019. <http://quaderns.coac.net/es/2016/02/arq-de-capcalera/>

Figura 35. Anónima, *[Exercícios de exploração das dimensões habitacionais]*, s.f., Plataforma digital Idensitat, Barcelona. 24 de Maio de 2019. <https://www.idensitat.net/es/translocaciones/archivo-de-proyectos/1047-arquitectes-de-capcalera>

Figura 36. De Serres, Léonard. *[Momento de descontração dos trabalhadores de Le Lieu Unique]*, s.f., Plataforma digital Huffingtonpost, Nantes. 27 de junho de 2019. https://www.huffingtonpost.fr/elisabeth-pelegringenel/architecture-un-chantier-ouvert-au-public_b_5165800.html

Figura 37. De Serres, Léonard. [*Cafeteria Le Lieu Unique*], s.f., Plataforma digital Nantes-appart-hotel, Nantes. 7 de junho de 2019. <http://nantes-appart-hotel.com/le-lieu-unique-nantes/le-lieu-unique-2013-2/>

Figura 38. Weiner, Cyrille. [*Pavilhão francês, Bienal de Arquitetura de Veneza*], 2006, Plataforma digital Pinterest, Veneza. 7 de Maio de 2019. <https://www.pinterest.cl/pin/60446819976245385/?autologin=true>

Figura 39. Anónima, [*Construção de Siège Nature & Découvertes, Versailles*], s.f., Plataforma digital Nvbcom, Versailles. 3 de junho de 2019. <http://nvbcom.fr/siege-nature-decouvertes-versailles/>

Figura 40. Anónima, [*Crianças de visita à obra do Centro de Artes Circenses e Culturas Emergentes*], s.f., Plataforma digital Debatablelandsnewfrontiers, Francia. 15 de Maio de 2019. <https://debatablelandsnewfrontiers.wordpress.com/2019/02/10/patrick-bouchain/>

Figura 41. Anónima, [*Crianças de visita à obra do Centro de Artes Circenses e Culturas Emergentes*], s.f., Plataforma digital Debatablelandsnewfrontiers, Francia. 4 de junho de 2019. <https://debatablelandsnewfrontiers.wordpress.com/2019/02/10/patrick-bouchain/>

Figura 42. Julienne, Loïc. [*Momentos compartidos na obra de Les Bogues du Blat*], 2013, Plataforma digital A-demeure, Francia. 30 de Maio de 2019. <http://www.a-demeure.org/production/patrick-bouchain/>

Figura 43. Loïc Julienne, [*Construção de Les Bogues du Blat*], 2013, Plataforma digital A-demeure, Francia. 24 de junho de 2018. <http://www.a-demeure.org/production/patrick-bouchain/>

Figura 44. Juan Gabriel Pelegrina, [*Proceso de auto-construcción de los aularios "La Escuela Crece"*], 2015, Recetas Urbanas, Madrid. 23 de Maio de 2019. <https://tamtampress.es/2018/12/14/el-arquitecto-santiago-cirugeda-presenta-en-el-musac-la-publicacion-usted-esta-aqui/>

Figura 45. Pelegrina, Juan G. [*Proceso de auto-construcción del Aula de Convivencia, Montequino, Dos Hermanas*], 2017, Plataforma digital Arquitectura y diseño, Sevilla. 15 de junho de 2019. https://www.arquitecturaydiseno.es/arquitectura/veinte-anos-recetas-urbanas_2039

Figura 46. Pelegrina, Juan G. [*Proceso de auto-construcción de los aularios "Tretzevents", Sant Cugat del Vallès*], 2013, Plataforma digital Arquitectura y diseño, Barcelona. 4 de junho de 2019. https://www.arquitecturaydiseno.es/arquitectura/veinte-anos-recetas-urbanas_2039

Figura 47. Anónima, [*Intervenção Urbana Alegal*], s.f., Plataforma digital Ecococos, Sevilla. 1 de junho de 2019. <http://ecococos.blogspot.com/2011/01/recetas-urbanas-y-santiago-cirugeda.html>

Figura 48. Anónima, [*Autoconstrução das salas de aula "Tretzevents"*], 2013, Plataforma digital Ecococos, Barcelona. 16 de Maio de 2019. <http://ecococos.blogspot.com/2011/01/recetas-urbanas-y-santiago-cirugeda.html>

Figura 49. Recetas Urbanas, [*Autoconstrução do Open Play, Gotenberg*], 2019, © Facebook Profile: Recetas Urbanas, Suecia. 17 de junho de 2019. <https://www.facebook.com/126500177378564/photos/ms.c.eJw9ztsNxEAMQtGOVoYxfvTfWOTZOL9HVwim~:Cg9shlw~:nihYK5muhYIUO2GhbhF9FcUpzh uLzTygm3RYvZILCRmQ~ V~;CDNNUXUWjmYDIS8w5kd14AHXByXm.bps.a.2754357231259499/2754358211259401/?type=3&theater>

Figura 50. Recetas Urbanas, [*Expansão do Museo de Arte Contemporâneo*], 2015, Plataforma digital Designindaba, Castellón. 14 de junho de 2019. <https://www.designindaba.com/articles/creative-work/recipes-urban-subversion>

Figura 51. Recetas Urbanas, [*Centro Comunitario: Cañada Real*], 2019, © Facebook Profile: Recetas Urbanas, Madrid. 10 de Maio de 2019. <https://www.facebook.com/126500177378564/photos/p.2683841701644386/2683841701644386/?type=1&theater>

Figura 52. Recetas Urbanas, [*Inauguração de La Carpa, Espacio Artístico*], s.f., Plataforma digital Recetas Urbanas, Sevilla. 5 de junho de 2019. <https://www.recetasurbanas.net/v3/index.php/es/component/joomd/proyectos/items/view/la-carpa>

Figura 53. Federación Uruguaya de Cooperativas de Vivienda por Ayuda Mutua (FUCVAM), [*Proceso de Autoconstrução promovido pela FUCVAM*], 2019, Plataforma digital El diario, Uruguay. 23 de abril de 2019. https://www.eldiario.es/internacional/Propiedad-colectiva-especulacion-cooperativas-Uruguay_0_889611405.html

Figura 54. Corona, Livia. [*Exemplo de complexo habitacional social de Mexico*], s.f., Plataforma digital Magis. Iteso, México. 14 de Maio de 2019. <https://magis.iteso.mx/content/las-ruinas-que-dej%C3%B3-el-boom-de-la-vivienda-popular-en-m%C3%A9xico>

Figura 55. Cruz, Andrés. [*Reunião da PAH de Lo Blanco*], 2018, Plataforma digital La Provincia, España. 21 de Maio de 2019. <https://www.laprovincia.es/multimedia/fotos/gran-canaria/2018-05-23-126893-reunion-plataforma-afectados-hipoteca-blanco-teror.html>

Figura 56. Anónima, [Maior ocupação ilegal da America Latina, Torre David, Caracas], s.f., Plataforma digital Voanoticias, Venezuela. 25 de abril de 2019. <https://www.voanoticias.com/a/inician-desalojo-de-mega-invasion-en-caracas/1963210.html>

Figura 57. AAVV. *Cooperativas de Vivienda en Uruguay, Medio Siglo de experiencias*, [Complejo habitacional Cooperativo Malvín Norte, Montevideo], 2015, AAVV. Cooperativas de Vivienda en Uruguay, Medio Siglo de experiencias. Montevideo: UPV - Facultad de Arquitectura, Montevideo. 2 de junio de 2019. <https://nomada.uy/guide/view/attractions/4287>

Figura 58. López, J. M^a [*Complejo habitacional Cooperativo Bulevar Hartigas, Montevideo*], 2011, Plataforma digital Masqueunacasa, Uruguay. 2 de Maio de 2019. <http://www.masqueunacasa.org/es/experiencias/complejo-habitacional-bulevar-artigas-montevideo>

Figura 59. FUCVAM, [*Localização das cooperativas de habitação pertencentes à FUCVAM, Montevideo*], 2015, HIC-AL, Uruguay. 04 de junio de 2019.

Figura 60. Castagnello, Gustavo. *[Complexo habitacional de 710 habitações de 5 cooperativas]*, s.f., Plataforma digital Produccionsocialhabitat, Uruguay. 05 de junio de 2019. <https://produccionsocialhabitat.wordpress.com/galeria-de-casos/fucvam/#jp-carousel-1067>

Figura 61. Gustavo Castagnello, *[Exemplo de assembleia de uma cooperativa de vivenda]*, s.f., Plataforma digital Produccionsocialhabitat. Uruguay. 05 de Maio de 2019. <https://produccionsocialhabitat.wordpress.com/galeria-de-casos/fucvam/>

Figura 62. Anónima. *[Complexo habitacional Cooperativo Covivema V, Montevideo]*, 2017, Plataforma digital Anv.gub, Uruguay. 09 de junio de 2019. https://www.anv.gub.uy/grb/noticia.aspx?id_noticia=539

Figura 63. Castagnello, Gustavo. *[Processo Autocronstrução do complexo Covicofu]*, s.f., Plataforma digital Produccionsocialhabitat, Uruguay. 05 de Maio de 2019. <https://produccionsocialhabitat.wordpress.com/galeria-de-casos/fucvam/>

Figura 64. Federación Uruguay de Cooperativas de Vivienda por Ayuda Mutua, *[Processo Autocronstrução do complexo Covicofu]*, 2012, Plataforma digital Worl-Habitat, Uruguay. 10 de junio de 2019. <https://www.world-habitat.org/es/premios-mundiales-del-habitat/ganadores-y-finalistas/cooperacion-sur-sur-proyeccion-de-la-experiencia-del-modelo-fucvam-de-cooperativas-de-vivienda-por-ayuda-mutua/#award-content>

Figura 65. Anónima, *[Exemplos de Projectos de Atmósferas]*, s.f., Plataforma digital Atmosfera-arquitectura, Uruguay. 12 de junio. <https://atmosfera-arquitectura.com/atmosfera-coop-iat/>

Figura 66. Lacol, *Nahr el Bared, uno de los proyectos seleccionados, de CRNB y UNRWA*, 2015, Plataforma digital Paisajetransversal, España. 21 de Maio de 2019. <https://www.paisajetransversal.org/2015/10/construir-en-colectivo-la-participacion.html>

Figura 67. Anónima, *[Exemplo de oficina de participação cidadã]*, 2017, Plataforma digital Clarin, España. 15 de marzo de 2019. https://www.clarin.com/arq/medio-conflicto-independentista-barcelona-reafirma-identidad-buenos-aires_0_Hyfc-2znW.html

Figura 68. Lacol, *[Obra BlocOnze]*, s.f., Plataforma digital Hicarquitectura, España. 09 de Maio de 2019. <http://hicarquitectura.com/2013/08/lacol-rehabitar-el-bloconze-de-can-batllo/>

Figura 69. Lacol, *Intervención para crear un jardín improvisado en la calle Ciceró*, s.f., Plataforma digital Metropoliabierta, España. 09 de Maio de 2019. https://www.metropoliabierta.com/economia/empresas/lacol-cooperativa-arquitectos-activismo_1027_102.html

Figura 70. García, Àlex. *Vista panorámica de Can Batlló*, 2017, Plataforma digital Lavanguardia, España. 11 de Maio de 2019. <https://www.lavanguardia.com/local/barcelona/20170206/414053564376/can-batllo-vivero-cooperativas-coopolis-transformacion.html>

Figura 71. Lacol, *[Reunião aberta previa à intervenção no BlocOnze]*, s.f., Plataforma digital Hicarquitectura, España. 11 de Maio de 2019. <http://hicarquitectura.com/2013/08/lacol-rehabitar-el-bloconze-de-can-batllo/>

Figura 72. Lacol, [*Intervenção realizada no BlocOnze*], s.f., Plataforma digital Fundacionarquía, España. 14 de Maio de 2019. http://fundacion.arquia.es/pt/concursos/proxima/ProximaRealizacion/FichaDetalle?idrealizacion=5509&galeria_id=10084

Figura 73. Lacol, [*Edificio de habitação Cooperativa La Borda*], 2019, Plataforma digital Eldiario, España. 03 de Maio 2019. https://www.eldiario.es/catalunya/Borda-covivienda-especulacion-inmobiliaria-Barcelona_0_870713789.html

Figura 74. Lacol, [*Patio interior edificio de habitação Cooperativa La Borda*], s.f., Plataforma digital Afasiaarchzine, España. 11 de abril de 2019. <https://afasiaarchzine.com/2019/02/lacol/lacol-cooperativa-dhabitatge-la-borda-barcelona-afasia-2/>

Figura 75. Lacol, [*Patio interior edificio de habitação Cooperativa La Borda*], s.f., Plataforma digital Lacol, España. 04 de Maio de 2019. <http://www.lacol.coop/>

Figura 76. Anónima. [*A realidade da arquitectura informal*], s.f., Plataforma digital Diario de ciencias, Argentina. 01 de junio de 2019. <http://www.diariodeciencias.com.ar/vida-urbana-los-asentamientos-informales-los-pobres-no-necesitan-arquitectura-pobre-arquitectos-de-prestigio/>

Figura 77. León, Laura. *Jornaleros trabajan en los cultivos del municipio sevillano de Marinaleda*, 2009, New York Times, España. 16 de mayo de 2019. <https://www.20minutos.es/noticia/470798/0/marinaleda/reportaje/new-york-times/>

Figura 78. D.B., *Calle de viviendas sociales en Marinaleda*, s.f., Plataforma digital Elconfidencial, España. 16 de mayo de 2019. https://www.elconfidencial.com/elecciones-municipales-y-autonomicas/2019-05-31/gordillo-tinieblas-marinaleda-viviendas-sociales-oposicion_2048070/

Figura 79. Anónima, [*Participação dos moradores na construção das suas vivendas*], s.f., Plataforma digital Marinaleda, España. 17 de mayo de 2019. <http://www.marinaleda.com/viviendas.htm>

Figura 80. Julián Rojas, *Mujeres de la cooperativa envasando alcachofas*, 2013, Plataforma digital Elpais, España, 21 de mayo de 2019. https://elpais.com/politica/2013/11/22/actualidad/1385149200_467591.html

Figura 81. Anónima. [*Juan Gordillo e habitantes de Marinaleda em assembleia*], 2014, Plataforma digital Huffingtonpost, España. 19 de mayo de 2019. https://www.huffingtonpost.es/2014/11/11/marinaleda-gordillo-lecciones_n_6141040.html

Figura 82. Anónima, [*Protesta dos campesinos de Marinaleda*], s.f., Plataforma Dia32, España. 19 de mayo de 2019. <https://www.dia32.com.ar/utopia-hecha-realidad/>